

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ (UFPR)

Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes

Programa de Pós-Graduação em Sociologia

Thiago Farias da Fonseca Pimenta

**A CONSTITUIÇÃO DE UM SUB CAMPO DO ESPORTE: O CASO DO
TAEKWONDO**

CURITIBA

2007

Thiago Farias da Fonseca Pimenta

**A CONSTITUIÇÃO DE UM SUB CAMPO DO ESPORTE: O CASO DO
TAEKWONDO**

Dissertação de Mestrado defendida como pré-requisito para a obtenção do título de Mestre em Sociologia, no Departamento de Sociologia. Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná, ano 2007. Orientador: Prof. Dr. Wanderley Marchi Júnior.

CURITIBA

2007

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos meus pais – Dayse Farias da Fonseca e José Eduardo Pimenta e a minha irmã Nicole Pimenta – que sempre me apoiaram e continuarão me apoiando sempre;

A minha Dri pelo incansável esforço, por me auxiliar objetiva e subjetivamente nesta dissertação e, acima de tudo, pela paciência que teve para suportar meus momentos de impaciência;

Aos meus amigos Tony Honorato, Felipe Marta, que nunca cansaram de me apoiar; Leônidas Machado, Luciana Regina Redondo, Carla Marques pelas dicas, apoio e confiança e Julia Alves, companheira e amiga neste mestrado;

Dedico a professora Dagmar Hunger, banca de mestrado, sem ela nada disso seria possível. Desde o começo presente;

Ao grande mestre, professor Wanderley Marchi Jr. pelo excelente trabalho de orientação, dicas pessoais e profissionais, horas de leitura, aulas e acima de tudo pela paciência e dedicação. Obrigado por ter se mostrado meu amigo além de orientador;

Familiares e próximos que com seu pensamento estiveram sempre presentes.

AGRADECIMENTO

A Deus, Divino Espírito Santo pela força e conquistas;

Agradecimentos aos mestres que dedicaram seu limitado tempo a mais uma tentativa de engrandecimento dos estudos referentes às artes marciais;

Agradecimento a Sueli, secretária do departamento de pós graduação em sociologia da Universidade Federal do Paraná pelo esforço, dedicação e nobre serviço prestado;

Agradecimento ao professor Marcio de Oliveira do departamento de sociologia por não medir esforços para o auxílio do trabalho e auxiliar-me na construção de meu pensamento sociológico.

“Palavras verdadeiras podem não ser agradáveis, palavras agradáveis podem não ser verdadeiras”. (provérbio chinês)

RESUMO

As artes marciais hoje, constituem-se em atividades que, em sua maioria, respondem como modalidade esportiva. O presente trabalho discute a relação de uma dessas manifestações corporais, o Taekwondo, com o esporte moderno buscando-se identificar os fatores históricos, sociais, econômicos e políticos envolvidos em seu processo de esportivização e procurar evidências de uma ruptura entre os valores filosóficos orientais para o esporte de combate mais praticado no mundo, presente no quadro de modalidades de demonstração desde os jogos olímpicos de Seul em 1988 e inserido no quadro oficial de modalidades olímpicas desde o ano de 2000 nos jogos olímpicos de Sydney. Com o objetivo de identificar o Taekwondo inserido no universo esportivo, buscou-se nas bibliografias, conceitos, definições e os processos configuracionais do esporte moderno, identificando os fatores que levaram práticas essencialmente amadoras locais, de busca de benefícios intrínsecos (defesa de território, manutenção do equilíbrio vital, busca de estilo de vida pautado em preceitos filosóficos orientais), para uma prática majoritariamente espetacular. No sentido de tornar mais completa a análise do Taekwondo presente no contexto esportivo e principalmente, suas possíveis forças hegemônicas, optou-se pelo referencial teórico do sociólogo francês Pierre Bourdieu o que possibilitou evidenciar a existência de um *campo esportivo* que engloba agentes sociais, ocupantes de postos específicos que, constantemente buscam, através de lutas, capitais econômicos, políticos e simbólicos. Traçando um paralelo conceitual e metodológico procurou-se utilizar a crítica configuracional de Norbert Elias no intuito de compreender as diversas interações no sub-campo do Taekwondo, a relação social que esta modalidade possui como agregada a configuração esportiva e, conseqüentemente qual seu papel nas teias de inter-relações do campo do esporte. Apenas a revisão de literatura não responde aos objetivos propostos, neste sentido, utilizou-se a técnica de entrevista semi-estruturada com os agentes responsáveis pela disseminação desta arte marcial no País: os mestres. Os entrevistados são ícones do Taekwondo mundial. A análise de seus depoimentos demonstra-se pertinente ao tratar-se dos processos sociais que esta manifestação corporal sofreu dada a história pessoal destes agentes e sua importância simbólica na hierarquia deste sub-campo. Considerou-se: a) que as evidências advindas de um processo evolutivo social não planejado formam a estrutura na qual o Taekwondo assentou seu arcabouço corporal, cultural, econômico, político e social, b) o Taekwondo foi criado como uma modalidade esportiva que visa a divulgação de um país física, estrutura e moralmente abalado por uma série de conflitos belicosos, c) sua divulgação como um esporte coreano, dá o valor simbólico necessário para a publicação e o desenvolvimento de uma moral nacional dando o esporte o caráter diplomático que garante sua passagem pelo mundo, d) a exposição do Taekwondo alavancou um processo de imposição da nacionalidade coreana, uma forma de violência simbólica exigida como necessidade constante.

Palavras-chave: Esporte. Taekwondo. Campo. Configuração.

ABSTRACT

Martial Arts today are composed of activities in which most of it are sports modalities. The present work discusses the connection of one of these corporal modalities with this modern sport that is Taekwondo. This work aims to identify historical, social, economical and political elements in its sports process and also search evidences of a “break” between oriental philosophical values for the most performed combat sport in the world, present into modalities board of demonstration since Seoul Olympic games in 1988 and inserted into the official board of Olympic modalities in Sidney, since 2000. Aiming to identify Taekwondo into sports universe, we have searched into bibliographies, concepts, definitions and configurative processes of a modern sport, to identify elements that conducted to local amateur practices which aim intrinsic benefits as territory defense, vital equilibrium, search a life stile based on oriental philosophical principles in order to get an essential spectacle practice. In order to become this analysis more complete, it was chosen to work with the theoretic referential of Pierre Bourdieu, a frenchman sociologist who helped to make evident the existence of a “sportif field” where he joins social agents who looked for economic, political, and symbolic capital taking advantage of fights. Drawing a conceptual and methodological parallel we worked with Norbert Elias configurative analysis in order to understand the various interactions into Taekwondo under-field, the social relation this modality occupies as a sports configuration and, consequently to define which is its roll into sports field relations. Only a literacy review does not respond to the objectives proposed, so that it was used a semi-structured technique interview leaded by agents in charge of Taekwondo dissemination: the masters. They are considered icons of Taekwondo world. Their testimony analysis is pertinent when concerns about social processes that this corporal expression experimented because of the personal history of these agents and its symbolic importance into this hierarchy. It has been considered the evidences resultant of an evolutional process does not planned that constitutes the Taekwondo structure in which was settled its corporal, cultural, economical, political and social framework. Taekwondo was created as a sports modality that aims the propagation of a country, moral, corporal and physical touched because of many warlike conflicts. Its propagation as a Korean sport provided a necessary symbolic value to a developing of a national moral offering to the sport a diplomatic character and guaranties its passage through the world. The Taekwondo exposition developed a process of Korean nationality order, a symbolic way as a constant need.

Key words: Sports. Taekwondo. Field. Configuration.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	1
2 DELIMITANDO O ESPORTE MODERNO.....	14
2.1 O Esporte moderno e os estudos sociológicos.....	14
2.2 Esporte e burguesia: uma relação configuracional.....	23
2.3 A constituição do campo esportivo.....	36
3 TAEKWONDO: UMA HISTÓRIA PECULIAR.....	88
3.1 Subsídios históricos das artes marciais coreanas.....	88
3.2 Um outro “DO”: O comunismo e o capitalismo como valores seculares no Taekwondo.....	96
3.3 Princípios filosóficos do passado e princípios filosóficos de hoje: adequações ao universo capitalista.....	117
3.4 Taekwondo e Brasil: Referenciais para a compreensão do sub-campo do Taekwondo.....	127
4 A CONSTITUIÇÃO DO SUB-CAMPO ESPORTIVO PELO DISCURSO DOS MESTRES.....	135
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	163
6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	175

7 REFERÊNCIAS ELETRÔNICAS..... 181

8 REFERÊNCIAS DAS ENTREVISTAS..... 182

ANEXOS

ANEXO A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

ANEXO B – Entrevista: Mestre Fábio Goulart – Santos – 24/01/2006

ANEXO C – Entrevista: Mestre Kun Mo Bang – Marília 07/02/2006

ANEXO D – Entrevista: Mestre Carlos Negrão – DEF Baby Bariony / São Paulo -
02/05/2006

ANEXO E – Entrevista: Mestre Carlos Kiyoshi – Soc. Esportiva Palmeiras / São
Paulo – 03/05/2006

ANEXO F – Entrevista: Mestre José Gomes Lemos – Heywa Dojo / São Paulo –
24/01/2007

ANEXOS

ANEXO A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido aos Mestres

1 INTRODUÇÃO

As artes marciais hoje, constituem-se em atividades que, em sua maioria, respondem como modalidade esportiva. Não são poucos os torneios, campeonatos e patrocinadores dispostos a oferecer diversas formas de capital às “novas promessas” do Jiu-Jitsu, Judô, Karatê e Taekwondo. As maiores expressões destas práticas no cenário espetacular hoje, são em formatos de torneios dos chamados “vale tudo” – combates entre praticantes de artes marciais distintas – constantemente veiculados pelos meios de comunicação, especialmente pela TV.

O aumento da divulgação dessas atividades em forma de transmissões de campeonatos, contratação de comentaristas especializados, demonstrações de algumas técnicas em novelas e filmes é um dos fatores visíveis que aumenta a oferta deste “produto específico”.

A falta de compreensão do público, associada às informações superficiais advindas dos meios de comunicação e de grande parte da bibliografia referentes às artes marciais, contribui de maneira efetiva para a manutenção do distanciamento que possui a massa, no que concerne aos determinantes de ordem sociológica destas atividades. Veículos de comunicação, como a TV principalmente, tratam destas manifestações corporais como atividades de valor filosófico, de características místicas e transcendentais, muitas vezes marginalizando os processos históricos e sociais que contribuíram para a formação desta estrutura.

As artes marciais, neste caso as do extremo oriente¹, configuram-se em atividades de alto valor cultural devido às suas histórias particulares datadas de milhares de anos.

Portanto, a partir de um processo de evolução na estrutura do pensamento, do místico ao racional (que contribuiu para um processo de secularização das atividades corporais e conseqüentemente das artes marciais), do avanço do capitalismo (culminando em processos de valorização das atividades físicas como produtos específicos voltados para a acumulação de bens econômicos) e, conseqüentemente, de um crescente aumento da veiculação das atividades físicas nos meios de comunicação, as artes marciais, atividades criadas com fins inicialmente bélicos, adquiriram características de esporte, ou seja, visam a competição, a rivalidade, os benefícios extrínsecos e a vitória a qualquer preço. Tais características, por sua vez, desvinculam-se dos objetivos primos dessas artes orientais, uma vez que seu embasamento é fundamentalmente religioso.²

Neste sentido, as artes marciais do extremo oriente em especial, são hoje, parte integrante da cultura corporal tanto quanto esporte de alto nível como, quantitativamente em menor grau, atividades que proporcionam um equilíbrio vital e a defesa pessoal do praticante. Recentemente, criaram-se manifestações corporais que se apropriaram da estética de seus movimentos para ganho de *status* no interior do universo da cultura corporal de movimento e que constantemente adquirem mais adeptos. Luzentes exemplos são o “Tae Bo”, que oferece intenso exercício,

¹ Enfatiza-se, as artes marciais do extremo oriente, pois a seqüência do trabalho objetivará as explicações de ordem política, social e econômica do Taekwondo, arte marcial coreana. Contudo, reconhece-se as artes marciais que têm como origem o oriente médio e ocidente como o Tahtib, arte marcial de origem egípcia, o Krav Maga, arte marcial de origem israelense e a capoeira de origem brasileira, mas embasados em referenciais místicos africanos.

² MARTA, F. E. F.; PIMENTA, T. F. F. **Os princípios filosóficos do Taekwondo no discurso dos mestres**: relatório final apresentado ao conselho nacional de desenvolvimento a pesquisa (Cnpq) como exigência para finalização de bolsa de iniciação científica, PIBIC. Bauru: UNESP, 2001.

combinando rotinas próximas às artes marciais orientais como o kickboxing e o Taekwondo. Outra manifestação semelhante é o “Body Combat”, uma aula aeróbia que combina movimentos como golpes de punho, chutes, joelhadas e deslocamentos derivados de várias atividades consideradas de autodefesa e artes marciais, como o Karatê, o Boxe, o Tai-chi-chuan e Kick Boxing. Mas estas manifestações corporais não se definem como tal por não possuírem os valores históricos constitutivos e configuracionais das artes marciais.

O presente trabalho discute a relação de uma dessas artes marciais, o Taekwondo, com o esporte moderno, uma vez que sua atual conjuntura evidencia processos que demonstram ser de grande valia ao tratar-se de fenômenos da cultura corporal.

Ou seja, busca-se identificar os fatores históricos, sociais, econômicos e políticos envolvidos em seu processo de esportivização e procura-se evidências de uma possível ruptura entre os valores filosóficos orientais desta manifestação corporal para um esporte de valores capitalistas de rendimento praticado hoje em 170 países com mais de 20 milhões de adeptos³, presente no quadro de modalidades de demonstração desde os jogos olímpico de Seul em 1988 e inserido no quadro oficial de modalidades olímpicas nos jogos olímpicos de Sydney no ano de 2000.

Com o objetivo de identificar o Taekwondo inserido no universo esportivo, buscou-se nas bibliografias, conceitos, definições e os processos configuracionais do esporte moderno. As recentes referências⁴, por sua vez, situam este fenômeno

³ KIM, Y. J. **Taekwondo: arte marcial coreana**. São Paulo: ed. Thirê, v. 2, 2000. p 20.

⁴ BOURDIEU, P. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

BOURDIEU, P. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

BROHM, J. **Sociologie politique du sport**. França, 1976.

GUTTMANN. A, **From ritual to Record**. New York: Columbia University Press, 1978.

em um universo econômico e político, caracterizando-o, como um *locus* onde é possível identificar profissionais específicos, mantenedores de um espetáculo esportivo. Nesta perspectiva, identificar estas forças estruturantes do esporte moderno é optar por uma análise de conjuntura, uma vez que: “[...] é necessário identificar os ingredientes, os atores, os interesses em jogo. Fazer isso é fazer análise de conjuntura”.⁵

Portanto, entende-se o esporte, como instituição que historicamente transformou-se de instituição marginal e pouco valorizada em instituição central muito mais valorizada. Na análise configuracional de Norbert Elias (1980) as estruturas e instituições, são criadas, mantidas e defendidas por seres sociais. Sendo assim, constituintes de padrões altamente mutáveis e inconstantes, pois que a sociedade “exerce influência sobre cada ser humano, cada eu individual⁶”, moldando o que se chama de *habitus* de cada ser social, sendo este o “inspirador” de suas ações.

Partindo-se desta afirmação, pretendeu-se identificar os fatores e interesses que levaram uma prática essencialmente amadora local, de buscas de benefícios intrínsecos (defesa de território, manutenção do equilíbrio vital, busca de estilo de vida pautado em preceitos filosóficos orientais), para uma prática majoritariamente espetacular, onde a intenção é, também, a aquisição de benefícios extrínsecos (dinheiro, mercadorias, prêmios, *status*, capital financeiro).

Acompanhando esta esteira de pensamento, Eric Dunning (1979) afirma que o esporte adquiriu uma possível seriedade, transformou-se em uma instituição repleta de dirigentes, técnicos, relações públicas, administradores e publicitários, que em número, muitas vezes, ultrapassam a quantidade de atletas. Provavelmente,

⁵ SOUZA, H. J. **Análise de Conjuntura**. 17. ed. Petrópolis: Vozes, 1997. p. 7.

⁶ ELIAS, N. **Introdução à sociologia**. Lisboa: Edições 70, 1980. p. 21.

o que Norbert Elias chamaria de um “*processo evolutivo social cego, não planejado, de longa duração*”, pois:

[...] não constitui o resultado de ações intencionais de qualquer indivíduo único ou grupo, mas antes, o resultado inesperado do entrelaçar de ações intencionais dos membros de vários grupos interdependentes, ao longo de muitas gerações.⁷

Objetivando reinterpretar as principais forças que levaram a prática do Taekwondo ao caráter de espetáculo, buscou-se inspiração no modelo de análise de Elias, proposto por Dunning (1992), ou seja, procurou-se evitar três espécies de explicações sociológicas ditas vulgares:

- a) explicações em termos de princípios psicológicos ou de “ação”, ignorando os padrões de interdependência em que os seres humanos vivem;
- b) explicações em termos de ideais ou de crenças que são tratadas sob o ponto de vista conceitual como sendo “desinseridas”, isto é, separadas dos quadros sociais em que as idéias sempre se desenvolveram e expressaram, e;
- c) explicações em termos de forças “econômicas” que são reificadas e consideradas como se existissem de maneira independente dos seres humanos interdependentes que as originaram.⁸ Portanto, procurando abster-se de responder às questões sociológicas referentes ao processo de transição e ruptura dos valores do Taekwondo baseando-se em conceitos pré-definidos, acrícos e a - históricos.

Tais formas de explicações são características dos estudos configuracionais elisianos contrastando com um tipo dominante de formação de conceitos que se desenvolvem sobretudo na investigação de objetos. “Há figurações de estrelas,

⁷ DUNNING, E. A dinâmica do desporto moderno. In: ELIAS, E.; DUNNING, E. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992. p. 301.

⁸ DUNNING, loc. cit.

assim como de plantas e animais. Mas apenas os seres humanos formam figurações uns com os outros”.⁹ Portanto, intenciona-se, indicar as instituições e seus agentes específicos que procuram reger esta arte marcial como esporte de alto nível, observando as possíveis transformações pelas quais passou. Um trecho do livro *Ofício de Sociólogo* de Pierre Bourdieu (2004) ilustra a necessidade constante da busca pela superação dos conceitos pré-definidos, o que, por sua vez é a ambição deste trabalho que se utiliza do arcabouço metodológico das ciências humanas – história e sociologia – para articulação das idéias referentes ao esporte e ao Taekwondo:

Além do fato de que, ao recorrer a fatores que são por definição trans-históricos e transculturais, corremos o risco de dar como explicação isso mesmo que deve ser explicado, ficamos condenados, na melhor das hipóteses, a explicar somente o aspecto em que as instituições se assemelham, deixando escapar, como afirma Lévi-Strauss, o que faz sua especificidade histórica ou originalidade cultural.¹⁰

Procurou-se conceituar o Taekwondo e o esporte moderno no contexto social, político e econômico em que este, no tempo presente, encontra-se inserido, evitando analisar tais instituições como “máquinas” independentes dos seres sociais dotados de *habitus* que as criaram e que as constituem.

No sentido de tornar mais completa a análise do Taekwondo presente no contexto do esporte e principalmente, suas possíveis forças hegemônicas, optou-se pelo referencial teórico do sociólogo francês Pierre Bourdieu¹¹ e do sociólogo alemão Norbert Elias. A utilização de seus referenciais teóricos foi utilizada neste

⁹ ELIAS, N. **Escritos e ensaios 1: Estado, processo, opinião pública**. Org: Frederico Neiburg e Leopoldo Waizbort. Rio de Janeiro: ed. Jorge Zahar, 2006. p. 25.

¹⁰ BOURDIEU, P.; CHAMBOREDON, J.; PASSERON, J. **Ofício de sociólogo**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2004. p. 30-31.

¹¹ Especificamente: *Razões práticas: sobre a teoria da ação* (1996), *O poder simbólico* (2004), *Ofício de sociólogo* (2004), *Coisas ditas* (1990), *Programa para uma sociologia do esporte* (1990), *Questões de sociologia* (1983).

trabalho por mostrarem-se pertinentes e atualizadas ao tratar das manifestações do esporte moderno e dos agentes que o constituem.

Pautando a análise do conteúdo na teoria dos *campos* de Bourdieu, é possível reconhecer a existência de um *campo esportivo* que engloba agentes sociais, ocupantes de postos específicos e que, constantemente buscam, através de lutas, capitais econômicos, políticos e simbólicos.

Traçando um paralelo conceitual e metodológico procurou-se aliar a crítica configuracional de Norbert Elias¹² no intuito de compreender manifestações de interdependências no universo do Taekwondo, a relação social que esta arte marcial possui como agregada ao cenário esportivo e, conseqüentemente qual seu papel na teia de inter-relações.

Portanto, se o Taekwondo é compreendido também como esporte, conseqüentemente, entendendo esporte como instituição possuidora de padrões hierárquicos, econômicos, políticos e simbólicos, ou seja, como fenômeno sociologicamente inconstante – inspirando-se no referencial teórico de Pierre Bourdieu¹³ (1990) – procurou-se:

- a) analisar quais os aspectos que o definem como esporte;
- b) evidenciar os objetivos dos agentes desta arte marcial em mantê-lo como esporte;
- c) reconhecer a posição que o Taekwondo como esporte, ocupa no espaço dos esportes;
- d) reconhecer as forças que o regem e o mantém no mundo dos esportes;

¹² Especificamente o processo civilizador (1990 - 1993), Sociedade de Corte (2001), Introdução à sociologia (1980) e a busca da excitação (1985).

¹³ BOURDIEU, 1990.

e) descobrir evidências de uma possível acentuação da ruptura entre suas características filosóficas – religiosas – orientais para uma prática de valores capitalistas de competição e rendimento.

Apenas a revisão de literatura não responde aos objetivos propostos, dado que as referências bibliográficas concernentes ao Taekwondo são limitadas no que dizem respeito aos determinantes que tratam de suas transições. Neste sentido, utilizou-se a técnica de entrevista semi-estruturada com os agentes responsáveis pela disseminação desta arte marcial no País: os “mestres”.

Torna-se pertinente explicitar que estes seres sociais são denominados constantemente de “mestres”, sendo este um atributo hierárquico elevado no interior do universo das artes marciais o que, por sua vez, denota a importância simbólica e objetiva destes professores e disseminadores do Taekwondo.

O critério de seleção destes agentes para a participação do trabalho pautou-se pelo reconhecimento que este grupo de indivíduos possui no universo da modalidade Taekwondo e de uma arte marcial que não possui as particularidades de um esporte como o Aikido. Quatro dos entrevistados são ícones do Taekwondo mundial e nacional. Todos possuem em seus currículos a autoridade de serem técnicos da seleção brasileira, paulista e um deles ser um dos responsáveis pela inserção do Taekwondo em solo brasileiro, conjuntamente com o “mestre” de Aikido, representante do quadro de dirigentes desta prática no Brasil.

A utilização da técnica de entrevista semi-estruturada foi fundamental para identificar, de acordo com Souza¹⁴ (1997) os acontecimentos, cenários, atores, relações de forças e a articulação entre “estrutura” e “conjuntura”, possibilitando:

¹⁴ SOUZA, op. cit., p. 9.

- a) identificar e situar, em períodos de tempo específicos, os principais fatos históricos e sociais que levaram o Taekwondo a tornar-se um esporte e se esta transformação acarretou uma possível perda de seus valores filosóficos;
- b) situar em qual período da história e em que contexto social ocorreu o início de um processo de esportivização desta arte marcial;
- c) quais os agentes específicos responsáveis pela introdução e manutenção do Taekwondo no universo dos esportes;
- d) quais os objetivos e possíveis intenções pessoais destes agentes em identificar esta arte marcial como um esporte e qual a relação do Taekwondo no universo das relações entre oferta e procura dos produtos esportivos específicos.

Interrogá-los possibilitou registrar o papel de um grupo de agentes desta arte marcial e do esporte na história das relações entre as forças políticas e econômicas do universo esportivo e da arte marcial, permitindo reconhecer, de acordo com Le Goff (1992):

[...] a existência do simbólico no interior de toda a realidade histórica (incluída a econômica), mas também confrontar as representações históricas com as realidades que elas representam e que o historiador apreende mediante outros documentos e métodos – por exemplo, confrontar a ideologia política com a práxis e os eventos políticos. E toda história deve ser uma história social.¹⁵

O presente trabalho foi estruturado e subdividido em quatro capítulos. Inicialmente a presente introdução, o segundo intitulado: delimitando o esporte moderno. O terceiro: contribuições para a construção de um sub-campo. E ao quarto lhe foi incumbida a tarefa da discussão das entrevistas.

No intuito de distinguir um sub-campo do Taekwondo agregado ao campo esportivo, entende-se a necessidade de se delimitar o esporte moderno. Portanto,

¹⁵ LE GOFF, J. **História e memória**. Campinas: Unicamp, 1992. p. 12.

procurou-se evidenciar o esporte e suas características que lhe são caras, apontando a importância dos estudos de ordem sociológicos à esta manifestação corporal e fenômeno social.

Utilizando-se o referencial teórico do sociólogo alemão Norbert Elias estendeu-se a análise para os processos de monopolização de propriedade, violência e tributação no ocidente para se reconhecer a formação de uma constante interdependência que, por sua vez, influenciou a formação de instituições de ordens cada vez mais hierarquizadas e burocratizadas tornando seus valores mais “sérios”, encontrando-se o esporte nesta conjuntura.

Delimitada a constituição do esporte moderno e, por sua vez, sua intrínseca relação com a sociedade burguesa de início do século XVIII até hoje, passou-se à explicação do espaço esportivo explanando as idéias do sociólogo francês Pierre Bourdieu referente a campo e por sua vez suas estruturas inter-relacionadas como *habitus*, agentes, capitais, poder e interesses.

Alocadas suas proposições, estas foram transpassadas à história do Taekwondo, reconhecendo esta manifestação corporal e social como um sub-campo do esporte.

Neste contexto, o reconhecimento de sua história e dos processos sociais, econômicos e políticos coreanos envolvidos em um possível processo de formação de um esporte Taekwondo tornou-se elemento obrigatório de análise, sendo, portanto retratados no terceiro capítulo.

A reconstrução de sua historicidade não limitou-se à explanação de episódios do antigo oriente, ou da história coreana. Tais acontecimentos foram utilizados como recursos para a construção de um cenário constituído por agentes sociais

específicos e interdependentes que buscavam formas distintas de apropriação de capitais.

Esses capitais, definidos como econômicos, culturais, simbólicos e sociais foram agenciados por indivíduos inseridos no topo da hierarquia de um sistema complexo, como era o campo das artes marciais coreanas, desde o início de seus registros históricos.

Esse agenciamento pode ser visto na continuação da terceira parte do trabalho ao se relacionar os valores característicos das artes marciais orientais, em especial o Taekwondo, à estrutura econômica e política da Coreia e aos seus padrões hierárquicos e simbólicos que legitimam suas atitudes e comportamentos. A esta altura o trabalho objetiva estabelecer uma possível equidade entre o processo civilizador no ocidente com um provável processo civilizador no oriente (em específico na Coreia), uma vez reconhecido que as artes marciais da antiga Coreia sofreram influência de um processo de padronização de atitudes alheias contribuindo para o rompimento das artes marciais coreanas com seus padrões e origens bélicas e religiosas, fundando suas estruturas e valores em modelos seculares.

Esses padrões de comportamento seculares entre os agentes das artes marciais coreanas ganham evidência ao se interligar a estrutura hierárquica de seus agentes aos regimes políticos como o capitalismo e o comunismo na Coreia, identificados no quarto capítulo.

Ainda que o trabalho enfoque características de destaque da Coreia do Sul – de influência capitalista – em alguns aspectos foi necessário considerar tanto a existência de uma única nação, como da Coreia do Norte (República Popular Democrática da Coreia), uma vez que a seqüência explicativa do trabalho perpassa

possíveis similaridades e variantes históricas anteriores ao processo de divisão entre as Coréias.

Com a utilização de fragmentos de entrevistas com os agentes do Taekwondo no país¹⁶, buscou-se estabelecer comparações entre os primeiros princípios filosóficos das primitivas artes marciais coreanas, inspirados por uma estrutura religiosa e bélica, aos princípios filosóficos citados nos dias de hoje pelos agentes disseminadores do Taekwondo e manuais de regras, procurando indícios da responsabilidade de um processo civilizador coreano que possivelmente contribuiu para a construção de novos valores filosóficos e portanto, abrindo margem para a construção de um sub-campo do esporte através dos interesses dos agentes desta arte marcial que ao encontrarem-se no cerne de um processo evolutivo social não planejado, orientaram estratégias pertinentes ao quadro social vivenciado.

Ao serem explanadas as instituições e agentes interdependentes do campo das primeiras artes marciais coreanas e do Taekwondo viu-se a necessidade de fazer uso da técnica de entrevista semi-estruturada com os agentes específicos. Seus discursos utilizados no decorrer do terceiro capítulo serão melhor discutidos no desenvolvimento do quarto capítulo, sendo este o responsável pela discussão e análise das entrevistas.

Em seqüência, buscou-se delimitar as séries de acontecimentos histórico-sociológicos responsáveis pela atual conjuntura desta manifestação corporal e, por sua vez, da atual estrutura de pensamento dos atuais disseminadores do Taekwondo do Brasil, que, através de suas entrevistas, trouxeram elementos circunstanciais para a análise da constituição desta prática como esporte em todo o mundo. A esta tarefa incumbiu-se às considerações finais.

¹⁶ O autor possui um acervo com 18 entrevistas com 12 mestres realizadas nos 7 anos de pesquisa referentes ao Taekwondo.

Ao final do trabalho encontram-se na íntegra os depoimentos dos quatro entrevistados responsáveis pela disseminação do Taekwondo e do agente do Aikido e as questões dirigidas a cada um, subdivididas em categorias de análises: Características do Taekwondo como arte marcial, características do Taekwondo como esporte, Taekwondo: arte marcial ou esporte. Ao agente disseminador do Aikido as perguntas levantadas foram subdivididas a partir da necessidade de realizar comparações no intuito de incitar mais indagações referentes ao esporte Taekwondo.

A esta altura cabe destacar que a escolha pelo tema não foi destituída de envolvimento e historicidade do autor. Foram cinco anos de estudos referentes aos processos de transformação social do Taekwondo, incluindo os estudos de seus princípios filosóficos e sua inclusão no universo dos jogos olímpicos. Aliado aos estudos de natureza acadêmica, soma-se a experiência do autor na prática: seis anos como atleta profissional, quatro vezes campeão paulista, vice-campeão paulista, campeão do sudeste brasileiro e campeão pan-americano em 1995. Entende-se, portanto que a associação da teoria com a prática foi de fundamental importância para a melhor compreensão dos processos que, provavelmente, influenciam a inserção do Taekwondo no contexto esportivo.

2 DELIMITANDO O ESPORTE MODERNO

2.1 O esporte moderno e os estudos sociológicos

Descrever a importância do esporte na sociedade moderna exemplificando diversos fatos que possam comprová-la pode ser um tanto perigoso, pois o risco imediato é a explicação por especulações ou por pré-noções. Isso decorre devido ao fato da constante presença “esportiva” que permeia a fala do ser social acometido pelas diversas formas de transmissões esportivas por parte dos meios de comunicação de massa.

Determinada característica é um dos pontos fulcrais que afirma o esporte como um fato social. De acordo com Émile Durkheim (1968), constitui-se fato social:

[...] toda maneira de agir fixa ou não, suscetível de exercer sobre o indivíduo uma coerção exterior; ou então ainda, que é geral na extensão de uma sociedade dada, apresentando uma existência própria, independente das manifestações individuais que possa ter.¹⁷

Pautando-se nesta idéia, parece pertinente citar a afirmação de Cavicchioli (2000) que coloca o esporte moderno como um produto da indústria cultural que, presente no dia-a-dia dos indivíduos, agrega-se aos seus valores mais intensos:

Estamos diante de um fenômeno que se impõe desde cedo no dia-a-dia dos indivíduos, assim como o tipo de comida, vestuário, língua ou religião. É um *fato social* que existe fora das consciências individuais de cada ser humano, adentra intensamente o cotidiano das pessoas, sendo capaz de influenciar os costumes e hábitos.¹⁸

Por estar constantemente presente, “desde cedo no dia-a-dia dos indivíduos” e existente “fora das consciências individuais” é que uma análise indicativa aos

¹⁷ DURKHEIM, E. **As regras do método sociológico**. São Paulo: Nacional, 1968. p. 12.

¹⁸ CAVICCHIOLI, F. R. **Ensaio sobre a indústria cultural: refletindo a massificação dos esportes**. 2000. p. 1 (grifo meu).

determinantes históricos e sociológicos do esporte torna-se difícil, pois os caminhos a serem adotados pelo pesquisador podem possuir os percalços das análises ideológicas que funcionam como limitadoras da realidade, pois: “Constituem elas [...] como que um véu interposto entre as coisas e nós, e que no-las mascaram tanto mais quanto julgamos mais transparente o véu”.¹⁹

Para se evitar tais percalços, torna-se necessário reconhecer que o esporte é um *fato social* – a esta altura a sociologia durkheiminiana fornece elementos importantes – na medida em que o esporte pode ser reconhecido como um fenômeno detentor de uma organização definida sendo tomado como prática coletiva repleta de crenças e tendências.

A afirmação, inspirada no referencial de Durkheim (1968), auxilia na seqüência explicativa dos referenciais que tratam este *fato social* como fenômeno e elemento dotado de valores sociais, econômicos, políticos e históricos, responsável por uma “força coerciva exterior”.

Toma-se como exemplo sua divulgação pela mídia que vai de prática esportiva de fins propedêuticos, educacionais, ao seu conceito “mundialmente” e subjetivamente reconhecido de competição e rendimento: “Nada mais natural, na medida em que estamos diante de um fenômeno universalmente crescente, economicamente em expansão e recente”.²⁰

Gebara (2000), ao afirmar que o esporte, trata-se de um fenômeno fundamentalmente recente, volta-se para a ruptura entre as diversas manifestações corporais clássicas que a partir do início do século XVIII na Inglaterra, adquiriram um caráter secular embasado na busca da competição racionalizada e estruturalizada.

¹⁹ DURKHEIM, loc.cit.

²⁰ GEBARA, A. História do esporte. In: PRONI, M. W.; LUCENA, R. F. **Esporte, história e sociedade**. Campinas: Autores associados, 2000. p. 5.

O caráter mítico das antigas manifestações corporais de competição que buscavam a aproximação com suas divindades extras corpóreas, irrompeu-se para o jogo/esporte secular fundando estruturalmente a dicotomia entre o valor racionalizado do trabalho e a prática esportiva propedêutica.

Neste sentido, todos os agentes (atletas, técnicos, jornalistas) que, de formas específicas, perfilham o campo esportivo, reconhecerão sua prática em termos de trabalho racionalizado, ou seja, tomando-o como manifestação séria.

É pertinente recordar o discurso de atletas que, ao sair de seu “trabalho” (no campo, na quadra) inauguram a participação nos comentários da mídia esportiva manifestando, de forma transparente, a imbricada relação entre esporte e trabalho: *“Nós estamos fazendo nossa parte, trazendo alegria para esse povo que sofre tanto...”*. Ou seja, tanto no esporte quanto no trabalho empreende-se a força mecânica e o ganho de salário.

A citação acima, diversas vezes proferida por atletas de diferentes modalidades, elucida a forma como o esporte de alto nível é tratado e compreendido pelos mesmos e pelos espectadores.

É natural e de senso comum reduzi-lo a uma manifestação de ordem psicológica que exerce unicamente influência nos “ânimos” populares. É fácil optar por determinada explicação uma vez que estabelece um patamar limitado, situando-o como um fenômeno imutável.

É possível formar um quadro elucidativo do esporte e sua transposição mimética para a área social, educacional e empresarial, uma vez que admite-se tomá-lo como manifestação em crescente expansão, tanto em termos evidentemente geográficos, quanto em termos acadêmicos científicos que buscam sua compreensão e sua relação social.

Reconhece-se como exemplo o futebol americano que constitui-se no modelo “esportivo” mais categórico de idéia dominante, pois mimetiza a conquista de territórios (propriedades) através da superação do adversário e busca da meta pelo mérito pessoal onde a imprensa tem o papel legítimo de sua divulgação como elemento de senso comum, servindo de instituição responsável pela manutenção das idéias limitadoras de que o esporte é manifestação imutável que objetiva apenas a felicidade dos espectadores através das vitórias e exaltação do mito do herói.

Sem conta, o bordão “melhoria da qualidade de vida” vem arraigado ao esporte na medida em que tornou-se manifestação de boa saúde elucidado pelas vitórias atléticas excepcionais.²¹

Na sociedade atual o esporte é um fenômeno de senso comum. “As pessoas nos círculos de conversa familiar ou não, reproduzem o discurso existente na imprensa”.²²

Destaca-se que os modelos de compreensão das manifestações esportivas limitam as práticas de reprodução aos valores, normas, gestos, técnicas da atual sociedade tornando-se exemplos concisos de hipercompetitividade social onde a mídia tem papel fundamental de divulgação das imagens associadas às manifestações de rendimento, muitas vezes associadas à figura do atleta, tanto herói quanto perdedor. A Comissão de Especialistas em Educação Física (2004) trata do tema esporte de rendimento e faz uma alusão à influência da indústria cultural sobre as manifestações esportivas:

²¹ Neste contexto também, o esporte torna-se elemento de senso comum, na medida em que o público não compreende que o treinamento sucessivo, metódico, racionalizado dos atletas pouco tem a ver com benefícios à saúde.

²² COMISSÃO DE ESPECIALISTAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA DO MINISTÉRIO DO ESPORTE. **Esporte e sociedade**. 2. ed. Brasília: Universidade de Brasília, Centro de Educação à Distância, 2004. p. 25.

Na mesma direção a influência da indústria cultural e dos meios de comunicação de massa na manutenção da hegemonia conservadora indica uma dimensão mercadológica de padronização de imagens corporais e bens de cultura, reduzindo o esporte à manifestação de espetáculos [...].²³

Afirmar que o esporte insere-se na configuração burguesa é, ao mesmo tempo, compreendê-lo como fenômeno historicamente e sociologicamente constituído que estabeleceu-se por se evidenciar subjetivamente e objetivamente pertinente aos ideais dominantes de rendimento, de qualidade técnica e movimentos padronizados voltados à indústria. É nesta perspectiva que o coletivo de especialistas em Educação Física²⁴ posiciona-se da seguinte maneira quanto a objetivação da qualidade pela otimização (mais e melhor em menor tempo):

A discussão conceitual sobre qualidade pode ser resumidamente apresentada sob dois prismas: de um lado, a empresa capitalista que almeja lucros através de política econômica favorável aos empresários e amplamente desfavorável aos trabalhadores. [...] É a eficiência da eficácia, a rapidez da perfeição, a competitividade do competitivo, a ganância do ganancioso. [...] De outro lado está a qualidade social dos trabalhadores, radicalmente diferente da anterior.²⁵

Estando mais próximo de um referencial marxista, o fragmento acima citado recorda o antigo ideal grego: *citius* (mais rápido), *altius* (mais alto), *fortius* (mais forte) que caracteriza as clássicas competições olímpicas sendo adotado por uma classe hegemônica que, utilizou-o de forma secular, transpondo-os aos valores que determinam o valor racionalizado e competitivo do trabalho industrial.

Nesta afirmação reside a chave que alterará a antiga concepção que concebia o esporte como elemento de ordem lúdica para a classe proletária e propedêutica para a classe burguesa classificando o jogo/esporte e o trabalho como

²³ Ibid., p. 35.

²⁴ Coletivo de autores formado por: Adriano José de Souza, Alcides Scaglia, Aldo Antônio de Azevedo, Dulce Suassuna, Jocimar Daolio, João Batista Freire, Juarez Sampaio, Mara Medeiros, Marcelo de Brito, Renato Sampaio Sadi, Suraya Darido. Universidade de Brasília, 2004.

²⁵ COMISSÃO DE ESPECIALISTAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA DO MINISTÉRIO DO ESPORTE, op.cit., p. 52.

fenômenos sociais dicotômicos, polarizados, portanto elucidando a passagem de uma atividade amadora para uma manifestação profissional.

Mas a importância para um estudo sociológico do esporte não desvanece na definição da dicotomia entre esporte e trabalho. Neste sentido, inicialmente cria-se a necessidade de descobrir: “[...] a partir de quando se constituiu um campo de concorrência no interior do qual o esporte apareceu definido como prática específica, irreduzível ao simples jogo ritual ou ao divertimento festivo”.²⁶

A um estudo sociológico do esporte, cabe também descrever e caracterizar uma ruptura entre suas características ancestrais de jogos míticos e religiosos, para o sentido moderno de esporte, evidenciando a partir de que momento aparece a competição e a busca de capital econômico, elucidar a importância social de uma prática que historicamente transformou-se em instituição marginal e pouco valorizada, em instituição central muito mais valorizada, analisar os valores sociais de transição de uma prática com fins míticos que objetivava a busca de elementos e valores intrínsecos como o louvor, a dádiva aos Deuses, a conquista e a vitória pelo esforço natural para uma prática que também objetiva bens extrínsecos²⁷ especialmente, como o dinheiro, conquistado graças às vitórias construídas, muitas vezes, por meios ilícitos como as drogas.²⁸

Os primeiros indícios de manifestações corporais, imbuídas de suas regras específicas, são datados de séculos anteriores a Cristo em quase todo território habitado e possuíam um objetivo em si: o culto ao invisível, a religiosidade.

²⁶ BOURDIEU, 1983, p. 137.

²⁷ Ver “o Taekwondo no contexto olímpico na oralidade dos mestres”. É possível encontrar evidências históricas do início da valorização dos benefícios extrínsecos e de corrupção entre atletas e árbitros nos clássicos jogos olímpicos que contribuíram para seu fim.

²⁸ A criação de um conselho específico como a World Anti Doping Agency (agência mundial anti *doping* criada em 1999, ligada ao Comitê Olímpico Internacional) confirma a existência de casos de atletas que se utilizaram de meios ilícitos para obterem vitórias.

Nas palavras de Grifi (1989):

O jogo, nas suas várias formas, é um primeiro passo em direção à harmonia dos movimentos e desenvolve, sobretudo e essencialmente, num primeiro tempo, um ideal de perfeição formal que encontra sua origem em uma religiosidade. Para corroborar tal afirmação, serve a constatação de que as primeiras e mais remotas manifestações de jogos e ginástica evidenciavam a religiosidade dos protagonistas através do brilhantismo coreográfico, próprio dos ritos celebrados.²⁹

Outro exemplo dessas manifestações corporais ligadas à religiosidade do homem antigo é citado novamente por Grifi (1989), agora ligado especificamente ao homem ocidental. Em suas palavras:

Também neste caso, é oportuno procurar um fenômeno de superstição e magia, porque acreditava-se em fazer reviver a glória do Deus ou os gestos do Herói morto, louvando-os com jogos de força, de habilidade e de astúcia. Os jogos fúnebres, em honra a Patroclo, nas *Iliadas*, é um luzente exemplo.³⁰

Em uma primeira observação, parece evidente que as antigas manifestações corporais possuíam diferentes características das práticas esportivas modernas, pois possuíam mais um caráter folclórico do que um caráter competitivo moderno. Observa-se a leitura de Freitas e Viana citados por Lyra Filho (1973) que relatam:

Portanto, entende-se que o esporte praticado por esses povos possuía outro significado, diferenciado do entendimento massificado nas sociedades pós-revoluções industriais. Este esporte antigo tinha toda uma conotação sócio-cultural, que com o advento do esporte institucionalizado, com regras globalizadas, tomou mais a característica de representações folclóricas do que esportivas.³¹

A prática esportiva moderna não se assemelha com as manifestações corporais clássicas dadas as formas constitutivas distintas entre si e a diferença de referenciais.

Parece possível elucidar o esporte como instituição dotada de história particular e de estruturas específicas que, diferentemente das antigas práticas

²⁹ GRIFI, G. **História da Educação Física e do Esporte**. Porto Alegre: Luzzato, 1989. p. 12.

³⁰ GRIFI, loc. cit.

³¹ FILHO, J. L. **Introdução à Sociologia dos desportos**. Rio de Janeiro: Bloch, 1973. p. 25.

corporais de cunho contemplativo, exercem influência sobre uma recente “necessidade social” de oferta e demanda, na medida em que reconhece-se como seus objetivos:

- a) vitórias e sucessos;
- b) conquistas esportivas;
- c) recordes;
- d) prêmios;
- e) valorização pessoal.

Como seus princípios:

- a) princípio do rendimento (superação);
- b) princípio da supremacia.

Como suas características:

- a) talentos esportivos e biótipos adequados a cada modalidade esportiva;
- b) praticado profissionalmente;
- c) dirigido por entidades de direção esportiva (como federações).³²

Neste sentido, cabe às ciências humanas, no intuito de contribuir para os estudos do esporte, preocupar-se em analisar seus elementos mais notórios: espetacularização e consumo. Nas palavras do professor Ademir Gebara (2000):

Pois bem, se vamos às áreas de conhecimento que nos permitem teorizar sobre esta matéria (História, Sociologia, Antropologia), e se temos entranhada esta dimensão da atividade física, onde a sua prática é o elemento encaminhador de nosso raciocínio, cometemos um equívoco perigoso. Creio mesmo que a chamada crise da “Educação Física” é fruto deste equívoco. Simplesmente nos esquecemos que, do ponto de vista do esporte, mais nitidamente exemplificado com a NBA; ou mesmo na óptica do lazer, como por exemplo, com os parques temáticos, o aspecto condutor de nosso

³² Tais características foram tematizadas de acordo com a necessidade do estabelecimento de uma organização acadêmica que norteasse os estudos do esporte moderno, inspiradas pelo primeiro dos dez artigos da carta internacional de Educação Física e esporte da UNESCO, criada em sua vigésima reunião no dia 21 de novembro de 1978 em Paris.

raciocínio deve ser o consumo, que se verifica claramente a partir da espetacularização destas atividades.³³

E menos notórios: o capital simbólico arraigado aos seus valores como troca e como violência simbólica e sua importância como elemento facilmente aceito pelos sujeitos.

Neste caso, a idéia de sujeito toma forma a partir do momento em que se reconhece, de acordo com Touraine (1995) que: “[...] a idéia de sujeito é inseparável da idéia de relações sociais”.³⁴

Portanto, os estudos das ciências humanas referentes ao esporte moderno, em uma primeira análise, demonstram-se pertinentes na medida em que, a relação entre sujeito, fenômeno esportivo espetacular e a necessidade dominante de acúmulo de capital parecem presentes e suas relações sociais inseparáveis, mas também, cabe aos estudos que se referem ao esporte como fenômeno social analisar as forças – econômicas, políticas, simbólicas – e os interesses, legitimados pelos sujeitos, que mantém o esporte, pertinentemente, no plano do senso comum.

Cabe aqui buscar a relação entre estes conjuntos, demonstrar quais os fatores sociais que, de maneira objetiva e subjetiva, interliga o esporte moderno à classe social emergente que alavancou o movimento esportivo – a burguesia – e, fundamentalmente, porque surgiu inicialmente na Inglaterra.

³³ GEBARA, 2000. p. 5.

³⁴ TOURAINE, A. **O Retorno do actor social**. Petrópolis: Vozes, 1995. p. 225.

2.2 Esporte e burguesia: uma relação configuracional

Para compreender a ligação entre burguesia e o esporte moderno, conseqüentemente seus valores transpostos às modalidades, cabe demonstrar de que forma uma classe média consegue modificar os “pesos” na balança social, contrapondo-a para seu lado, conseqüentemente contribuindo para a estruturação de uma nova configuração social.

Ou seja, a pertinência em demonstrar o movimento das configurações pautado pelas inconstantes relações de poder entre os sujeitos torna-se condição significativa ao se aspirar um estudo mais categórico da formação de um campo do esporte.

A análise do processo configuracional é inspirada pelo referencial de Norbert Elias (1897-1997) em sua obra o Processo Civilizador (1990-1993). Determinada referência foi escolhida na medida em que se reconhece a variedade de material que enriquece as referências históricas sobre a formação de sociedades, buscando explicar a constituição de grupos, formados por indivíduos sociais interdependentes.

A análise de Elias, pautada em estudos que referem-se às explicações sociais de longo prazo, diz respeito às transformações sociais européias, que contribuíram para a formação dos Estados atuais e para a formação de uma estrutura mais complexa de interdependência entre os sujeitos.

O autor cita que a Europa do século X foi permeada por uma série de disputas territoriais. Diversas “células”, relativamente autônomas, dispersas pelo território europeu, formadas por famílias de guerreiros, disputavam a maior quantidade de oportunidades. Tais disputas tornaram-se o cerne das relações objetivas entre os indivíduos: “[...] nessa sociedade, a competição interna pela terra

se intensificava devido ao crescimento da população, à consolidação da propriedade e às dificuldades de expansão interna”.³⁵

O processo de competição eliminava os menos habilitados em termos armamentistas, transformando-os em indivíduos de “segunda categoria”, sendo mortos, ou transformavam-se em dependentes. Os vencedores continuavam as competições.

As disputas territoriais não cessavam até a eliminação de grande parte dos indivíduos, famílias ou grupos. Restando somente dois vencedores que disputavam entre si todas as oportunidades possíveis. O vencedor subjuguava os outros, transformando-se no dono de todas as oportunidades:

Os poucos vitoriosos continuavam a lutar e o processo de eliminação se repetia até que, finalmente, a decisão ficava apenas entre dois domínios territoriais reforçados pela derrota e incorporação de outros. Todos os demais – tivessem ou não se envolvido na luta, ou permanecessem neutros – eram reduzidos pelo crescimento desses dois à condição de figuras de segunda ou terceira classe, embora ainda conservassem certa importância social.³⁶

Estas ações são chamadas por Elias em sua obra “O processo Civilizador”³⁷ de processo de monopolização privada, onde diversos grupos rivalizam entre si por oportunidades, restando apenas um que será o dono do monopólio.³⁸

Com a maior parte dos territórios conquistados o dono do monopólio vê-se obrigado a garantir suas defesas e a manutenção de seu posto. A quantidade adquirida no processo de monopolização de propriedades tornara-se tão extensa

³⁵ ELIAS, N. **O processo civilizador: Formação do Estado e civilização**. 2.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, v. 2, 1993. p. 93.

³⁶ ELIAS, loc. cit.

³⁷ ELIAS, loc. cit.

³⁸ A contribuição de Elias, neste caso, não limita-se apenas a uma busca histórica e comprovações sociológicas referentes ao processo de monopolização privado, mas sua perspicácia em evidenciar que os indivíduos de segunda e terceira classe, não perdem completamente seu poder na balança social o torna um sociólogo inovador.

que a necessidade de colocar pessoas de sua confiança para a administração de suas terras configurava-se iminente.

O dono monopolista cria, portanto uma dependência de outros indivíduos que são os responsáveis pela manutenção de suas terras. Essa dependência caracterizará a segunda fase do monopólio: o monopólio público.

Tal explicação contribui para o início de uma compreensão do pensamento configuracional de Elias. O processo de monopolização pública de oportunidades cria dependência do rei. A aquisição contínua de propriedades tornou-o mais um funcionário do monopólio, tornou-o dependente de seus dependentes.

O processo de monopolização pública acentuou a dependência do rei, mas também deu forma a um processo de dependência entre funcionários. Todos, em constante rivalidade não poderiam encontrar-se em batalhas entre si, uma vez que suas terras eram tidas como elemento “simbólico real”. Tal sentimento continha os ânimos dos antigos guerreiros que encontravam-se entre a necessidade de contenção de atitudes e a nostalgia dos tempos de batalhas.

Portanto, a necessidade de contenção dos afetos nasce, também de um processo de curialização dos guerreiros, ou seja, a transformação de uma aristocracia militar em nobreza de corte.

Estes processos caracterizam uma dependência entre todos os membros da aristocracia, inclusive o rei. A dependência dará formato à configuração social, onde todos os indivíduos e propriedades encontram-se interdependentes, cada um possui – de acordo com sua posição social – sua parcela de poder na formação e movimentação de uma teia de inter-relações e interdependências. A ação de um ser

social implicará nas ações de outro indivíduo. Por isso a necessidade de contenção das atitudes “onde a reprodução supõe um equilíbrio móvel das tenções”.³⁹

A interdependência entre os indivíduos dá formato ao que Elias chama de teia de interdependência onde todos, mesmo que não estejam cientes de sua existência, são dependentes das ações de cada um.

Como em um tabuleiro de xadrez onde cada ação representará uma consequência específica, as ações individuais representam reações peculiares, dada a complexidade da divisão do trabalho e a interdependência entre os indivíduos:

[...] como em um jogo de xadrez, cada ação decidida de maneira relativamente independente por um indivíduo representa um movimento no tabuleiro social, jogada, por sua vez acarreta um movimento de outro indivíduo – ou na realidade, de muitos outros indivíduos [...].⁴⁰

As buscas pelas oportunidades em forma de territórios na Europa tornavam-se precárias. Já não havia mais terras a conquistar, as propriedades tornaram-se pequenas para os membros da sociedade real e para o rei.

Neste sentido a arrecadação tributária foi essencial para a continuidade da manutenção do Estado aristocrático concebido pela imposição do monopólio de terras, monopólio da violência e o monopólio da tributação.

A divisão de funções, cada vez mais complexas, dado o crescimento das relações e a arrecadação tributária mais refinada, dá espaço para o surgimento de novas categorias sociais. Onde antes havia apenas aristocracia e grupos de segunda e terceira classe, agora há burguesia que se sustenta pelo comércio, boa educação escolar e a conquista de cargos burocráticos.

³⁹ ELIAS, N. **Sociedade de corte**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001. p. 13.

⁴⁰ Ibid., p. 158.

A ampliação da classe burguesa enfatiza a rivalidade entre os grupos sociais. De acordo com Elias (1993), este grupo não intencionava a ruptura completa entre a aristocracia, o contrário também não ocorria. Dada a forte interdependência entre os grupos, todos abstinham-se em realizar um movimento mais ousado na balança social.

Relacionado ao equilíbrio da balança social, Elias (2001) faz uma analogia pertinente com a necessidade de estabilização das posições de poder, a contenção de atitudes com uma luta de boxe:

Em tal balança de tensões, eles seguravam-se firmemente, como lutadores de boxe em um *clinch*: Ninguém ousava modificar sua posição, temendo que o adversário pudesse atingi-lo; e não havia nenhum árbitro que fosse capaz de desfazer esse *clinch*.⁴¹

A aristocracia, detentora da maior parte das terras e a burguesia, a maior responsável pela burocracia tributária, principalmente na França e Inglaterra, correspondiam em duas classes conflituosas, mas que utilizavam-se dos controles das pulsões para evitar conflitos mais graves.

Essa complexidade da divisão do trabalho, característica de uma dependência progressiva, configurou-se em um cenário fundamentalmente novo, berço da burguesia que nasce como classe social detentora do poder burocrático graças à sua educação escolar e acadêmica formal.

A burguesia, portanto, emerge como classe dominante a partir de diversos processos de burocratização no interior da aristocracia medieval européia. O processo de monopolização de terras caracterizou-se também como um processo de democratização de bens, dadas as constantes aquisições de oportunidades pelos monopolistas aristocráticos e que, por sua vez, aumentou o processo de inter-relacionamentos, aumentando a complexidade da divisão funcional do trabalho.

⁴¹ Ibid., p. 212.

Com os cargos públicos de expressão comandados pela classe média e seu já influente poder político, os conflitos entre burguesia e aristocracia acirraram os ânimos dos que já buscavam uma reforma social. Principalmente na França e Inglaterra, onde a classe média exercia mais força política e econômica do que na Alemanha, nas palavras de Elias (2001):

[...] o envolvimento desde cedo de elementos burgueses no governo e na administração, o acesso deles até mesmo às mais altas funções governamentais, sua influência e promoções na corte – tudo isto teve duas conseqüências: por um lado, o contato social íntimo e contínuo entre elementos de origem social diferente e, por outro, a oportunidade de elementos burgueses se empenharem em atividade política logo que amadureceu a situação social e, antes disso, um forte treinamento político e uma tendência a pensar em termos políticos. Nos Estados alemães, de modo geral, aconteceu quase exatamente o oposto. Os mais altos cargos do governo eram, via de regra, reservados à nobreza.⁴²

Portanto, é possível evidenciar que a influência burguesa nos altos cargos públicos ingleses e franceses influenciou de modo decisivo para uma futura desestabilização do Estado aristocrático.

A burguesia, detentora do poder burocrático formalizado e da forma de estruturação do recente monopólio tributário via-se em uma situação privilegiada para iniciar um movimento revolucionário que teve seu ápice e se quantificou na revolução francesa, tornando-se possível mensurá-la no ano de 1789.

Com a nova configuração social, agora mais urbana, a classificação “indivíduos de segunda classe” toma forma no imo dos seres sociais que caracterizam-se pela mudança de cenário: do campo para as cidades. O formato social europeu estabelece-se não apenas pela polarização entre aristocracia e burguesia, mas, muito mais pela burguesia e futuro proletariado.

Esta estrutura social, constituída essencialmente pela classe ascendente e trabalhadores campesinados, que constantemente migravam para as cidades na

⁴² ELIAS, op. cit., p. 53.

busca de trabalho assalariado, são a base da constituição bipolar existente entre burguesia e proletariado e que formará a nova configuração social da mais recente luta de classes caracterizada pela industrialização e mercantilização, tendo também no distanciamento das idéias mistificadoras seu invólucro que permeava o pensamento das sociedades pré-industriais.

A estrutura social dominante burguesa é caracterizada pela necessidade de dominação, não mais pelas idéias mágicas e míticas do “movimento do mundo”, mas pela racionalidade formal que contribuirá para a formalização dos dominados no universo do consumo, evidenciando que: “A transição do feudalismo para o capitalismo é marcada, então, muito mais por continuidades do que por rupturas”.⁴³

Neste sentido, a análise configuracional de Elias fornece o alicerce sociológico para a compreensão de processos responsáveis pela sistematização de controles que suscitaram a formação dos Estados caracterizados pela uniformização das atitudes dada a constante interdependência entre os seres sociais. Portanto, de acordo com Gebara (2005), esse estágio de desenvolvimento determina-se pela:

[1] Centralização política, administrativa e controle da paz interna (surgimento dos Estados). [2] Um processo de democratização, devido ao aumento das cadeias de interdependência, especialmente pelo nivelamento e democratização funcional do exercício do poder. [3] Refinamento das condutas e crescente auto controle nas relações sociais e pessoais. Nesse sentido há um evidente aumento da consciência na regulação do comportamento.⁴⁴

As lutas de classes tornam-se evidentes, visto à dominação da classe proletária pela burguesa, tendo nas manifestações corporais, uma forma de afirmação de seu poder coercivo através da polaridade entre as atividades ludo/esportivas que caracterizam-se pela distribuição desigual de tempo livre, capital cultural e capital monetário. Pertinentemente, Proni (1998) em sua tese de doutorado

⁴³ GEBARA, A. **Conversando sobre Norbert Elias: Depoimentos para uma história do pensamento sociológico**. Piracicaba: Biscchalchin, 2005. p. 20.

⁴⁴ GEBARA, op. cit., p. 24.

faz a aproximação entre o processo de proletarização dos camponeses e sua influência nas modalidades lúdicas, acrescentando que o nível cultural e financeiro dos indivíduos influenciou sobremaneira na valorização entre as modalidades.

Ao final desse processo, de um modo geral, o que se constata é que inúmeros jogos “tradicionais” ficaram relegados ao universo infantil ou circunscritos às festas populares. As pessoas cultas, sérias e respeitáveis distanciaram-se dessas atividades recreativas, ao passo que as pessoas simples do povo passaram a ter menos tempo para dedicar aos jogos (em grande medida devido à proletarização das famílias camponesas).⁴⁵

O autor afirma que entre os séculos XVII e XVIII, processou-se uma “racionalização” e uma “instrumentalização” dos jogos e brincadeiras evidenciando-se uma preocupação burguesa com a necessidade de formalização das manifestações corporais pela integralização de uma concepção de Educação Física que fundamentava-se na necessidade de uma força higiênica e marcial, sendo a Inglaterra, portanto, o berço do esporte moderno que, através de processos interligados (curialização, racionalização, industrialização, mecanização) surge como instituição de características particulares:

Por outro lado, os “jogos modernos” surgiram integrados a um modelo de Educação Física (ou ginástica) que iria priorizar não a diversão, mas o fortalecimento do físico fundado numa visão instrumental do corpo. Nesse sentido, podemos dizer que, entre os séculos XVII e XVIII, processou-se uma “racionalização” e uma “instrumentalização” dos jogos e brincadeiras. É por isso que dizemos que a evolução dos jogos seguiu um caminho original na Inglaterra, onde o comportamento da aristocracia e da burguesia foi bastante ímpar em relação àquelas atividades.⁴⁶

Proni (1998) relata que o rompimento com as manifestações de ordem lúdica contribuiu para a constituição de uma nova configuração que irá comprometer-se no

⁴⁵ PRONI, M. W. **Esporte-espetáculo e futebol-empresa**. Campinas, SP: FEF-UNICAMP, 1998. Originalmente apresentada como dissertação de doutorado, Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas, 1998. p. 35.

⁴⁶ PRONI, loc. cit.

estabelecimento do esporte uma vez que, de acordo com Huizinga, o jogo inversamente equivale a:

[...] atividade livre, conscientemente tomada como "não-séria" e exterior à vida habitual, mas ao mesmo tempo capaz de absorver o jogador de maneira intensa e total. É uma atividade desligada de todo e qualquer interesse material, com a qual não se pode obter qualquer lucro, praticada dentro de limites espaciais e temporais próprios, segundo uma certa ordem e certas regras. Promove a formação de grupos sociais com tendência a rodearem-se de segredo e a sublinharem sua diferença em relação ao resto do mundo por meio de disfarces ou outros meios semelhantes.⁴⁷

Destarte, pelas necessidades imprevisíveis surgidas a partir da “complexação” da configuração social, o esporte moderno, surge como elemento de divulgação de ideais de uma classe ascendente através da racionalização do elemento lúdico.

Compreende-se, portanto que a introdução do caráter racionalizado no jogo contribuiu para uma reificação das significâncias extrínsecas, evoluindo, para uma ruptura entre a ludicidade e o esporte, o que Dunning (1979), classificaria como um processo cego e não planejado, pois:

[...] não constitui o resultado de ações intencionais de qualquer indivíduo único ou grupo, mas, antes, o resultado inesperado do entrelaçar de ações intencionais dos membros de vários grupos interdependentes, ao longo de muitas gerações.⁴⁸

A compreensão de determinada transição – jogos populares para esporte – é fundamental para reconhecer a importância britânica na formação de uma manifestação mais formal e burocrática de características ímpares, que, dada a sua complexidade social, torna mais difícil a permanência das atividades físicas mais praticadas na esfera do lúdico.

⁴⁷ HUIZINGA, J. Homo ludens: o jogo como elemento da cultura. In: PRONI, M. W. **Esporte-espetáculo e futebol-empresa**. Campinas, SP: FEF-UNICAMP, 1998. Originalmente apresentada como tese de doutorado, Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas, 1998. p. 35.

⁴⁸ DUNNING, op. cit., p. 301.

Esta dificuldade de permanência das atividades corporais na esfera lúdica é ocasionada pela concepção da estrutura formal burocrática que cria dependência. A complexidade social de inter-relacionamentos faz com que qualquer instituição que queira firmar-se na sociedade industrial burguesa – em especial a inglesa – “obedeça”, mesmo que inconscientemente, às suas regras: “Apesar de árduos esforços dos grupos dirigentes, os encontros de alto nível são agora realizados perante grandes multidões”.⁴⁹

Exemplo pertinente sobre o desenvolvimento do processo de ruptura com os jogos populares para esporte é citado por Dunning (1979), exemplificado pelo rúgbi:

Na Grã Bretanha desenvolveu-se em várias ocasiões, resistência a esta orientação, talvez de maneira mais notável através das tentativas efetuadas desde o final do século XIX para manter o rúgbi como um desporto, acima de tudo de praticantes amadores, baseado na organização voluntária e num quadro de jogos “amigáveis”, isto é, um desporto em que as regras se destinavam a garantir o prazer dos jogadores mais do que o dos espectadores, em que a organização dos clubes, aos níveis regional e nacional, se verificava em termos de ocupação não remunerada e onde não existia uma estrutura de competição formal, de “taças” e “ligas”.⁵⁰

A ordem da nova configuração social, garantida por agentes sociais com interesses particulares em jogo, dificilmente permite a continuidade das atividades no padrão da não seriedade, criando-se uma estrutura complexa capaz de prender qualquer ser social à sua ordem burocratizada. Neste sentido, percebe-se um pequeno grupo formado e centralizado pelo interesse em manter sua atividade no universo das práticas amadoras, mas que não consegue estabelecer-se dada a complexidade da recente conjuntura formada pela “força coerciva” para a profissionalização das práticas esportivas britânicas.

⁴⁹ DUNNING, loc. cit.

⁵⁰ Ibid., p. 300.

Proni (1998), baseando-se no referencial de Pociello (1984), coloca quatro fases sucessivas e articuladas⁵¹ que permitem uma possível organização do processo de evolução do esporte na Inglaterra:

- a) uma fase de encorajamento de práticas competitivas populares através do patrocínio e da organização de corridas ou de combates assistidos pelos nobres e *gentlemen* (a partir de 1760);
- b) uma fase de apropriação de algumas dessas práticas pelos alunos internos, o que representou a “invenção” de esportes individuais e coletivos específicos nas diferentes escolas secundárias inglesas (1820 a 1860);
- c) uma fase de regulamentação dos esportes e de formação dos *clubs*, decorrência do crescimento dos confrontos entre estabelecimentos escolares, o que se tornou possível graças à rede ferroviária que instaurou novas proximidades geográficas (1850 a 1870);
- d) uma fase preliminar de divulgação restrita dos esportes coletivos para as classes populares, principalmente no norte industrial e no País de Gales (1880 a 1890).

Nas quatro fases colocadas por Pociello (1984) percebe-se que o esporte, de uma forma ou de outra, estende-se a todas as direções (sociais e geográficas), na forma de competições formalizadas.

Buscando uma composição com a plebe, a participação de membros da classe dominante nos jogos das festas e folias populares cumpriu, segundo o autor, uma função de “integração” à vida das vilas e, mais sutilmente, cumpriu o papel de pacificação das relações sociais, que “consiste em se situar ostensivamente no seio de um microcosmo lúdico no qual *gentry* e plebe serão igualmente submissas às mesmas regras de direito”.⁵²

⁵¹ POCIELLO, C. Sport e Société: approche socio-culturelle des pratiques. In: PRONI, M. W. **Esporte-espetáculo e futebol-empresa**. Campinas, SP: FEF-UNICAMP, 1998. Originalmente apresentada como disserta  o de doutorado, Faculdade de Educa  o Física da Universidade Estadual de Campinas, 1998. p. 42.

⁵² PRONI, op. cit., p. 43.

É pertinente recordar que “o papel de pacificação das relações sociais” exposto por Pociello (1984) traz a tona a afirmação colocada por Elias⁵³ (1985) referente às contenções de atitudes impostas pela necessidade de manutenção de postos, tendo o jogo e o esporte um papel mimético na exaltação de emoções contidas pela sociedade industrial. Neste caso em específico, o autor citado por Proni (1998) coloca o jogo como instrumento pacificador em específico, o que, sutilmente renega o processo civilizador e a conseqüente contenção de atitudes. Mas também não se renuncia ao jogo o papel balizador na pacificação das relações na medida em que uma observção mais superficial evidencia a interação entre indivíduos ou grupos por um bem comum: o jogar. Mas é relevante colocar a manifestação lúdica não como a pacificadora em si, na medida em que as atitudes e emoções de caráter marginalizado já encontram-se em constante domesticação pelo processo civilizador.

De acordo com as evidências, torna-se possível afirmar que o esporte surge na Inglaterra, não por eventualidade ou por ações deliberadas de determinados sujeitos, mas por ser este país berço de processos específicos e interligados, iniciados por indivíduos interdependentes cujos objetivos floresceram a partir de um processo evolutivo social não planejado, que contribuíram para a caracterização de um fenômeno relativamente recente.

Parece manifesto que a racionalização do lúdico, ocasionada por um processo de modernização nas estruturas de pensamento e ação, ou seja, tornar “sérias” atividades desinseridas de organização burocrática, formou a estrutura que distinguirá os praticantes que, como princípio norteador, realizam sua prática na busca de elementos intrínsecos e encontram seus valores no prazer pelo prazer, na prática pela prática, entre os praticantes que buscam o prêmio extrínseco

⁵³ ELIAS, N.; DUNNING, E. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1985.

simbolizado pelo troféu e legitimado pelas trocas monetárias: o amador versus o profissional.

Mas, a partir de um processo de formação racional, a esportivização das práticas populares, será afirmada na essência do âmbito escolar inglês onde as *public schools* garantiriam o estabelecimento do esporte como meio estratégico de veiculação.

Bourdieu (1983) afirma que a esportivização das práticas populares, com o uso racional burguês, funcionava como ferramenta de “inculcação” de ideais dominantes, portanto com o passar do tempo, percebeu-se o importante caráter educacional do esporte.

O sociólogo francês posiciona-se sobre este objetivo dado ao esporte na época, que para ele demonstrou-se como um ideal da classe dominante “inculcando” o pensamento capitalista nos estudantes:

[...] o esporte é concebido como uma escola de coragem e de virilidade, capaz de “formar o caráter” e inculcar a vontade de vencer (‘will to win’), que é a marca dos verdadeiros chefes [...] Esta moral aristocrática, elaborada por aristocratas [...] e garantida por aristocratas – todos aqueles que compõe a self perpetuating oligarchy das organizações internacionais e nacionais – evidentemente se adapta às exigências da época e, como se vê no caso do Barão Pierre de Coubertin, “integra” os pressupostos essenciais da moral burguesa da empresa privada, da iniciativa privada.⁵⁴

O autor continua a crítica ao pensamento burguês no interior do esporte moderno:

Em suma, sem dúvida não poderíamos esquecer que a definição moderna do esporte, freqüentemente associada ao nome de Coubertin, é parte integrante de uma “idéia moral”, isto é, de uma *ethos* das frações dominantes da classe dominante realizado através das grandes instituições de ensino privado, destinadas prioritariamente aos filhos dos dirigentes da indústria privada [...].⁵⁵

⁵⁴ BOURDIEU, 1983, p. 140.

⁵⁵ Ibid., p. 141.

Os jogos populares, transformados em esportes como necessidade dominante de inculcação de ideais burgueses de manutenção de postos é transmitido para a classe popular como simples produto transfigurado, sendo aceito por estar permeado de elementos racionais e irracionais que influenciaram sua prática na modernidade.

Relacionando-se ao processo de difusão do esporte no Brasil, Lucena (2002), inspirado pelo referencial de Elias sobre individualização e *mimesis* no esporte, afirma que as práticas esportivas:

[...] como fruto de um esforço inicial de uma classe, estendem-se na formação de condutas e apontam no sentido de um processo que perdura até nossos dias. Tendo início num segmento mais restrito é, aos poucos, expandido para outros seguimentos de forma involuntária e não planejada.⁵⁶

Portanto é na racionalização das idéias, na uniformização de atitudes, na mecanização e uniformização de movimentos, na necessidade de contenção de atitudes através de regras impostas que está o ideário burguês de manutenção de postos na sociedade moderna através do poder coercivo do esporte. É neste poder coercivo atribuído ao esporte, encontradas as manifestações de poder, seja em formato lúdico, ou em seu caráter competitivo.

2.3 A constituição do campo esportivo.

O que torna-se pertinente é a manifestação deste poder nas distribuições de funções no interior da sociedade, ou seja, no cerne dos diversos campos e as influências e interesses dos sujeitos na manutenção de um campo do esporte.

⁵⁶ LUCENA, R. Elias: individualização e mimesis no esporte. In: PRONI, M. W.; LUCENA, R. F. **Esporte, história e sociedade**. Campinas: ed. Autores Associados, 2002. p. 115.

Para a compreensão da formação de um campo e/ou sub-campo, torna-se necessário reconhecer que a sociedade vem a ser um *locus* onde os indivíduos interagem buscando formas que possam favorecê-lo direta ou indiretamente.

Levando em consideração a força desta interação, é possível afirmar que estes seres sociais, mais do que interagem, são interdependentes. Retomando a idéia de configuração de Elias (1994), qualquer ação passa a influenciar – de forma negativa ou positiva – na vida de outro ser social dada a complexidade da teia de inter-relacionamentos criando, por sua vez, uma constelação de seres sociais interdependentes.

Associado ao caráter metodologicamente complexo de compreensão dos mecanismos sociais, associa-se as ações que os indivíduos tomam ao interagirem. Tais ações não vêm ao acaso, não são tomadas por casualidade. Os indivíduos adotam iniciativas pautadas em sua história anterior, ou seja, o que Bourdieu chama de *habitus* afeta e estimula as ações.

Norteando-se nestas prerrogativas, pode-se concluir que o homem não apresenta-se a outro homem, unicamente em seu aspecto físico, mas interage competindo, discutindo, unindo-se a outros indivíduos que posicionaram-se em determinadas disposições inspirados em seus *habitus* particulares.

É, portanto em uma nova realidade burguesa de competições e interdependência, pautada pela racionalidade mercadológica, encontrada a ruptura entre o objetivo e o subjetivo. O sentido de produzir para si inverte-se, produtos assumem uma lógica independente de seu criador: “Assim, a época moderna conseguiu separar e autonomizar o sujeito e o objeto, para que ambos realizassem o próprio desenvolvimento de forma mais pura e mais rica”.⁵⁷

⁵⁷ SOUZA, J.; OLZE, B. **Simmel e a modernidade**. Brasília: ed. Universidade de Brasília, 1998. p. 18.

Partindo-se de uma análise configuracional, é possível afirmar que os atores sociais inter-relacionados, através da concepção de interesses em particular, fundam, através de um processo evolutivo social, cegamente construído, uma nova configuração social urbano-burguesa, onde as recentes formas de conquista de oportunidades reduzem-se ao universo de acúmulo de capital, em sua maioria, simbolizado pelo acúmulo de propriedades e pelas trocas monetárias objetivadas pelo dinheiro. Ele passa a ser a essência das relações e o cerne das competições no interior de *locus* específicos de concorrência pelo acúmulo de capital monetário.

O que antes era pessoal, individual e específico, encontra-se em oposição ao dinheiro, mas pela complexidade da estrutura social moderna pautada pela apropriação das trocas monetárias e com a imposição de sua lógica material, para o filósofo alemão Georg Simmel (1896), o dinheiro atingirá cada vez mais os valores pessoais e individuais, transformando tudo cada vez mais impessoal e abstrato. O conceito da época moderna é o dinheiro.

Portanto, o esporte, instituição pautada em referenciais dominantes atualizados pela modernidade, cada vez mais descaracterizado de suas funções intrínsecas e lúdicas, portanto, racionalizado, profissionalizado, ajustado pelos referenciais mercantilistas, é compreendido como presente em um espaço específico, caracterizado pela concorrência e acúmulo de capitais através das estratégias de compra e venda de seus produtos.

A busca e o acúmulo de dinheiro, associado a outros determinantes mais subjetivos⁵⁸ pelos agentes sociais que “zelam” pela integridade burocrática, racionalizada e mercantilizada do esporte distinguirá suas estratégias e manobras.

⁵⁸ Tais determinantes serão melhor explanados nos próximos capítulos que são mais específicos referentes às teorias de Bourdieu e que, por consequência evidenciarão que a concentração de benefícios financeiros não são a única perspectiva dos agentes sociais, neste caso dos agentes do esporte e do Taekwondo.

O dinheiro é bem mais do que um padrão de valor ou meio de troca, pois: “[...] simboliza e corporifica o espírito da racionalidade, da calculabilidade e da impessoalidade, servindo, igualmente, como um medidor das diferenças qualitativas entre as coisas e as pessoas”.⁵⁹

Assim o dinheiro é tratado como instrumento social reificado, sinônimo de moderno onde o indivíduo, antes conhecedor de seus fins almejados, não mais o reconhecerá como elo de ligação para a busca de seu ideal, mas o tomará como princípio final. O dinheiro tornar-se-á seu objetivo, o fim de suas buscas. A racionalização e conseqüente burocratização do esporte não deixa de lado o objetivo mercantilista.

É neste sentido que a idéia de Simmel (1896)⁶⁰ expõe pertinentemente semelhanças de patamares subjetivos entre o dinheiro e o esporte moderno já que este fenômeno social, também é mantenedor da impessoalidade, racionalidade e calculabilidade.

Em toda a malha do agir humano com relação a fins não há talvez nenhum membro intermediário no qual este traço psicológico do desenvolvimento do meio em um fim sobressaia de modo tão puro como no dinheiro [...].⁶¹

Mas, mesmo sendo deslumbrado como fim, não lhe atribui como objeto, qualidades, a não ser a denão ter qualidades, fazendo-se entrar no campo das manifestações abstratas. Neste sentido, os objetos, que são trocados por dinheiro, pois lhe são atribuídos valor, também perdem suas características, tornando-se superficiais, pois são igualados a ele.

Às habilidades e capacidades do atleta lhe são atribuídos valor monetário. Eles são trocados, vendidos, comprados e emprestados como mercadorias.

⁵⁹ SIMMEL, G. **Filosofia do dinheiro**. João Pessoa: GREM, 2002. p. 273-277.

⁶⁰ SIMMEL, loc. cit.

⁶¹ SIMMEL, 2002 apud. WAIZBORT, 2000. p. 139.

Determinadas trocas fazem-se mediadas por agentes especializados que tratam o atleta, ser social, pela simbologia do “passe”.

Aos atletas lhe cabem a denominação de mercadorias abstratas e impessoais, na medida em que são circunscritos em valores que obedecem a ordem monetária.

Tal definição deixa margem para a afirmação de que a individualidade do atleta é quase inexistente a ponto de ser trocado pelo dinheiro. Suas necessidades como ser social, como agente social são reduzidas a patamares de “coisas”. Ele vale pelo que é capaz de realizar em campo, em quadra, no ringue ou no tatame, quando estiver passando por uma “má fase”, seu “valor de mercado” reduzirá drasticamente.

O filósofo alemão cita que a troca de pessoas pelo dinheiro existe apenas em sociedades de baixo nível cultural, uma vez que o “processo de cultura supõe uma diferenciação social na qual o indivíduo já não se deixa submeter facilmente”.⁶²

Mas, graças à modernidade, a idéia, no contexto do esporte moderno, contradiz-se na medida em que observa-se a mesma realidade de compra e venda de atletas tanto em alguns países africanos quanto nos Estados Unidos.

Tal afirmação colabora para se evidenciar uma “modernização” do esporte, já que Simmel, mesmo analisando a modernidade com os óculos de seu tempo, não previu que os atores sociais de países de “alto nível cultural” entregariam-se às vicissitudes da venda de pessoas (atletas) por dinheiro:

Tudo que é pessoal, individual, específico está no pólo oposto do dinheiro; contudo, Simmel chama a atenção para o fato de que, cada vez mais, com o incremento da economia monetária e sua difusão pelos espaços mais recoñdidos e inesperados, com a imposição de sua lógica baseada na quantidade em todos os domínios da vida, o que é pessoal é atingido progressivamente pelo dinheiro torna-se cada vez mais impessoal.⁶³

⁶² WAIZBORT, L. **As aventuras de Georg Simmel**. São Paulo: editora 34, 2000. p. 141.

⁶³ Ibid., p. 142.

Ao dinheiro lhe cabe a racionalidade que aproxima a sociedade aos seus valores, uma vez que:

A ênfase na pontualidade, previsibilidade, exatidão e competição impregna o ser do cidadão, de tal forma que lhe confere um ritmo próprio, nervoso, ansioso, repressivo com relação a seus instintos e necessidades. [...] A indiferença nasce como produto da calculabilidade que embota emoções, parte como produto do efeito nivelador do dinheiro.⁶⁴

Apesar da indiferença, o dinheiro surge também como elo na teia de interdependência social, possibilitando a estratificação de suas ligações na medida em que tornam-se mais imbricadas as socializações possibilitando uma complexação na divisão do trabalho. O ser social depende cada vez mais de outros seres sociais – fornecedores – responsáveis pelo abastecimento de suas necessidades fundamentais.

Determinada configuração, marcada pela complexidade da divisão de funções dependentes do dinheiro, influencia o estabelecimento do esporte como instituição estratificada, dado o caráter burocratizado e hierarquizado que fundamentam-se como modelos de estratégias pautados pela arrecadação monetária e que mantém os agentes sociais específicos do esporte como os mantenedores “sagrados” da instituição esportiva:

Os homens das épocas econômicas anteriores encontravam-se na dependência de poucos homens, mas estes outros eram individualmente bem definidos e impermutáveis, como hoje em dia dependemos muito mais de fornecedores [...].⁶⁵

A conjuntura moderna que estima, calcula, mede, quantifica e taxa, reduz os valores qualitativos em quantitativos. Na medida em que a configuração social burguesa, pautada pela racionalidade das trocas econômicas, na pontualidade, previsibilidade, exatidão e competição não estimula atividades filantrópicas,

⁶⁴ SOUZA; OLZE, loc. cit.

⁶⁵ SOUZA; OLZE, op. cit., p. 28.

indicando a magnitude da divisão do trabalho acarretada pela interdependência entre os homens e as trocas monetárias, dá oportunidade para uma prática essencialmente amadora tornar-se séria, mediada pelos valores que orientam a prática trabalhista.

A afirmação é apropriada, pois que ao atleta lhe é dado valor pelas qualidades de seu trabalho. Quanto mais competições ele ganha, quanto mais pontos ele faz, maior o valor monetário atribuído.

O referencial de Simmel, apenas indicado neste instante, não visa estabelecer como um fim analítico as trocas monetárias como o objetivo essencial dos agentes esportivos, mas através de suas indicações, estabelecer um paralelo conceitual com a idéia configuracional de Elias, uma vez que:

[...] é no conceito de figuração que Elias revela, mais que tudo, o seu vínculo com a sociologia dos seus anos de formação, isto é, com a sociologia simmeliana [...] não são apenas as afinidades e diferenças explícitas, mas também as implícitas que constituem a constelação de um pensamento.⁶⁶

O referencial de Georg Simmel⁶⁷ (1896) contribui de modo pertinente ao tratar do profissionalismo esportivo e seu surgimento pautado por uma lógica capitalista de mercado. Neste sentido, reconhecer também, de uma forma subjetiva, alguns embasamentos teóricos que possam contribuir para distinguir a necessidade de um grupo de agentes ao buscar o acúmulo de capital e suas relações com esporte evidenciando-o como instrumento “pacificador” e “alienador” não fornecerá elementos para o estabelecimento de um fim em suas análises, pelo contrário. Compreendê-lo como instituição mantida por ideais dominantes colabora para empreender-se uma busca pela concepção de subsídios que exercem poder através

⁶⁶ NEIBURG, F.; WAIZBORT, L. **Escritos e ensaios: estado, processo, opinião pública de Norbert Elias**. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2006. p. 9.

⁶⁷ SIMMEL, loc. cit.

de estratégias, influenciadas pela complexidade de divisão de tarefas na teia social, pautadas pela acumulação de bens extrínsecos como o acúmulo de capital financeiro, além do acúmulo de valores sociais e simbólicos. Neste sentido, o esporte moderno passa a existir como elemento possível de diversas compreensões.

Mas, por mais evidentes que sejam as ligações entre o acúmulo de capital financeiro com o esporte, burguesia, capitalismo e modernidade, é necessária certa parcela de precaução ao relacionar tais conceitos. A busca pelo dinheiro não é novidade na modernidade, muito menos tem seu “início” no capitalismo. Max Weber em *A ética protestante e o espírito do capitalismo*, já havia colocado que:

O impulso para o ganho, a persecução do lucro, do dinheiro, da maior quantidade possível de dinheiro, não tem, em si mesmo, nada que ver com o capitalismo. Tal impulso existe e sempre existiu entre garçons, médicos, cocheiros, artistas, prostitutas, funcionários desonestos, soldados, nobres, cruzados, apostadores, mendigos, etc...[...] O capitalismo, porém, identifica-se com a busca do lucro, do lucro sempre *renovado* por meio da empresa permanente, capitalista e racional.⁶⁸

Portanto, o reconhecimento do esporte por outros “caminhos” teóricos torna-se determinante ao se objetivar uma busca imparcial. Aproximando-se do ponto de vista da sociologia, é possível dividir e classificar algumas correntes de pensamento que preocupam-se em estudá-lo como fenômeno construído historicamente e socialmente. Toma-se como primeiro exemplo a sociologia crítica:

É também na década de 1960 que se desenvolve, no contexto da *Nova Esquerda*, um movimento teórico nas Ciências Sociais que ficou conhecido como Teoria Crítica do Esporte. Nascido principalmente na Europa, mas presente também na América do Norte, esse movimento tomou o esporte como tema de pesquisa, análise e reflexão, valendo-se de um aparato teórico da crítica da cultura e da economia política.⁶⁹

A análise sociológica crítica do esporte fundamenta-se nos estudos que o tratam como rendimento, expondo categorias críticas da realidade social e política.

⁶⁸ WEBER, M. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. Ed Martin Claret, 2005. p. 26.

⁶⁹ VAZ, A. *Teoria crítica do esporte: desdobramentos, críticas e possível atualidade*. 2003. p. 1.

Para tal análise, a sociologia crítica do esporte sustenta a idéia de que a sociedade se estabelece em distintas classes sociais que encontram-se em constante disputa e em constante reprodução de relações e pela busca concorrencial de poder.

Determinada perspectiva epistemológica tem em Karl Marx o sustentáculo de suas idéias transpassadas para o fenômeno do esporte, reconhecendo-o como elemento de valor capital que se sustenta como referência econômica no interior de uma sociedade burguesa que busca o acúmulo de capital financeiro pela mais valia.

A afirmação é provocativa, já que o pilar central dos estudos marxistas, concentra-se no trabalho e nas relações humanas advindas através das manifestações de produção, inclusive, a época em que publicou-se *O Capital* (1836) foi permeada pelos estudos que enfatizavam este fenômeno. O autor afirma:

A conclusão geral a que cheguei e que, uma vez adquirida, serviu de fio condutor dos meus estudos pode formular-se resumidamente assim: na produção social de sua existência, os homens estabelecem relações determinadas, necessárias, independentes de sua vontade, relações de produção que correspondem a um determinado grau de desenvolvimento das forças produtivas materiais [...]. O modo de produção da vida material condiciona o desenvolvimento da vida social, política e intelectual em geral.⁷⁰

Uma das referências de Marx sobre manifestações voltadas para o caráter do não trabalho concentra-se na concepção do lazer para o trabalhador. Lazer este tomando forma a partir do aumento do tempo livre nas fábricas:

Graças aos lazeres e aos meios postos ao alcance de todos, a redução ao mínimo do trabalho social necessário favorecerá o desenvolvimento artístico, científico de cada um.⁷¹

Neste sentido é pertinente perguntar: como encaixar Marx ao esporte moderno?

⁷⁰ MARX, K. Prefácio. In: QUINTANEIRO, T. **Um toque de clássicos - Marx, Durkheim e Weber**. Belo Horizonte: ed. UFMG, 2002. p. 38.

⁷¹ MARX, 1965 apud DUMAZEDIER, J. **Sociologia Empírica do Lazer**. São Paulo: ed. Perspectiva, 2001. p. 20.

Por mais que suas teorias se fundamentem na importância objetiva do trabalho, tais estudiosos⁷², estabeleceram vínculos conceituais que irão reconhecer no esporte um fenômeno econômico que através dos processos de complexidade social tornou-se meio de sobrevivência e ascensão social através da profissionalização, ou seja, aproxima-se do trabalho industrial criando maquinárias humanas, pois dada à racionalidade nas estruturas do pensamento e às necessidades burguesas de acúmulo de capital o esporte adere aos anseios de profissionalismo, pois é elemento quantificador, burocratizado, racionalizado e mercantilizado.

Autores Frankfurtianos, a exemplo de Jürgen Habermas através de artigos esporádicos, tornaram-se importantes para o estabelecimento de uma teoria crítica do esporte:

Mas, de qualquer forma, o esporte e sua aura de “pureza” oriunda do ideal olímpico permaneciam quase inquestionáveis como fenômenos positivos para as sociedades modernas. A exceção ficara por conta de parte do movimento operário dos anos vinte e trinta e de ensaios esporádicos como o de Jürgen Habermas (1967), no qual o depois famoso criador da *Teoria da ação comunicativa* mostrava, nos anos 1950, as afinidades entre o esporte e o trabalho e, por meio delas, os limites e contradições do chamado “tempo livre”.⁷³

O esporte foi uma prática típica da classe dominante até o final do século XVIII, assim, a partir do século seguinte este panorama viu-se modificado, uma vez que as práticas esportivas espalharam-se para as outras camadas sociais.

A classe trabalhadora as inicia em decorrência de lutas e protestos que reivindicavam melhores salários, conseqüentemente, melhores condições de vida.

⁷² Bero Rigauer (1969, 1979, 1992); Vinnai (1979); Brohm (1976, 1989), Hans Lenk (1973) e Richard Grueneau (1993).

⁷³ VAZ, A. **Teoria crítica do esporte: desdobramentos, críticas e possível atualidade**. Pág, 2, 2003.

Neste sentido Betti⁷⁴ (1991) ratifica: “O Esporte tornou-se acessível às classes trabalhadoras inglesas depois de ter surgido para a classe média, em decorrência de conquistas trabalhistas”.⁷⁵ Neste momento, com o esporte agora praticado pela classe proletária, surgem várias divergências no que concerne à apreciação, definição e prática das atividades esportivas entre burguesia emergente e o proletariado. O professor de Educação Física Mauro Betti (1991) traz elementos para essa análise:

[...] as variações das práticas segundo as classes devem-se não apenas às variações dos fatores que tornam possível ou impossível assumir seus custos econômicos e culturais, mas também às variações da percepção e da apreciação dos lucros, imediatos ou futuros que se considera que estas práticas proporcionam.⁷⁶

Nesta perspectiva, é possível considerar algumas aproximações teóricas do sociólogo francês Pierre Bourdieu⁷⁷ (1983), na medida em que o autor evidencia sua preocupação com o caráter dominador das classes dominantes. Essa relação faz-se presente no decorrer de sua obra, principalmente no tocante às manifestações de reprodução no interior social e às formas dominativas às quais são processadas.

De acordo com tais afirmações, é possível estabelecer algumas relações bourdianas com a tradição marxista. Neste contexto, torna-se evidente em Bourdieu sua preocupação com as estruturas de dominação e a necessidade da classe dominada em romper com qualquer manifestação dominante:

Seria fácil mostrar que as diferentes classes sociais não concordam a respeito dos efeitos esperados do exercício corporal, efeitos sobre o corpo externo como, por exemplo, a força aparente de uma

⁷⁴ Neste fragmento não se pretende rotular o autor como marxista. Sua apreciação é colocada aqui na medida em que fornece elementos para o estabelecimento de uma análise do esporte sobre a perspectiva de lutas de classe.

⁷⁵ BETTI, M. **Violência em Campo: Dinheiro, Mídia e Transgressão às Regras no Futebol espetáculo**. 2 ed. Rio de Janeiro: Unijuí, 2004. p. 44.

⁷⁶ BETTI, loc. cit.

⁷⁷ Novamente, neste fragmento não se pretende rotular o autor como marxista. Sua apreciação é colocada aqui na medida em que fornece elementos para o estabelecimento de uma análise do esporte sobre a perspectiva de lutas de classe.

musculatura visível, preferida por uns, ou a elegância, a destreza e a beleza, escolhidas por outros [...] ⁷⁸.

Ou seja, as variações substanciais entre as práticas esportivas específicas de cada classe social não encontram seu fim unicamente na diferenciação de valores financeiros, mas fundamentalmente, tornam-se mais complexas nas variações de percepção e apreciação dos lucros imediatos e/ou futuros que determinada prática proporcionará. De acordo com Bourdieu (1983):

[...] a demanda burguesa, que encontra sua satisfação em atividades com função essencialmente higiênica e que, os pesos e os halteres, vistos como um meio de desenvolver a musculatura, durante muito tempo foram – especialmente na França – o esporte favorito das classes populares. E também não é por acaso que as autoridades olímpicas tenham tardado tanto a reconhecer oficialmente o halterofilismo que, aos olhos dos fundadores aristocráticos do esporte moderno, simbolizava a força pura, a brutalidade e a indigência intelectual, ou seja, as classes populares ⁷⁹.

A distribuição do tempo livre também contribui para a distinção entre as diferentes modalidades esportivas praticadas pelas classes sociais. O golfe, o tênis, o pólo, atividades historicamente burguesas, são práticas que demandam uma quantidade de tempo muito maior do que o futebol ou outras atividades coletivas que, em termos temporais, são mais limitadas, portanto, destinadas a serem praticadas pelos funcionários das fábricas que possuem menos tempo necessário para suas atividades esportivas.

O valor etário, para Bourdieu (1983) também torna-se fator importante de distinção nesta dicotomia (esporte burguês e esporte proletário). Para o autor os esportes proletários caracterizam-se por demandarem maior energia física, portanto voltados para a juventude dominada que, ao ultrapassarem a idade adulta serão obrigados a afastarem-se de suas práticas esportivas. Já os esportes burgueses não

⁷⁸ BOURDIEU, 1983, p. 148.

⁷⁹ Ibid., p. 149.

se concentram na relação de força corporal e prática tanto quanto os esportes populares, o que estende a permanência burguesa na prática:

Entre as propriedades dos esportes “populares”, a mais importante é o fato deles estarem tacitamente associados à juventude, a quem espontânea e implicitamente, é creditada uma espécie de licença provisória que se expressa, entre outras coisas, pelo gasto de uma abundante energia física (e sexual), e de serem abandonados muito cedo. [...] Ao contrário, os esportes “burgueses” praticados principalmente por suas funções de manutenção física e pelo lucro social que proporcionam, têm em comum o fato de prolongar para bem além da juventude a idade limite para sua prática e, talvez, tanto mais além quanto mais prestígio e exclusividade tiverem (como o golfe)⁸⁰.

Portanto, o esporte possui diferentes valores entre as classes sociais distintas, valores sociais, econômicos e temporais que não se reduzem a simples explicações de causa e efeito, mas possíveis de se estabelecer relações como a importância do pensamento teórico metodológico crítico para o nascimento de uma cultura esportiva burguesa baseada em referenciais econômicos de dominação, através da racionalidade, calculabilidade e da impessoalidade.

Tendo-se como referência a polaridade conceitual e apreciativa das manifestações burguesas e proletárias, compreende-se que o esporte adquiriu uma forma particular de definição entre classes através de um poder objetivo e subjetivo que se configura nos diferentes “gostos” por práticas distintas. O esporte passa a ser um diferenciador e “distanciador” entre classes.

Esta pequena introdução referente às modernas manifestações esportivas e sua inclusão à classe proletária ainda não responde ao anseio de uma aproximação teórica aos estudos que pretendem evidenciar relações econômicas e sociais de dominação à prática esportiva.

⁸⁰ Ibid., p. 151.

Mas encontrar evidências de tais pressupostos no fenômeno esportivo é possível à medida que se reconhece no esporte:

- a) um elemento de lutas de classes;
- b) uma ferramenta de uso de poder econômico que mantêm o espectador e o atleta submetido às regras do capital;
- c) e como possibilidade mimética de aproximação com o processo evolutivo da maquinaria industrial com o atleta profissional.

Tais aproximações referentes ao esporte, pautadas pelo referencial marxista, são hoje, consideradas em muitos casos ultrapassadas ou vencidas. Mas torna-se necessário reconhecer que forneceram elementos para uma distinta compreensão de esporte.

Esporte como elemento de lutas de classes

Afirmar que a essência da idéia de lutas de classes surgiu com Marx seria vago, à medida que as lutas de classe já estavam presentes muito antes de seus estudos.

Em 1907, era publicado na *Neue Zeit* (XXV, 2, 164), extratos de uma carta de Marx a Weidemeyer, escrita no dia 5 de março de 1852.

Pelo que me diz respeito, não me cabe o mérito de ter descoberto a existência das classes na sociedade moderna, nem a luta entre elas. [...]. O que acrescentei de novo foi demonstrar: 1) que a existência das classes está unida apenas a determinadas fases históricas do desenvolvimento da produção (historische Entwicklungskampfe der Produktion); 2) que a luta de classes conduz, necessariamente, à ditadura do proletariado; 3) que esta mesma ditadura não é mais que a transição para a abolição de todas as classes e para uma sociedade sem classes.⁸¹

⁸¹ LENINE, V. I. O Estado e a Revolução. . **Net**, Estados Unidos: mar. 2004. Marxist Internet Archive. Disponível em: <http://www.marxists.org/portugues/lenin/1917/08/estadoerevolucao/cap2.htm>. Acesso em: 17 set. 2004.

Uma das formas mais originais para manter-se à frente do poder no novo cenário constituído foi a utilização burguesa dos meios irracionais na manutenção da estrutura e da ordem social. “De acordo com a ordem natural das coisas, a conseqüente invenção das tradições ‘políticas’ foi mais consciente e deliberada, pois foi adotada por instituições que tinham objetivos políticos em mente”.⁸²

Devido às novas necessidades sociais foram necessários novos instrumentos de dominação. De acordo com o historiador de formação marxista Eric Hobsbawn (1984) esses elementos irracionais, utilizados como eixo norteador do processo de dominação da classe proletária pela burguesia são as produções das tradições em massa, ou as invenções das tradições:

[...] as invenções oficiais – que podem ser chamadas de “políticas” – surgidas acima de tudo em estados ou movimentos sociais e políticos organizados, ou criadas por eles; e as não – oficiais – que podem ser denominadas “sociais” – principalmente geradas por grupos sociais sem organização formal, ou por aqueles cujos objetivos não eram específica ou conscientemente políticos, como clubes e grêmios, tivessem eles ou não também funções políticas.⁸³

Em termos de invenção das tradições três novidades são particularmente importantes: a educação primária secular imbuída de conteúdos republicanos e revolucionários; as cerimônias públicas; e a produção em massa de monumentos públicos que faziam referência às conquistas bélicas revolucionárias e que, por sua vez, contribuía para a ascensão do mito do Herói.

O autor ainda afirma que entre a invenção das tradições políticas, obra do Estado, irrompeu-se tradições específicas, entre elas o esporte: [...] particularmente o *football* tornar-se-ia um “culto proletário de massa”.⁸⁴

⁸² HOBBSAWM, E.; RANGER, T. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1984. p. 271.

⁸³ HOBBSAWM; RANGER, loc. cit.

⁸⁴ Ibid., p. 272.

Esses fatores associados, permeados por valores irracionais, contribuem de maneira efetiva para o subjetivo da classe dominada, que, pelas dificuldades sociais impostas para a obtenção de condições culturais, não conseguem enxergar além da cortina da tradição imposta.

Portanto, na ânsia da dominação, do medo de perder seus postos sociais, a classe dominante utiliza-se dos valores modernos do esporte, amadurecidos a partir de seu processo de evolução racional.

Neste sentido, objetivando uma análise crítica, é possível classificá-lo como ferramenta de imposição de ideais políticos que estruturam-se às necessidades dos agentes sociais responsáveis pela manutenção de uma configuração particular que se constitui às vontades dominantes.

Já a classe proletária, representada pelos funcionários, utilizava-se da prática esportiva com fins inicialmente lúdicos onde o *football*, principalmente na Inglaterra, tornara-se o representante máximo da prática popular.

Uma ferramenta de uso de poder econômico que mantêm o espectador e o atleta submisso às regras do capital

No intuito de confirmar a introdução acima, é necessário compreender as dimensões do fenômeno esportivo, neste sentido, a evidência do esporte como ferramenta de manipulação burguesa se fará presente instantaneamente, na medida que é possível evidenciar o processo capitalista de geração de capital através das formas de produções específicas.

De acordo com Cavalcanti (1984) o esporte apresenta quatro dimensões básicas: o melhor resultado, a hierarquização, o sistema burocrático e a publicidade.⁸⁵

I. No esporte tal como no capitalismo, a busca do *melhor resultado* através da fórmula: tempo–trabalho–produção, faz-se presente, na medida que o esporte prega a superação dos limites do homem contra outro homem, do homem contra a natureza e/ou do homem contra si mesmo.

Com o advento do esporte moderno há necessidade do agente (um técnico) treinar o atleta para ganhar a competição para adquirir prêmio e prestígio, enaltecendo a recompensa extrínseca. Exatamente como em uma fábrica, onde o aumento da produção visa a *mais valia*. Segundo Betti (1991), nesse contexto o atleta não difere muito do operário, destacando-se a natureza abstrata do cotidiano de ambos, pois:

O trabalho das fábricas foi racionalizado, e os gestos de cada operário estritamente determinados, para se tornarem econômicos e rentáveis. Também o esportista é conduzido a executar um movimento altamente automatizado, em obediência à estratégia do treinador na luta pela vitória e pela superação dos records. A atividade do esportista, assim como o trabalho do operário, tornou-se totalmente abstrata em quatro níveis: da atividade, do corpo, do tempo e do espaço.⁸⁶

O resultado no esporte está diretamente ligado ao treinamento, que será racional, metódico, intensivo, continuado e prolongado. O treinamento intensivo depende de fatores financeiros e consome a maior parte do tempo do atleta, também os avanços da tecnologia na área esportiva, transforma-o em uma máquina que trabalha a favor do sistema esportivo. A seleção metódica e exclusiva dos atletas é influenciada por fatores sociais, políticos e econômicos que determinam a seleção sistemática dos campeões:

⁸⁵ CAVALCANTI, K. B. **Esporte para todos: um discurso ideológico**. São Paulo: IBRASA, 1984.

⁸⁶ BETTI, op. cit., p. 51.

A economia de competição exige a medição constante da produção, ou seja, sua objetivação. O desenvolvimento do esporte na sociedade capitalista industrial caracteriza-se pela introdução progressiva da objetividade quantitativa. O que importa no esporte é o resultado; o esportista vale o que vale seu resultado, e toda sua atividade depende de seu sucesso.⁸⁷

II. O esporte é uma instituição fortemente *hierarquizada*. O primeiro tipo de hierarquia que se apresenta é a hierarquia das modalidades, pois nem todos os esportes são apreciados da mesma maneira, tal como acontece com as profissões, existem os de maior e os de menor prestígio.

III. O esporte apresenta-se como um exemplo típico de organização *industrial burocrática*, em que se cultuam as regras, treinamentos, espetáculos e recordes, em um esquema semelhante à organização de uma indústria.

O sistema esportivo como organização burocrática possui várias camadas: a infra-estrutura organizacional, que compreende as confederações, federações e clubes; a infra-estrutura técnica do próprio esporte, que é responsável por todo o instrumental esportivo; a infra-estrutura jurídica, que se responsabiliza pelas regras e regulamentos e o auto desenvolvimento da instituição esportiva, a qual centraliza o funcionamento e regula todo o sistema.⁸⁸

Nesse contexto o atleta assume o papel de uma simples “engrenagem”, que deve ser substituída no momento em que deixar de ser útil para a “máquina esportiva”, uma vez que:

A organização esportiva tornou-se uma superestrutura cujas finalidades não são controladas pelo atleta, o qual está cada vez mais submetido à burocracia. Sua atividade está controlada por regulamentos e leis que restringem sua liberdade esportiva e civil: não pode mudar de clube à sua vontade, não pode escolher as competições de que deseja participar. O esportista encontra-se alienado também com relação ao seu treinador, totalmente submetido a sua autoridade, a quem pertence seu corpo. A própria

⁸⁷ Ibid., p. 50.

⁸⁸ BETTI, loc. cit.

atividade do esportista é alienada, pois não é própria, livre e espontânea, mas é a atividade da lógica esportiva.⁸⁹

O atleta, neste sentido faz parte do conglomerado de propriedades do dono do clube, o burguês, que o manipula no intuito de se aproximar de seus interesses específicos.

Portanto, a história desse atleta constitui-se na quantificação de seu trabalho racional, metódico e alienado. Ele é o que reproduz à medida que é peça de uma máquina industrial específica que fabrica produtos específicos como vencedores, vitórias e heróis.

IV. A *publicidade* do esporte é importante ferramenta para seu crescente aumento e uma das características mais definidas do esporte moderno. A publicidade o transformou em um complexo audiovisual, onde são registradas as performances do homem. Ela busca aumentar o número de praticantes e espectadores, objetivando transformá-los em consumidores dos produtos que direta ou indiretamente utilizam o esporte como ferramenta de *marketing*.

“Não há como pensar o esporte moderno [...] sem fazer referência às transformações propiciadas pela penetração dos meios de comunicação e do grande capital na produção e difusão de eventos esportivos”.⁹⁰

Daí porque a figura do vencedor deve ser exaltada ao máximo a ponto de se criar um novo mito, um exemplo a ser seguido pela sociedade, privilegiando-se sempre o lucro que se pode obter. Nesse processo a imprensa ocupa seu papel, criando e vendendo “estrelas”. De acordo com Betti (1991):

⁸⁹ Ibid., p. 51.

⁹⁰ PRONI, M. A espetacularização do esporte: uma visão estrutural da história recente do esporte no Brasil. In: ENCONTRO NACIONAL DA HISTÓRIA DO ESPORTE, LAZER E EDUCAÇÃO FÍSICA, DEF/UFPR, DEF/UFPG, FEF/UNICAMP, 3., 1995, Curitiba. **Anais...** Curitiba: UFPR, 1994. p. 144.

A identificação das massas com os ídolos mascara os verdadeiros problemas. Um campeão, excelente no campo esportivo, torna-se dono de outras virtudes: inteligência, generosidade, coragem, etc. Ser campeão, assim, converte-se em sinônimo de ser perfeito. Visto deste ângulo, o esporte se assemelha a outras formas de espetáculo e fabrica ídolos, como o cinema e a música.⁹¹

Possibilidade mimética de aproximação com o processo evolutivo da maquinaria industrial com o atleta profissional

O burguês emerge como o proprietário capitalista dono de fábricas e da maior parte das residências urbanas, tendo na Revolução Francesa o marco cronológico de sua ascensão. O século seguinte, portanto, marca a passagem de uma sociedade fundamentalmente rural para urbana, onde a maior parte da renda concentra-se e circula por entre as paredes de indústrias e entre as mãos dos capitalistas.

Neste sentido, o antigo artesão, que no momento da fabricação de seu produto específico beneficiava-se de valores intrínsecos no processo de criação transforma-se em assalariado, controlado e submisso às necessidades e regras do capital.

A criação, processo dotado de diversos valores intrínsecos transforma-se em reprodução metódica, racionalizada e vista como simples trabalho funcional e alienado, uma forma que, o agora proletário, encontra para se sustentar na conjuntura urbana industrial. O produto, antes expressão artística de domínio da habilidade do artesão adquire valor extrínseco a ele.

A análise textual seguinte, parte da obra de Marx que trata da forma como o burguês capitalista consegue explorar seu funcionário graças ao emprego de novas

⁹¹ BETTI, op. cit., p. 51.

ferramentas – máquinas capazes de otimizarem o trabalho e, ao mesmo tempo angariar, gratuitamente, mais trabalho humano:

Esse emprego, como qualquer outro desenvolvimento da força produtiva do trabalho, tem por fim, baratear as mercadorias, encurtar a parte do dia de trabalho da qual precisa o trabalhador para si mesmo, para ampliar a outra parte que ele dá gratuitamente ao capitalista. A maquinaria é meio para produzir mais valia.⁹²

Assim, o burguês vê-se como detentor dos modos de produção e, o trabalhador encontra-se como peça fundamental da maquinaria industrial.

No esporte não é diferente. Dotado de agentes dominantes específicos, em sua maioria burgueses, apropria-se do esforço do atleta tratando-o como funcionário, uma vez que este passa a viver de seu salário, fruto de suas conquistas.

No cenário do espetáculo esportivo o atleta, constantemente exigido fisicamente e psicologicamente, é tratado como máquina, devendo estar sempre pronta para render ao gosto do capitalista, patrocinador, dono do clube, cartola.

O referencial crítico pressupõe, portanto que o esporte é um fenômeno repleto de “desvios ideológicos”⁹³ que, de forma objetiva estabelece relações com a organização capitalista tais como: a escravidão do atleta, a obsessão pela vitória a qualquer preço, a utilização política dos eventos, a prioridade para a formação de campeões, a comercialização predatória e a influência crescente da publicidade.

Para Jean-Marie Brohm, teórico francês de formação marxista, em seu artigo “*Quel Corps?*” publicado em 1975 na França, discute a idéia de que o esporte apropria-se do corpo do atleta como a fábrica apropria-se do corpo do trabalhador, considerando-os como iguais perante a lógica do capital.

⁹² MARX, op. cit., p. 424.

⁹³ PRONI, M. W. Brohm e a organização capitalista do esporte. In: PRONI, M. W.; LUCENA R. F. **Esporte, história e sociedade**. Campinas: ed. Autores Associados, 2002. p. 32.

Neste sentido alguns pressupostos são evidenciados, à medida que compreende-se uma interligação entre o corpo alienado dos trabalhadores/atletas e a lógica capitalista de produção pela mais valia:

- a) o homem é senhor de si mesmo e da natureza;
- b) a teoria do corpo-máquina e dos espíritos animais pode ser considerada como o domínio racional da corporeidade humana;
- c) o corpo dominado é o marco de uma moral racional provisória;
- d) o corpo terá sempre um papel subordinado na hierarquização intelectualista, o que é caracterizado pela sua desvalorização permanente.⁹⁴

A posição crítica de Brohm (1975) fundamenta-se na relação figurativa do esporte como uma forma de alienação ideológica e de repressão das sociedades tendo no espetáculo esportivo uma manifestação intensa do ideal consumista, já que para o autor, o corpo (completamente socializado) tem sido uma referência para a exploração de uma classe sobre a outra.

Neste sentido, como exemplo, os agentes específicos do campo da saúde têm como função objetiva:

- a) favorecer a mercantilização farmacológica;
- b) reintegrar pessoas após acidentes de trabalho;
- c) manter a vida das pessoas, com o objetivo de conseguir que permaneçam como consumidores;
- d) equilibrar os indivíduos nas suas relações com os próprios corpos por meio de operações plásticas, abortos, terapia psiquiátrica e outros meios.⁹⁵

Com Brohm (1975), é possível reconhecer o corpo como uma instituição complexa que estabelece-se como função capitalista, pois legitima-se como uma

⁹⁴ TUBINO, M. **As teorias da Educação Física e do esporte**. Barueri: Ed. Manole, 2002. p. 26.

⁹⁵ TUBINO, loc. cit.

força produtiva, vendida de acordo com as leis de oferta e procura, é coisificado pelo processo produtivo e tem no princípio do rendimento uma forma de educação que estimula as relações de produção e consumo.

Nesta perspectiva, a tese marxista da maquinaria industrial e a consideração do corpo como simples engrenagem coisificada legitima-se na medida em que: “O corpo é apenas um prolongamento da máquina na sociedade capitalista, constituindo-se apenas numa força de trabalho alienada”.⁹⁶

Para Brohm em *Sociologie politique du sport* publicado na França em 1976, determinados desvios ideológicos e manifestações da ordem capitalista:

[...] refletiam a ambientação do esporte a um mundo organizado em torno do capitalismo industrial (que se expressa na ênfase no máximo rendimento, na especialização do trabalho, no movimento corporal robotizado) e a utilização do esporte como aparelho ideológico do Estado (que se manifesta na transformação do espetáculo em meio da distração das massas, desviando os homens adultos de uma participação política consciente).⁹⁷

Brohm (1976), estabelece para o esporte moderno, características constitucionais que elucidam fortes ligações com os interesses burgueses industriais, evidenciando aproximações entre a mercantilização do esporte e a lógica da organização capitalista, pois: “Do mesmo modo que há uma racionalidade que organiza os mercados e a concorrência capitalista, há um quadro de normas que regulam a competição esportiva”.⁹⁸

Ao estabelecer vínculo com a burguesia mercantil, o esporte com características modernas inicia o processo de produções específicas, tais como: campeões, espetáculos, recordes e competições. Nada mais natural já que determinados produtos têm a característica ímpar de manter vínculo com a

⁹⁶ Ibid., p. 28.

⁹⁷ PRONI, 2002, p. 32.

⁹⁸ Ibid., p. 43.

subjetividade do ser social, principalmente no que concerne às especificidades de uma “necessidade” de consumo. De acordo com Proni (2002) a noção de produção esportiva:

[...] justifica-se na medida em que o esporte, como forma abstrata da tecnologia corporal baseada no rendimento, inseriu-se organicamente nas formas lúdicas de exercícios competitivos, convertendo-as em técnicas altamente racionalizadas e eficazes. O princípio de rendimento surge então como “motor do sistema esportivo” [...].⁹⁹

O rendimento, ideal que norteia as manifestações capitalistas de produção, encontra no esporte um espaço privilegiado para sua afirmação como princípio básico que rege a vida social.

Determinado rendimento é legitimado pelo valor objetivo atribuído à competição que norteia os referenciais de qualquer afazer que se encontra em campo econômico capitalista e, tendo no *recorde* a valorização máxima do ideal competitivo.

Valorizar o trabalho esportivo através do *recorde* torna-se essencial para a estrutura econômica capitalista já que, mimeticamente influencia todos os seres sociais a manterem uma ordem hierárquica comercial baseada nas funções meritocráticas onde a evolução social apenas deve ocorrer através da competição “acirrada” e a vitória pelo mérito pessoal.

A perspectiva crítica é capaz de fornecer um rumo pertinente às pesquisas que procuram uma ruptura com as idéias de senso comum ligadas ao esporte, pois preocupa-se em expor elementos que, por encontrarem-se ocultos para a maior camada da sociedade, influenciam o exercício de uma sociologia espontânea, conseqüentemente contribui para manutenção da ordem social.

⁹⁹ Ibid., p. 32

Contudo, a perspectiva crítica do esporte não responde a todas as problemáticas que esta manifestação social possui, pois de certa forma atribui-lhe as mesmas formas, universalizando a totalidade de suas características, uniformizando-as: “Em outras palavras, é duvidoso que o significado do esporte na cultura chinesa, japonesa ou iraniana seja o mesmo que na cultura britânica, australiana ou Argentina”.¹⁰⁰

Ou seja, as características “esportivas” não são universais na medida em que reconhece-se no esporte profundas ligações políticas que também não são universais, muito menos, mutáveis.

Neste sentido, o modelo de análise crítica econômica determina uma singularidade nos fenômenos, pois: [...] encontra dificuldades para examinar práticas esportivas que não se baseiam nos mesmos princípios e não seguem o mesmo tipo de organização por ele destacado.¹⁰¹

Além do fato de se considerar que a sociologia crítica, especialmente em Brohm, é limitadora, ela recebeu outras críticas de teóricos como Seners (1998) e Jean Meynard, justificadas:

- a) pela radicalização e ideologia dos seus posicionamentos e teses;
- b) pelo fato de, ao preconizar o impedimento do esporte na escola, nunca ter feito distinção entre esporte escolar e esporte de rendimento;
- c) porque tudo que escreveu sobre esporte estava referenciado no esporte de rendimento e ele sempre fez generalizações;
- d) porque na sua teoria, os problemas não estavam essencialmente no corpo e no esporte, mas no regime político capitalista.

¹⁰⁰ Ibid., p. 56.

¹⁰¹ Ibid., p. 58.

A teoria crítica do esporte em Brohm pode ter recebido críticas intensas, mas não esconde sua contribuição no reconhecimento de padrões sociais que, de forma objetiva, regem a dominação e a reprodução social como a política e a economia tendo o esporte, o papel de ferramenta divulgadora.

Torna-se pertinente relatar que a sociologia crítica do esporte vem a dar contribuições importantes para o reconhecimento desta manifestação corporal, mas sua limitação fundamental reside em sua perspectiva. Olhar o esporte pelos olhares da sociologia crítica é olhá-lo pela ótica do trabalho.

Os estudos expostos neste capítulo expõe a relação do esporte pela perspectiva do objeto de estudo em voga no século XIX, mas não deve-se renegá-la na medida em que em sua perspectiva não se verifica o discurso de adequar-se ao meio, mas é proposta a transformação do cenário onde se dá a correlação de forças já que, ao contrário, uma referência funcionalista se configura como a busca por uma explicação do esporte como elemento social e de que forma ele se relaciona com os outros elementos do mesmo sistema social.

Determinados referenciais, inspirados pelo pensamento de Durkheim (1858-1917) tratam de analisar os fatos sociais como se fossem coisas, ou seja, analisá-los de forma independente dos indivíduos particulares.

Uma explicação funcionalista atribui ao esporte o poder de exercitar determinados valores como socialização, disciplina, moral, regras e normas e as formas de solidariedade.¹⁰²

É possível que este fenômeno social exerça influência positiva sobre determinados valores dada a possibilidade de prática em equipe – que exige

¹⁰² COMISSÃO DE ESPECIALISTAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA DO MINISTÉRIO DO ESPORTE, op. cit., p. 60.

cooperação e disciplina para atingir as metas específicas de cada modalidade – e a necessidade de acatar regras e normas específicas.

Em uma análise crítica é possível perceber o esporte dotado de padrões objetivos como sua relação com a economia e com as superestruturas – as formas políticas das lutas de classes e seus resultados, as constituições, as teorias políticas, jurídicas, filosóficas – com as lutas de classe que exercem um poder coercivo através da instituição esportiva.

Mas tal análise, como pôde ser vista, ainda é redutora, pois não reconhece os elementos subjetivos, como as ações pessoais que norteiam as estratégias sociais e, por conseqüência, dão fundamento às ações institucionais. Neste sentido, uma análise pautada pelo referencial weberiano tende a complementar os estudos do esporte.

Uma das formas mais recentes de se conceber o esporte moderno encontra-se nas referências do sociólogo Allen Guttmann. Sua contribuição sociológica referente ao esporte nasce de uma concepção weberiana, principalmente no concernente aos *tipos ideais*.¹⁰³

Inicialmente, faz-se necessário uma compreensão da forma utilizada por Max Weber ao referir-se a tipos ideais. Na obra A “Objetividade” do Conhecimento Nas Ciências Sociais, Weber define tipo ideal:

Obtém-se um tipo ideal mediante a *acentuação unilateral de um ou vários pontos de vista*, e mediante o encadeamento de grande quantidade de fenômenos *isoladamente* dados, difusos e discretos, que se podem dar em maior ou menor número ou mesmo faltar por completo, e que se ordenam segundo os pontos de vista unilateralmente acentuados, a fim de se formar um quadro homogêneo de *pensamento*. Torna-se impossível encontrar empiricamente na realidade esse quadro, na sua pureza conceitual, pois se trata de uma *utopia*. A atividade *historiográfica* defronta-se com a tarefa de determinar, em cada *caso particular*, a proximidade ou afastamento entre a realidade e o quadro ideal (...) Ora, desde que cuidadosamente aplicado, esse conceito cumpre as funções

¹⁰³ GUTTMANN, loc. cit.

específicas que dele se esperam, em benefício da investigação e da representação.¹⁰⁴

Neste sentido, os tipos ideais podem caracterizar-se como conceitos definidos conforme critérios pessoais, o que, por sua vez coloca determinada teoria em oposição: por um lado, a explicação estrutural dos fenômenos e, por outro, a perspectiva que compreende os fenômenos como entidades qualitativamente diferentes.

A definição de tipos ideais torna-se pertinente para compreender a racionalidade ocidental, bem como os fenômenos sociais, principalmente as noções de lei, democracia, capitalismo, feudalismo, sociedade, burocracia, patrimonialismo.¹⁰⁵

É neste sentido que é possível compreender em Weber a noção de que não há apenas um motor que move a sociedade e que determinados motores são independentes, ou seja, não são passíveis de se explicarem.

Seu método compreensivo é capaz de colocar o sujeito à frente das ações, ou seja, as ações coletivas podem ser compreendidas pelas diferenças entre os sujeitos, compreendendo os motivos da ação pela visão social subjetiva.

A explicação sobre tipo ideal ainda está longe de uma compreensão "ideal" sobre a idéia weberiana, mas é possível que se retire algumas conclusões referentes a Weber e que são pertinentes para reconhecer o esporte.

De acordo com a idéia dos tipos ideais que se legitima pela introspecção de fenômenos que se estabelecem em diversas sociedades e, conseqüentemente descobrir seus traços comuns, Allen Guttmann, ao referir-se ao esporte moderno

¹⁰⁴ WEBER, M. A "Objetividade" do Conhecimento nas Ciências Sociais. In: COHN, G. **Max Weber: Sociologia**. São Paulo: ed. Ática, 1982. p. 106.

¹⁰⁵ WEBER, M. Parlamentarismo e governo em uma Alemanha reconstruída. In: WEBER, M. **Coleção Os pensadores**. São Paulo: ed. Abril, 1980.

evidencia algumas características singulares: secularismo, igualdade de oportunidades, especialização, racionalização, burocratização, quantificação e busca de recordes.

Secularismo: Determinada característica só pode ser compreendida a partir da análise e comparação do esporte moderno às antigas modalidades de valores míticos e religiosos. Ou seja, é característico ao esporte seu desvinculamento a estas práticas que, por exemplo, se processavam em Olímpia como os clássicos jogos olímpicos que foram permeados pelo ideal mágico.¹⁰⁶

Dunning (1979) busca na palavra “seriedade” a chave que caracteriza o esporte moderno como fenômeno desvinculado às antigas práticas corporais, ou seja, a este fenômeno social atribui-se as qualidades mercadológicas em contrapartida às qualidades “encantadas”.

Partindo-se desta perspectiva, compreende-se que os clássicos jogos praticados no interior da sociedade mediterrânea clássica não se aproximam dos esportes atuais, ou, são seus antecessores. Pilatti (2002) contribui para afirmar que:

Em seu caráter secular os esportes romanos estão mais próximos do esporte de nossos dias. Os eventos romanos marcados pelo ideário do pão e circo, também guardam semelhança com a idéia do espetáculo, que é uma idéia nuclear na sociedade de nossos dias.¹⁰⁷

Portanto, o esporte moderno não é passível de explicações religiosas, pois a ele lhe é atribuída a característica espetacular racionalizada, desencantada. Em contrapartida, atualmente na mídia e nas conversas não formais, é possível encontrar afirmações como “o futebol é uma religião”, ou “a devoção pelo clube”, ou “o São Paulo é uma religião”, mas torna-se pertinente colocar que não trata-se de

¹⁰⁶ PIMENTA, T. F. F. **O Taekwondo no contexto olímpico na oralidade dos mestres**. Bauru, SP: UNESP, 2003. Originalmente apresentada como monografia para conclusão da graduação em Educação Física, Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de São Paulo - UNESP, Bauru, 2003.

¹⁰⁷ PILATTI, op. cit., p. 66.

uma des-secularização do esporte, mas uma atribuição religiosa superficial a uma manifestação de ordem racional dadas suas diferenças de referenciais: mítico e racional.

Ao esporte moderno atribui-se uma característica racionalizada, do trabalho formal assalariado, sério e desencantado, em contrapartida à uma possível manifestação cultural superficial que só é compreendida como tal dada a deficiência de apreensão do público referente aos determinantes de ordens acadêmico/científicos, necessários para compreender a diferença – objetiva e subjetiva – entre culto religioso e “culto” ao esporte, ao time, ou aos santos que lhe fazem referência.¹⁰⁸

Essas frases, analisadas pelo olhar da subjetividade, levam a compreender a força simbólica exercida pelo esporte que, por desempenhar um poder atrativo, canalizado pelos meios de comunicação, leva aos espectadores sua superficialidade, apenas a parte substancial de sua característica espetacular. É neste sentido que o público vê no esporte apenas sua superfície.

A Igualdade de oportunidades é característica do esporte, pois lhe é atribuída a liberdade na participação, algo que em algumas práticas corporais primitivas não era aceito. Nesta afirmação, ainda reside o caráter secular do esporte moderno, em contrapartida às práticas antigas.

Nas atividades primitivas os participantes eram “escolhidos pelos deuses”. Na Grécia antiga já admitia-se certa liberdade na participação dos competidores, mas nas práticas romanas, mesmo reconhecendo tal igualdade, não era praticada. Pilatti (2002) trás elementos pertinentes para uma possível comparação entre os jogos romanos e gregos clássicos:

¹⁰⁸ Reconhece-se São Jorge como o padroeiro do time de futebol Corinthians ou São Paulo como o padroeiro e símbolo do time o qual leva seu nome.

Os romanos, por sua vez, mesmo aceitando tal igualdade não a colocavam em prática no seu evento maior, as lutas de gladiadores nos circos. Existiam nesses locais lutas entre homens e animais, homens com armas diferentes, anões e mulheres, entre outras formas, para divertimento do público.¹⁰⁹

No esporte, a igualdade de oportunidades é legítima e corroborada pelas regras e suas modificações que estabelecem critérios de igualdade de oportunidades nas competições.

Modalidades que queiram firmar-se como olímpicas devem delimitar regras em sua participação que mantenham a integridade física do atleta. O Taekwondo, para firmar-se como modalidade olímpica necessitou a reestruturação de suas regras como a criação das proteções de cabeça e tronco e a proibição de golpes de punho no rosto.

Para Guttmann, outros exemplos de igualdade na competição podem ser encontrados ao analisar-se as referências históricas na prática esportiva como a segregação racial: “[...] apenas em 1908 um negro teve oportunidade de lutar pelo título mundial dos pesos pesados. Outro exemplo clássico utilizado foi o da olimpíada de Berlim, em 1936”.¹¹⁰

Guttmann coloca outra forma de segregação: a da mulher no esporte. Hoje há as diferenciações entre as práticas masculinas e femininas – o que também não deixa de se configurar como uma forma de segregação: “Podemos citar a recusa do Barão Pierre de Coubertin em permitir a participação das mulheres nos jogos olímpicos, a qual acabou acontecendo apenas em 1912 e no atletismo em 1928”.¹¹¹

Mas, por mais que se reconheça um movimento que caminhe para a igualdade de participação nos esportes, ainda são presentes fortes indícios de

¹⁰⁹ PILATTI, op. cit., p. 67.

¹¹⁰ Ibid., p. 69.

¹¹¹ PILATTI, loc.cit.

desigualdade nas práticas esportivas. O esporte é um fenômeno reconhecidamente seletivo.

Clubes e muitas escolas funcionam como centro de triagem que valorizam os melhores em detrimento dos menos dotados em habilidades necessárias para a consecução dos movimentos exigidos pela modalidade específica.

A *especialização* para Guttman configura-se como outra característica do esporte. Sua explicação mantém uma comparação com as antigas modalidades competitivas.

As atividades competitivas medievais do século XV caracterizavam-se pela não seleção de habilidades e regras indefinidas. Para Guttman (1978, p.38) os jogos populares medievais e pré-modernos possuem três características que podem ser explicitadas:

Estes jogos eram relativamente semelhantes em três aspectos: (1) elementos do que depois se tornaram jogos altamente especializados como rúgbi, futebol, hóquei, boxe, luta livre e pólo eram contidos freqüentemente em um único jogo; (2) havia pequena divisão de trabalho entre os jogadores; e (3) nenhuma tentativa foi feita para esboçar uma distinção forte e rápida entre jogar e assistir.¹¹²

Neste sentido, o esporte moderno caracteriza-se por ser o oposto, ou seja, sua definição encontra-se nas especializações de funções – o futebol é um exemplo de como a divisão de funções é bem definida, há os laterais, centro – avantes, zagueiros, meio campistas.

Hoje, pelo princípio de especialização do treinamento desportivo, as categorias de base não posicionam o atleta simplesmente por suas características e habilidades, mas pelo seu biótipo, ou seja: “esta criança, por ser um indivíduo

¹¹² PILATTI, op. cit., p. 70.

longilíneo e leve será um bom Taekwondista”. De acordo com esta vertente de pensamento, os praticantes são triados a partir de sua composição corporal.

Para Guttmann, a *racionalização*, também encontra-se como princípio do esporte moderno. Não quer dizer que nas atividades competitivas primitivas não havia regras, mas o norte de sua natureza passa a ser um “artefato cultural”, para deixar de ser instruções divinas.

De acordo com a idéia de racionalização, é possível encontrar cruzamentos metodológicos que contribuam para a explicação das regras e, conseqüentemente, uma *burocracia* esportiva. As regras, em atividades competitivas primitivas, antes pautadas por critérios míticos, no esporte moderno surgem como criações modeladas em referenciais racionais, desmistificadas, conforme essência weberiana, pois respeitam a uma lógica institucionalizada.

Para que uma regra seja imposta a um esporte, ela deverá ser validada por instituições especializadas, que já foram validadas pelo Estado e, que garantam a funcionalidade esportiva. Tais instituições são formadas por agentes específicos que validarão as regras, ou não, pautando-se pelos critérios de respeito à integridade física do atleta e à competitividade (combatividade no caso das lutas), no intuito de atrair a maior quantidade de público para assistir a modalidade e, conseqüentemente, tornarem-se seus consumidores, tanto na forma de praticantes, como na forma de espectadores. As duas formas de consumo estimulam a oferta e a demanda dos produtos esportivos e a veiculação dos esportes pelos meios de comunicação.

Com o avanço do capitalismo e da espetacularização esportiva, as regras, garantidas por um aparato legal e burocrático específico da estrutura esportiva e do Estado, servirão às regras de entretenimento e às regras econômicas. Suas

mudanças, garantidas pelos meios legais da estrutura burocrática esportiva, garantidas pelo Estado, seguem as orientações mercadológicas, muito mais que as orientações pautadas no princípio da igualdade de oportunidades. Exemplos oportunos são encontrados em diversas modalidades, do vôlei ao Taekwondo. No caso da primeira prática – sua federação mundial fez mudanças drásticas em seu quadro de regras como a retirada da vantagem para que os sets ocorram com pontos corridos, no caso do Taekwondo sua federação mundial também foi obrigada a realizar diversas mudanças em sua prática, da vestimenta à contagem de pontos. Todas essas mudanças visam o mesmo objetivo: Tornam as competições mais rápidas e emocionantes para o espectador, pois garantem a competitividade dos jogos – aumentando sua veiculação e conseqüentemente sua venda.

Para Guttman, todas as características que formam a base para a compreensão do esporte na modernidade advêm de um aparato *burocrático*.

É na sua definição burocrática encontrada o ponto central de compreensão do esporte como instituição de fins lucrativos. Como uma empresa, o esporte, armado de um aporte racional e burocratizado, busca o lucro pelos seus produtos específicos como a venda de atletas, que exercem uma força simbólica, pois também atuam como “vendedores” de camisas, chuteiras, bolas através da identificação do ídolo e do herói. Tendo todo seu aparato mercadológico garantido pelo Estado que autoriza as vendas e, veiculados pelos meios de comunicação:

Efetivamente, é a instituição burocrática que passou a administrar o desenvolvimento dos esportes, conferindo-lhes um sentido moderno e, na época presente, passou a transformar esses esportes em produto adequado a mídia.¹¹³

¹¹³ PILATTI, op. cit., p. 71.

Nos esportes modernos a burocratização vem corroborar os mecanismos legais para a universalização das regras, na elaboração de estratégias de desenvolvimento mundial, controle de recordes e na produção de espetáculo.¹¹⁴

A estrutura burocrática do espetáculo esportivo também lhe garante autonomia, pois em seu universo de dirigentes, diretores, secretários e atletas há leis internas e juízes que têm o direito e a liberdade para abrirem inquéritos internos referentes a possíveis atos de infração cometidos por seus agentes específicos.

A instituição burocrática esportiva age impondo regras e leis pautadas e garantidas pelo Estado que, por ventura pode chamar para si a responsabilidade de julgamento dos agentes do campo esportivo, dependendo da infração.

Mas algumas das características citadas por Guttmann, de forma mais ou menos aparente, podem ser evidenciadas nas atividades competitivas primitivas ou nos esportes mais antigos. A característica que contribuirá para sua distinção e ruptura completa entre as outras atividades é a busca pelo *recorde*.

Guttmann sugere que a quantificação dos esportes pode ser simbolizada pela invenção do cronômetro em 1730.¹¹⁵ “A busca de recordes, por sua vez, é a única característica, entre todo o elenco de características levantadas que se encontra presente somente nos esportes modernos”.¹¹⁶

De acordo com as proposições levantadas por Guttmann e referenciadas por Pilatti (2002), é possível compreender uma inovação às abordagens do esporte. Neste sentido compreende-se que as diferentes características do esporte moderno são interligadas, ou seja, complementam-se concomitantemente, pois encontram-se em um ambiente norteado pelo acúmulo de capitais.

¹¹⁴ PILATTI, op. cit., p. 72.

¹¹⁵ PILATTI, loc. cit.

¹¹⁶ PILATTI, loc. cit.

Mas, por mais que sua contribuição tenha favorecido as análises do esporte, algumas limitações ao seu modelo são encontradas. Pilatti (2002) cita como limitações do modelo de Guttmann: a inadequação ao modelo de esporte espetáculo, a inadequação do modelo para compreender diferentes manifestações do esporte.

Pilatti (2002) encerra a crítica referente às limitações de Guttmann pela:

1) desconsideração do *fair play*, que não pode ser compreendido no mesmo patamar da igualdade; 2) na Inglaterra, o temperamento predominante determina a “moldagem do caráter” e, ao mesmo tempo, é um componente forte na configuração do esporte moderno; e 3) o retardar do gozo.¹¹⁷

Denotadas as apreciações e limitações da teoria de Guttmann sobre o esporte moderno e, as apreciações e limitações da teoria crítica nos referenciais marxistas de Jean Marie Brohm é possível estabelecer algumas proposições referentes ao estudo do esporte.

Inicialmente reconhecer que seus estudos ora focam-se em suas manifestações de ordem objetiva como suas estruturas, seus referenciais econômicos, ora voltam-se para suas características subjetivas como a atuação do sujeito e suas estratégias de manutenção da estrutura esportiva.

Neste sentido, uma contribuição aos estudos do esporte na sociedade é pertinente na medida em que torna-se possível articular os dois conhecimentos, tanto o objetivo quanto o subjetivo. A noção praxiológica pode servir para que se avance nos estudos do esporte e por ventura, contribua para a compreensão das necessidades humanas de criação de modalidades esportivas e sua apreciação, em sua utilização como meio simbolicamente consolidado e na manutenção de

¹¹⁷ Ibid., p. 75.

estruturas que corroboram sua manutenção no universo das práticas que detêm poderes objetivos e simbólicos como é o caso do Taekwondo.

Para tal, busca-se compreender os reais objetivos que agentes específicos de uma arte marcial, possuidora de valores filosóficos e orientais místicos embasados por referenciais budistas, confucionistas e xintoístas objetivam sua inserção em um *locus* ou espaço concorrencial de lutas características de instituições que visam o acúmulo de bens como seus fins.

Para dar subsídio teórico à busca pelo estabelecimento de uma compreensão e formação de um espaço dos esportes, suas manifestações sociais e, por sua vez, identificar os fatores históricos, sociais, econômicos e políticos envolvidos em um processo de esportivização do Taekwondo, emprega-se neste trabalho o referencial teórico do sociólogo francês Pierre Bourdieu.

A utilização de suas referências auxilia na compreensão do espaço social como possuidor de diversos campos específicos, dotados de agentes que elaboram estratégias de competições com objetivo de acumular formas de capitais. O autor refere-se a esses espaços como campos sendo o espaço dos esportes reconhecido como um *locus* concorrencial inserido em um universo de práticas e consumos.

Sua análise sobre campo perpassa sobre as noções de agentes, disposições, lutas e capitais. Tais definições contribuem para uma análise subjetiva e objetiva da sociedade e, por conseqüência, de um sub-campo do Taekwondo. Portanto, torna-se pertinente reconhecer a originalidade do pensamento de Bourdieu e a possibilidade de utilização de sua abordagem no universo prático.

Tomando como princípio quase que fundamental em sua obra, o autor evidencia sua preocupação com o caráter dominador das classes dominantes:

A cultura dominante contribui para a integração real da classe dominante (assegurando uma comunicação imediata entre todos os

seus membros e distinguindo-os das outras classes); para a integração fictícia da sociedade no seu conjunto, portanto, à desmobilização (falsa consciência) das classes dominadas; para a legitimação da ordem estabelecida por meio do estabelecimento das distinções (hierarquias) e para a legitimação dessas distinções. [...] As diferentes classes e frações de classes estão envolvidas em uma luta propriamente simbólica para imporem a definição do mundo social mais conforme aos seus interesses, e imporem o campo das tomadas de posições ideológicas reproduzindo em forma transfigurada o campo das posições sociais.¹¹⁸

Neste sentido Bourdieu supera a análise social marxiana, pois não reduz a sociedade em termos e discussões econômicas, na medida em que a defende como um *locus* de diversos agentes sociais que estabelecem relações entre si, na medida em que estão constantemente buscando capital:

O autor sempre se recusou a proclamar sua adesão ao pensamento de Marx [...] Sua obra edificou-se fora dos caminhos balizados pela reflexão marxista, tomando como objeto de estudo áreas consideradas menores pelo marxismo ortodoxo [...] Além disso, Bourdieu recusa-se a incluir a pesquisa sociológica nos engajamentos de natureza política ou ainda na elaboração de doutrinas de salvação.¹¹⁹

O termo “capital” também adquire mais significados para Bourdieu, distanciando-o mais de qualquer ligação marxista. O autor concebe capital de quatro formas diferentes em especial: um conjunto de fatores de produção e/ou bens econômicos chamado de *capital econômico*; um conjunto de qualificações intelectuais transmitidos e/ou adquiridos e sancionados pelo Estado através de processos de certificação sendo este o *capital cultural*; um conjunto de relações sociais de que dispõe o indivíduo, o *capital social* e o conjunto de rituais ligados ao reconhecimento que permite impor verdades sendo este último o *capital simbólico*.

Mas especialmente, no tocante à tradição de Marx, Bourdieu diferencia-se deste autor na medida em que reconhece formas de dominações distintas, como as

¹¹⁸ BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. 10 ed. Rio de Janeiro: ed. Bertrand Brasil, 2004. p. 10-11.

¹¹⁹ BONNEWITZ, P. **Primeiras lições sobre a sociologia de Pierre Bourdieu**. Petrópolis: Ed. Vozes, 2003. p. 20.

manipulações simbólicas que se definem como manifestações mais subjetivas do mundo social: “A tradição marxista privilegia as *funções políticas* dos ‘sistemas simbólicos’ em detrimento de sua estrutura lógica e da sua função gnoseológica”.¹²⁰

No entanto, não só suas preocupações com as manifestações de dominação e reprodução são evidentes, mas as formas de dominação que subjagam a classe dominada através de exibições de poderes simbolicamente utilizados, poderes que exercem uma função reprodutiva e acrítica, capaz de manipular agentes sociais não dotados da compreensão necessária para romper com as barreiras impostas por sua limitada visão, portanto, que não compreendem o poder invisível que os domina:

Enfim, sua teoria da dominação simbólica, sobrevivendo à degradação do profetismo revolucionário, pode ser interpretada como um sinal que mostra que a sociologia de Bourdieu prospera numa terra estranha ao solo marxista ortodoxo.¹²¹

Para o autor, este poder simbólico exerce a função de conduzir os padrões de senso comum que são transmitidos pela classe dominante, detentora dos meios necessários de transmissão, para a consecução do objetivo fundamental dominante: a manutenção do *status quo*:

É enquanto instrumentos estruturados e estruturantes de comunicação e de conhecimento que os “sistemas simbólicos” cumprem a sua função política de instrumentos de imposição ou de legitimação da dominação, que contribuem para assegurar a dominação de uma classe sobre a outra (violência simbólica) dando o reforço da sua própria força às relações de força que as fundamentam e contribuindo assim, segundo a expressão de Weber, para a “domesticação dos dominados”.¹²²

Os sistemas simbólicos cumprem sua “função política” impondo e legitimando sua dominação, contribuindo para assegurar a manutenção dominativa de uma classe sobre a outra exercendo uma violência simbólica.

¹²⁰ BOURDIEU, 2004, p. 10.

¹²¹ BONNEWITZ, loc. cit.

¹²² BOURDIEU, 2004, p. 11.

Devido à força atrativa do poderio simbólico, as diferentes classes, através de competições no interior de seus campos específicos competem entre si pelo “direito” do monopólio da violência simbólica. É neste sentido que o campo de produção simbólica é um microcosmo da luta simbólica entre as classes, ou seja, é evidente em um pequeno espaço-tempo social e reflete as diversas manifestações de poder.

Bourdieu trata das forças simbólicas como atuantes em campos, no interior dos quais estabelecem relações de poder exercidas por diversos agentes específicos, dotados de *habitus* específicos que, constantemente disputam entre si mais capitais econômicos, culturais, políticos e sociais que, por ventura, atuarão de acordo com a exigência de seus interesses.

O poder simbólico exercido tem a capacidade de modificar e criar as visões do mundo, fundamentando-se como ferramentas essenciais de inculcação de ideais dominantes transfigurados nas manifestações da indústria cultural, indústria esportiva e instituições educacionais. Sendo assim, não são possíveis de serem evidenciados na medida em que controlam a absorção de capital cultural pela população, pois:

O poder simbólico, poder subordinado, é uma forma transformada, quer dizer, irreconhecível, transfigurada e legitimada, das outras formas de poder: [...] poder simbólico, capaz de produzir efeitos reais sem dispêndio aparente de energia.¹²³

Neste sentido observa-se mais uma preocupação do autor: o sentido primeiro de análise social, a pré-noção, que é o elemento pelo qual o ser social deve romper para ascender à ciência que não se estruture em explicações substancialistas.

[...] as opiniões primeiras sobre os fatos sociais apresentam-se como uma coletânea falsamente sistematizada de julgamentos com uso alternativo. Essas pré-noções, “representações esquemáticas e sumárias” que são “formadas pela prática e para ela”, retiram sua evidência e “autoridade”, como observa Durkheim, das funções sociais que desempenham [É. Durkheim, texto nº4].¹²⁴

¹²³ Ibid., p. 15.

¹²⁴ BOURDIEU, P. **Ofício de sociólogo**. Petrópolis: ed. Vozes, 2004. p. 24.

Esse rompimento, adquirido através das formas científicas “reais”, deve permitir o aparecimento de uma visão crítica do indivíduo contribuindo para a formação de uma realidade edificada em valores que não se constituam em padrões de dominação.

Determinada preocupação leva-o a estabelecer algumas “regras” e distinções que se procedem na medida em que é necessário considerar os fatos sociais como coisas, objetivando o rompimento com as pré-noções. “Esta vontade de detectar regularidades mais do que leis é também uma ambição compartilhada por P. Bourdieu, mas evitando a armadilha do positivismo absoluto e do universalismo atemporal”.¹²⁵

Mas a idéia de Bourdieu não limita-se às explicações objetivas. Sua superação sociológica complementa-se na análise social de fatores objetivos e subjetivos.

A idéia de subjetividade no seio das configurações sociais é próxima ao conceito weberiano. Weber opõe-se às explicações naturalistas objetivistas, tomando a sociedade como local em desenvolvimento de relações subjetivas, ou seja, dá-se ênfase às ações produzidas pelos agentes sociais. “Esta definição lembra a necessária consideração da dimensão simbólica na explicação dos fenômenos sociais”.¹²⁶

De acordo com esta postura, Bourdieu procura compreender como os dominados aceitam a dominação e de certa forma, porque são solidários a ela. “A estratégia dos agentes orienta-se, portanto, em função da posição que eles detêm

¹²⁵ BONNEWITZ, op. cit., p. 20.

¹²⁶ BONNEWITZ, op. cit., p. 24.

no interior do campo, a ação se realizando sempre no sentido da ‘maximização dos lucros’”.¹²⁷

Tanto nas aproximações e superações marxistas como nas aproximações e superações weberianas, percebe-se a preocupação que Bourdieu tem em conceber a sociologia como uma ciência capaz de compreender o movimento da sociedade, compreendendo-a como local de diversos campos específicos estruturantes, pois são passíveis de criarem sub-campos dotados de diferentes agentes sociais que se articulam. Portanto a sociedade não pode ser estática, ela está em constante movimento, pois só se completa na medida em que possui seres sociais que agenciam formas de capitais no intuito de concorrer no interior dos campos.

Para dar suporte ao reconhecimento dos campos, na estrutura de seu pensamento teórico destacam-se, três objetos inovadores. Em termos conceituais: a noção de *habitus*, campo e o conhecimento praxiológico.¹²⁸

Esses conceitos são descritos na medida que torna-se possível transposições para determinados fenômenos sociais, no caso específico o esporte moderno.

O esporte moderno nasce no seio de uma estruturação burguesa no início do século XVIII tendo sido prática definida pela classe dominante até meados deste século, chegando a fazer parte da configuração proletária a partir dos movimentos de lutas desta classe.

Na construção de seu pensamento teórico o autor refere-se a agentes e disposições sociais, todos em um constante processo de movimento e interação social, onde, suas ações são produtos de suas interações no interior de um espaço concorrencial:

¹²⁷ ORTIZ, R. **Pierre Bourdieu - Coleção Grandes Cientistas Sociais**. 2 ed. São Paulo: ed. Ática, n. 39, 1983. p. 22.

¹²⁸ MARCHI, W. Jr. Bourdieu e a teoria do campo esportivo. In: PRONI, M. W.; LUCENA, R. F. **Esporte, história e sociedade**. Campinas: Autores associados, 2002. p. 86.

Isto é, sobre as condições sociais que tornam possível a constituição do sistema de instituições e de agentes diretamente ou indiretamente ligados à existência de práticas e de consumos esportivos, desde os agrupamentos “esportivos”, públicos ou privados, que tem como função assegurar a representação e a defesa dos interesses dos praticantes de um esporte determinado e, ao mesmo tempo, elaborar e aplicar as normas que regem estas práticas, até os produtores e vendedores de bens (equipamentos, instrumentos, vestimentas especiais, etc.) e de serviços necessários à prática do esporte (professores, instrutores, treinadores, médicos especialistas, jornalistas esportivos, etc.) e produtores e vendedores de espetáculos esportivos e de bens associados (malhas, fotos dos campeões ou loterias esportivas, por exemplo).¹²⁹

Os estudos tradicionais que referem-se às diferenciações sociais e as desigualdades entre grupos, fundamentam-se em duas perspectivas conceituais distintas: primeiramente uma perspectiva de tradição marxista, “considera que a sociedade está dividida em classes sociais antagônicas a partir de um critério econômico”, a segunda visão, inspirada pela análise weberiana “analisa a sociedade em termos de estratos constituídos a partir de três princípios de classificação: poder, prestígio e riqueza”.¹³⁰

Bourdieu recusa-se a descrever a sociedade reproduzindo essas duas visões, neste sentido, visando superá-las em forma e conteúdo. A primeira iniciativa de superação é a necessidade de explorar essas duas visões – objetivistas e subjetivistas – dando forma ao conhecimento praxiológico. Nas palavras de Ortiz (1983):

¹²⁹ BOURDIEU, 1983, p.137.

¹³⁰ BONNEWITZ, op. cit., p. 51.

A antiga polêmica entre subjetivismo e objetivismo emerge, portanto, como ponto central para a reflexão de Bourdieu; para resolvê-la, explicita-se um outro gênero de conhecimento, distinto dos anteriores, que pretende articular dialeticamente o ator social e a estrutura social. A este tipo de abordagem epistemológica Bourdieu chama de conhecimento praxiológico [...].¹³¹

A idéia entre o subjetivismo e objetivismo paira na polaridade entre os referenciais de dois clássicos: Max Weber e Émile Durkheim. Quanto a esta polaridade, o professor Renato Ortiz esclarece: “Enquanto o pensamento weberiano se assenta numa sociologia da compreensão, isto é, tem seu ponto de partida no sujeito, a sociologia durkheiminiana reifica a sociedade uma vez que a apreende como coisa”.¹³²

A perspectiva de Bourdieu não tende à escolha de um referencial subjetivista ou objetivista. Seu raciocínio metodológico alarga-se à superação das estruturas que encontram-se cristalizadas e, conseqüentemente são reproduzidas:

Apesar das críticas comumente dirigidas ao objetivismo, a praxiologia se distingue da abordagem fenomenológica na medida em que Bourdieu não pretende simplesmente rejeitar o conhecimento subjetivista, mas conseguir, uma vez explicitados seus limites, ultrapassá-los.¹³³

De acordo com esta perspectiva observa-se que o esporte não encontra-se apenas em um espaço econômico, dotado de uma estrutura que funciona por si, ou sozinho, não fazendo parte do indivíduo, uma vez que não é fechado em si mesmo, adquirindo forma a partir de relações entre estruturas e agentes específicos. “Acho que deveríamos nos perguntar primeiro sobre as condições históricas e sociais da possibilidade deste fenômeno social que aceitamos muito facilmente como algo óbvio, o ‘esporte moderno’”.¹³⁴

¹³¹ ORTIZ, op. cit., p. 8.

¹³² Ibid., p. 10.

¹³³ Ibid., p. 12.

¹³⁴ BOURDIEU, 1983, p. 137.

Concebendo o esporte como um conjunto de estruturas específicas, inter-relacionadas que se movimentam socialmente de acordo com os interesses de seus agentes, têm-se portanto a constituição de um espaço definido, onde estes agentes são capazes de disputar capitais econômicos, políticos, sociais e simbólicos. Este espaço se define como um campo de disputas, um campo concorrencial de vitórias e derrotas. “[...] esse espaço dos esportes não é um universo fechado sobre si mesmo. Ele está inserido num universo de práticas e consumos, eles próprios estruturados e constituídos como sistema”.¹³⁵ Tal perspectiva constitui a idéia de campo.

O “campo” é detentor de uma autonomia específica, normas e regras específicas que podem e serão requeridas por seus agentes através de lutas por espaços no próprio “campo” que definirão a “conservação ou a subversão da estrutura de um capital específico”. É neste sentido que, para Bourdieu (1983), a estrutura do campo:

[...] é um estado da relação de força entre os agentes ou as instituições engajadas na luta ou, se preferirmos, da distribuição do capital específico que, acumulado no curso das lutas anteriores, orienta as estratégias ulteriores. Esta estrutura, que está na origem das estratégias destinadas a transformá-la, também está sempre em jogo: as lutas cujo espaço é o campo têm por objetivo o monopólio da violência legítima (autoridade específica) que é característica do campo considerado, isto é, em definitivo, a conservação ou a subversão da estrutura da distribuição do capital específico. (Falar em capital específico é dizer que o capital vale *em relação* a um certo campo, portanto dentro dos limites desse campo, e que ele só é convertível em outra espécie de capital sob certas condições).¹³⁶

Esta idéia remete o esporte moderno a um conjunto de práticas e de consumos esportivos oferecidos aos agentes sociais para suprir uma demanda social, como uma prática possuidora de valores e história própria, dotada de cronologia específica, imbuído de regras e agentes. Portanto o esporte está inserido

¹³⁵ BOURDIEU, P. Programa para uma sociologia do esporte. In: BOURDIEU, P. **Coisas Ditas**. São Paulo: Brasiliense, 1990. p. 211.

¹³⁶ BOURDIEU, 1983, p. 90.

em um conjunto de sistemas, práticas e consumos que se caracteriza socialmente por lutas entre poderes que disputam mais poderes, onde o vencedor é o detentor do mais alto grau de capitais.

Aprofundando-se, na relação entre o capital e o esporte moderno, Bourdieu (1990) refere-se às práticas esportivas como resultantes de uma relação entre oferta e procura, ou, entre o espaço dos produtos oferecidos em um determinado momento e o espaço das disposições, que por sua vez, estão associadas a seu espaço social. Os agentes do esporte variam de acordo com as quantidades e a capacidade em articular os capitais econômicos, sociais, culturais e simbólicos de acordo com seus interesses no interior do campo pois se particulariza:

[...] como um espaço onde se manifestam relações de poder, o que implica afirmar que ele se estrutura a partir da distribuição desigual de um *quantum* social que determina a posição que um agente específico ocupa em seu seio [...] A estrutura do campo pode ser apreendida tomando-se como referencia dois pólos opostos: o dos dominantes e dos dominados. Os agentes que ocupam o primeiro pólo são justamente aqueles que possuem um máximo de capital social; em contrapartida, aqueles que se situam no pólo dominado se definem pela ausência ou pela raridade do capital social específico que determina o espaço em questão.¹³⁷

Mas, diferentemente do que encontra-se em outros campos, o campo do esporte possui um agente especial que se mantém, para a maior parcela do público como o elemento primeiro, como o elemento dominante: o atleta. A afirmação só é corroborada apenas no que concerne à análise do senso comum, na medida que o reconhecimento mais aprofundado do campo esportivo reconhece que o atleta é o elemento dominado.

Este agente, por suas reconhecidas manifestações corporais torna-se detentor de todas as formas de capitais descritos: tanto capital econômico (são reconhecidos pelo público os exorbitantes salários que recebem de seus clubes),

¹³⁷ ORTIZ, op. cit., p. 21.

pela carência de capital cultural (o público reconhece o atleta como um ser social que “subiu na vida” graças às suas habilidades atléticas e não por ter seus conhecimentos adquiridos no campo escolar),¹³⁸ capital simbólico (o atleta acaba sendo possuidor de habilidades e valores extraordinários como coragem, bravura, graças à suas habilidades corporais) e capital social (que se estabelece graças à quantidade de capital econômico e simbólico).

Todas essas formas de capitais fundem-se, dada a força do capital simbólico. Ou seja, o público legitima e lhe confere validade aos valores extraordinários dos atletas.

O reconhecimento de suas capacidades, transformados em feitos e suas características pessoais exaltadas como valores reais corroborados pelo público através da força coerciva da mídia, figura-se como uma violência simbólica, pois só lhe confere validade na medida que os dominados se reconhecem e se mantêm como tais.

Os representantes dominantes das estruturas esportivas (dirigentes, cartolas, donos de clubes) utilizam-se da violência simbólica como estratégia de mercado, pois a venda dos produtos esportivos se legitima na medida que o comprador encontra um valor – simbólico – no produto, no *dobok*¹³⁹ com a marca da federação a qual representa, na camisa do time com o nome do jogador que lhe agrada, a chuteira que o atleta utiliza, ou seja, a qual lhe confere habilidades e características que ele reconhece no atleta como peculiares.

A violência simbólica exercida através do esporte torna-se ferramenta de inculcação dos ideais dominantes através das manifestações específicas deste

¹³⁸ Sem conta a imprensa televisiva transmite a história pessoal do atleta: “menino pobre que fugia das aulas da escola para jogar futebol e hoje é um atleta famoso”, o que contribui para a construção de opiniões que incitam as conquistas de postos sociais através do esporte.

¹³⁹ Nome, em coreano, da roupa específica utilizada pelos praticantes de Taekwondo.

fenômeno social. Tanto manifestações advindas do interior do campo para seus próprios agentes – dos dirigentes para os atletas (os atletas se reconhecem como funcionários possuidores de um chefe que lhes paga salário) – como do campo para fora dele (das estruturas esportivas para a mídia, posteriormente para o público).

Materializada a força do poder simbólico, reconhecida por seus detentores e validada pelos dominados, torna-se objeto de disputas pelos agentes do próprio campo esportivo que não hesitarão em exercer uma violência simbólica.

Reconhecendo-se a força coerciva do poder simbólico – desempenhado de cima para baixo utilizado pelos agentes do campo esportivo – é possível afirmar que ele exerce a função de linha norteadora para o conhecimento imediato, ou para um conformismo lógico. Sendo assim Bourdieu (1989) ressalta a necessidade de:

[...] descobri-lo onde ele se deixa ver menos, onde ele é mais completamente ignorado, portanto, reconhecido: o poder simbólico é, com efeito, esse poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem.¹⁴⁰

É este poder simbólico exercido que faz com que os seres sociais, não dotados de capital cultural necessário, absorvam facilmente as manifestações de dominação impostas através do exercício de violência simbólica, inclusive os atletas.

Evidencia-se de forma pertinente tal relação entre o atleta e o espectador que vê este agente esportivo como detentor de diversos outros valores, além das qualidades necessárias para a realização de seu trabalho. Este “poder carismático” transmitido pelo atleta, advém das manifestações do poder simbólico exercido e mantido pelos agentes no topo da hierarquia burocrática do campo esportivo. Este poder carismático, para Bonnewitz (2003) é a forma de poder:

[...] conferido à indivíduos supostamente dotados de qualidades especiais que lhes asseguram uma irradiação social excepcional, está baseado numa delegação de poder dos dominados em

¹⁴⁰ BOURDIEU, 1989, p. 7-8.

benefício do dominante, que só faz exercer sobre aqueles o poder que eles próprios depositaram em suas mãos.¹⁴¹

Concebendo o esporte como um campo específico, por se constituir de “valores” específicos e agentes específicos, história própria e autonomia, *locus* de concorrência pela aquisição de capitais, torna-se necessário compreender as ações que fundamentam este campo, as estratégias que determinados agentes de subcampos derivados do campo esportivo, estabelecem na busca dos capitais necessários às suas necessidades particulares. Portanto, para compreender as tomadas de decisões destes agentes sociais, Bourdieu recorre a um conceito central em sua obra: o *habitus*.

Uma das funções da noção de *habitus* é a de dar conta da unidade de estilo que vincula as práticas e os bens de um agente singular ou de uma classe de agentes [...]. O *habitus* é esse princípio gerador e unificador que retraduz as características intrínsecas e relacionais de uma posição em um estilo de vida unívoco, isto é, em conjunto unívoco de escolhas de pessoas, de bens, de práticas.¹⁴²

O *habitus* funde as relações entre o objetivo e o subjetivo, sendo capaz de estabelecer as relações entre indivíduo e sociedade tornando possível conceber o homem como agenciador de capitais. O *habitus* precede às escolhas, precede às ações: “O *habitus* pressupõe um conjunto de ‘esquemas generativos’ que presidem a escolha; eles se reportam a um sistema de classificação que é, logicamente, anterior à ação”.¹⁴³

Para Bourdieu (1980), o *habitus* é adquirido através do conjunto de mecanismos em que os indivíduos realizam a compreensão das relações sociais, são estruturas que agem como condicionantes de ações:

Os condicionamentos associados à uma classe particular de condições de existência produzem *habitus*, sistemas de disposição duradouros e transponíveis, estruturas estruturadas dispostas a funcionar como estruturas estruturantes, isto é, como princípios

¹⁴¹ BONNEWITZ, op. cit., p.103-104.

¹⁴² BOURDIEU, P. **Razões práticas: sobre a teoria da ação**. Campinas: ed. Papirus, 2005. p. 22.

¹⁴³ ORTIZ, op. cit., p. 16.

geradores e organizadores de práticas e representações que podem ser objetivamente adaptadas ao seu objetivo sem supor a visada consciente de fins e o controle expresso das operações necessárias para atingi-los, objetivamente “reguladas” e “regulares”, sem ser em nada o produto da obediência a regras e sendo tudo isso, coletivamente orquestradas sem ser o produto da ação organizadora de um maestro.¹⁴⁴

O *habitus* torna-se o elemento pelo qual é possível compreender as ações individuais como produtos de sua história específica e experiências, estrutura inspiradora de estratégias. Por ser produto da história individual, o *habitus* não é imóvel ele está em constituição:

O *habitus* deve ser compreendido como uma gramática gerativa de práticas conformes com as estruturas objetivas de que ele é produto: a circularidade que preside sua formação e seu funcionamento, explica, por um lado, a produção de regularidades objetivas de comportamento; por outro, a modalidade de práticas baseadas na improvisação, e não na execução de regras. Juntando dois aspectos, um objetivo (estrutura) e outro subjetivo (percepção, classificação, avaliação), pode-se dizer que ele não só interioriza o exterior, mas também, exterioriza o interior.¹⁴⁵

Os agentes do campo esportivo, através de suas ações condicionadas por seus *habitus*, criam as estratégias necessárias nas disputas por capitais econômicos, sociais, simbólicos e culturais.

A noção de *habitus* como estrutura estruturada predisposta a funcionar como estrutura estruturante canaliza a idéia de Bourdieu à noção subjetiva que privilegia a experiência primeira do indivíduo.

Transpondo os conceitos de *habitus*, campos e as explicações de ordem objetiva e subjetiva ao esporte, torna-se possível compreendê-lo como instituição ligada à estruturas que possuem disposições e pré-disposições específicas para os papéis dos agentes sociais de cada campo.

¹⁴⁴ BOURDIEU, 1980 apud BONNEWITZ, 2003, p. 77.

¹⁴⁵ PINTO, L. **Pierre Bourdieu e a teoria do mundo social**. Trad. Luiz Alberto Monjardim. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 2000. p. 38.

O esporte é, portanto, um espaço de disputas repleto de agentes especializados em seus campos e sub-campos específicos em constante movimento que impõe regras e padrões de comportamentos para seu consumo dada sua força objetiva e subjetiva, direta e simbólica através de seus mecanismos e estratégias de persuasão encarnados nas suas formas primeiras: o movimento para a competição, para o caráter propedêutico e educacional.

Estes padrões sociais dominantes, mutáveis de disputas, que compreendem as diversas interligações entre campos, regem as regras do campo esportivo. Neste sentido grandes empresas, redes televisivas, confederações, ligas, comitês, todos, de certa forma, fazem parte do campo esportivo. Estas estruturas, que encontram-se em campos específicos, se inter-relacionam dando formato aos condicionantes necessários para a manutenção de uma indústria do esporte espetáculo que têm, como função primordial, a venda dos produtos do esporte. Essa linha de raciocínio leva a ter a compreensão do esporte como veículo do consumo, uma vez que, para Bourdieu (1990):

As práticas esportivas [...] podem ser descritas como a resultante da relação entre uma oferta e uma procura, ou, mais precisamente, entre o espaço dos produtos oferecidos num dado momento e o espaço das disposições (associadas à posição ocupada no espaço social e passíveis de se exprimirem em outros tipos de consumo em relação com um outro espaço de oferta).¹⁴⁶

A seqüência de explicações referentes ao referencial bourdiano permite um melhor entendimento das relações existentes no interior do campo do esporte e, por sua vez, possibilita estabelecer elementos para a compreensão da formação de um possível sub-campo do esporte, no caso, o Taekwondo dada a originalidade de seu referencial. Relacionando-se à esta originalidade Vigarello (2005) cita que:

¹⁴⁶ BOURDIEU, 1990, p. 211.

A originalidade, nesse caso preciso, foi a de projetar as práticas esportivas em sistema: não mais a desagregação caótica dos esportes ou mesmo sua hierarquização linear, do mais elitista ao menos elitista, por exemplo, mas sua inclusão num dispositivo quase regado, feito de convergências e de oposições, de correspondências e de exclusões.¹⁴⁷

Reconhecer esta arte marcial como um sub-campo do esporte é afirmá-la como uma modalidade que modela-se pelos valores agregados ao esporte moderno já reconhecidos neste capítulo. Mas para que haja um diagnóstico conciso desta prática como modalidade no contexto esportivo e, por sua vez, a análise não seja limitada por padrões pré-concebidos de pensamentos, torna-se necessário romper com a concepção de que o Taekwondo é independente do conjunto das práticas esportivas, ou seja, é necessário repensá-lo como um sistema, permitindo:

- a) descobrir evidências de uma possível acentuação da ruptura entre suas características filosóficas – religiosas – orientais para uma prática de valores capitalistas de competição e rendimento;
- b) reconhecer a posição que o Taekwondo como esporte ocupa no espaço dos esportes;
- c) analisar quais os aspectos o definem como esporte;
- d) reconhecer as forças que o regem e o mantém no mundo dos esportes;
- e) evidenciar os objetivos dos agentes desta arte marcial em mantê-lo como esporte;

Para dar subsídios aos questionamentos faz-se necessário o reconhecimento dos valores orientais dado às artes marciais, especificamente o Taekwondo, além de distinguir sua história particular, averiguando suas estruturas filosóficas milenares e, por sua vez, analisar sua história política que oferece subsídios para a compreensão

¹⁴⁷ VIGARELLO, G. Sistema de esportes, esportes concorrentes. In: ENCREVÉ, P.; LAGRAVE, R. M. **Trabalhar com Bourdieu**. Rio de Janeiro: Bertand Brasil, 2005. p. 187.

das transformações da ordem social, política e econômica até sua inserção no campo dos esportes.

3 TAEKWONDO: UMA HISTÓRIA PECULIAR

A análise dos documentos referentes à história do Taekwondo traz elementos que marcam a história de uma civilização característica, mas no caso específico, torna-se condição essencial para traçar sua conjuntura atual, reconhecendo os atos de seus agentes como conseqüência de processos evolutivos sociais ocorridos no interior das ações de construção de um Estado coreano.

3.1 Subsídios históricos das artes marciais coreanas

A primeira dinastia que se tem notícia na Coréia é a de *Kit-ze*. Segundo a lenda, Kit-ze era um chinês nobre que estabeleceu-se em suas planícies por volta de 1122 a.C. A China, portanto foi a grande fonte transmissora de cultura para a colônia de Kit-ze. Em 193 a.C., outro chinês, Wiman, invadiu a região habitada pelos descendentes de Kit-ze, ocupando-a progressivamente. Em 108 a.C., toda a faixa setentrional da península estava nas mãos dos últimos invasores. *Lolang* tornou-se a capital da península.

As tribos que escaparam da dominação chinesa reuniram-se em três reinos: SILLA, a sudeste, fundado em 57 a.C; *BAEK-JE (Paekche)*, na região sudoeste, fundado em 19 a.C com sua zona central próxima ao rio *Han* e realizava intenso comércio com o Japão e a China; e KOGURYO, na região centro-oeste, fundado em 37 d.C por *Chumong*. Inicialmente sua capital encontrava-se em *Hwando - San*, no

ano de 427, posteriormente foi transferida para *Pyong Yang*.¹⁴⁸ O chamado período dos três reinos durou até 668.

A história específica referente ao Taekwondo relata que o reino de *Silla*, por ser o menor entre os três reinos, encontrava-se em constante ameaça de ataque por *Paekche* e *Koguryo* até a formação de uma tropa de elite chamada *Hwarang* (Corpo de Flores Jovens) que pode ser comparada aos Samurais e aos cavaleiros medievais da Europa por sua estrutura regida por padrões religiosos, honoríficos e por serem integrantes de alta classe social.

Criado durante o reinado de *Chin Heung*, vigésimo quarto rei da dinastia *Silla*¹⁴⁹ pelo filósofo e General *Kim Yu Shin*, o *Hwarang-do*¹⁵⁰ possuía a espiritualidade e a filosofia dos monges *Do-Ro*. Os integrantes do *Hwarang*, constituído pela flor da sociedade de *Silla* (jovens aristocratas e militares), recebiam uma preparação rigorosa, lenta e silenciosa, permeada por valores filosóficos de características budistas.¹⁵¹

Esse grupo de guerreiros era treinado não apenas no uso de armas tradicionais (lanças, arco-e-flexa e espada), mas também na prática da disciplina mental, física e em várias formas de artes marciais, utilizando os pés e as mãos.

Entre essas artes destaca-se o *T'aekkion* ou *Tekyon*. Concentrando-se sempre em defender suas terras, os guerreiros escalavam montanhas escarpadas, nadavam em rios turbulentos nos meses frios para fortalecer seus corpos.¹⁵²

¹⁴⁸ FUJIYAMA, P. L. **Aspectos Antropométricos e Nutricionais de atletas do taekwondo da cidade de Bauru**. Bauru, SP: UNESP, 1994. Originalmente apresentada como monografia para conclusão da graduação em Educação Física, Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de São Paulo - UNESP, Bauru, 1994. p. 51.

¹⁴⁹ BANG, F. S. J. A origem do Taekwondo. *.Net*, Marília mar. 2003. Academia Bang. Disponível em: www.bang.com.br/origemman.htm. Acesso em: 17 set. 2004.

¹⁵⁰ O sufixo "DO" refere-se ao caminho buscado pelo guerreiro *Hwarang*.

¹⁵¹ FUJIYAMA, loc. cit.

¹⁵² Idem.

Seu treinamento e suas vidas eram regidos por um código de honra, arraigado de valores budistas condensados em:

- a) obediência ao rei;
- b) respeito aos pais;
- c) lealdade para com os amigos;
- d) nunca recuar ante o inimigo;
- e) só matar quando não houvesse alternativa.

Este rigoroso código de honra dos guerreiros *Hwarang* irá condicionar e dar os subsídios filosóficos/simbólicos orientais às artes marciais coreanas que, atravessaram 14 séculos até a formação da estrutura filosófica atual do Taekwondo.

Essas influências contribuíram para o estabelecimento de uma pedra espiritual que será responsável pela formação do conteúdo simbólico das subseqüentes artes marciais coreanas como o Taekwondo que, de acordo com o agente disseminador do Taekwondo, “mestre” Yeo Jin Kim (2000): “[...] se desenvolveu junto com a filosofia oriental, pois dela deriva; principalmente com a influência das religiões e da cultura, como o budismo e, posteriormente o confucionismo”.¹⁵³

Com a influência dos guerreiros *Hwarang* e, uma aliança militar com os chineses, *Silla* derrotou seus rivais, conseguiu unificar o país estabelecendo o primeiro Estado coreano, *Koryo*, criado oficialmente em 935. Nos séculos seguintes progrediram as artes. A partir desta época o budismo foi aos poucos sendo integrado pelo confucionismo.

Após a era *Koryo*, teve início a era *Chosen*, nome dado ao novo reino pelo rei *Lee, Syung Gue*. Esse reino perdurou por 500 anos, o que, por sua vez, não

¹⁵³ KIM, Y. J. **Taekwondo: arte marcial coreana**. São Paulo: ed. Thirê, v. 2, 2000. p. 21.

desvirtuou a prática das artes coreanas: “Nessa época a dignidade e a moral do povo coreano chegou ao seu mais alto nível”.¹⁵⁴

Essa essência oriental do budismo e confucionismo nas artes marciais pode ser exemplificada de acordo com os escritos do *samurai Myamoto Musashi*, retirado de seu *Livro das cinco esferas*, escritos por volta de 1600, que procura estabelecer relações com as artes marciais e a filosofia oriental:

Sem dúvida existem pessoas que pensam que nem mesmo a prática das artes marciais se mostrará útil quando surgir a verdadeira necessidade. A esse respeito, o verdadeiro caminho das artes marciais consiste em praticá-las de tal modo que sejam úteis em qualquer momento, e ensiná-las de tal modo que sejam úteis em todas as coisas.¹⁵⁵

Esse fragmento escrito por um guerreiro japonês, serve de base para a compreensão da “essência” das artes marciais do extremo oriente, tanto chinesas, japonesas, quanto coreanas, pois elucida que o ideal em sua prática é a construção de personalidades voltadas para a defesa de território e para os valores espirituais.

A necessidade de encontrar um caminho para o estabelecimento de uma ruptura de pensamento entre os valores materiais para os valores espirituais torna-se o fim da filosofia zen budista, tanto na China, Japão ou Coréia:

Os artistas marciais pregam o desapego com o fim de dominar suas aptidões especiais, e de certa forma o guerreiro que sofreu uma derrota mortal na batalha pode nada mais ter além do desapego como último recurso, uma vitória pessoal final.¹⁵⁶

A obrigação de desapego material torna-se característica peculiar ao budismo, que, recebeu influência Xintó. “Uma das principais características do Zen é: “[...] a rejeição à tendência materialista que o Budismo fora buscar no Xintó”.¹⁵⁷

¹⁵⁴ KIM, op. cit., p. 23.

¹⁵⁵ CLEARY, T. **A arte japonesa de criar estratégias**. São Paulo: Cultrix, 1991. p. 36.

¹⁵⁶ Ibid., p. 67.

¹⁵⁷ Ibid., p. 132.

Parece sensato afirmar que a filosofia oriental é o princípio que dá originalidade às suas artes marciais e que a destaca das outras manifestações corporais do ocidente. Mas a afirmação suscita indagações a respeito de sua ocidentalização: De que forma essas manifestações de ordens corporais e culturais do extremo oriente foram bem recebidas no ocidente e vêm adquirindo mais adeptos? Como seria possível um processo de ocidentalização das artes marciais em sua forma original à medida que ocidente e oriente vivenciam realidades religiosas e filosóficas distintas?

Por maiores que sejam as quantidades de documentos referentes às relações entre a chamada “filosofia oriental” com a prática das artes marciais, é no mínimo difícil para ocidentais interpretarem e compreenderem por completo esse vínculo “espiritual”.

Para Cleary (1991), estudioso da filosofia oriental, a dificuldade ocidental em compreender a filosofia de vida do oriente, pautada em preceitos de desapego material e contemplação da natureza consiste em uma interpretação negativa do Xintó:

Os aspectos [...] com os quais o ocidental médio tem mais dificuldade de concordar provêm em geral, não do Budismo, mas do Xintó. [...] Os elementos xintoístas que têm contaminado o Zen ao longo dos séculos podem ser expostos resumidamente assim: fetichismo, incluindo ritualismo e gosto pelos adornos; devoção a pessoas vivas ou mortas; predileção pelo vinho de arroz, uma libação sacramental no culto xintó; hierarquia e autoritarismo; tendência a considerar real o corpo físico; racismo e sectarismo local.¹⁵⁸

Mas a afirmação ainda é limitada, pois não responde aos anseios sociológicos, limitando-se à suposições. Neste sentido torna-se necessário compreender a essência das diferentes formas de pensamento – ocidentais e

¹⁵⁸ Ibid., p. 152.

orientais – que resultam em dificuldades de interpretação entre princípios religiosos e estilos de vida.

Pautando-se em Bourdieu, reconhece-se que essa dificuldade decorre devido ao fato do ocidental não possuir o *habitus* ajustado à realidade oriental e, por muitas vezes, implica na elaboração de analogias com a religiosidade cristã.

O samurai e “mestre” zen budista *Suzuki Shosan* em finais do século XVI, preocupado com a propagação do ideal cristão pelo oriente, descreveu analogias entre o budismo e o cristianismo:

De acordo com o que ouvi do ensinamento cristão, existe um grande Buda chamado Deus, que é o único Buda, mestre do universo e senhor de tudo. Esse é o criador do Universo e de todos os seres. Esse Buda veio ao mundo em alguma terra estrangeira para salvar as pessoas há seiscentos anos. Chamava-se Jesus Cristo. Dizem que outros países, desconhecendo esse fato, reverenciam o inútil Amida Buda e Gautama Buda, cúmulo da insensatez.
Refutação: Se Deus, como mestre do universo, criou todas as terras e todos os seres, por que ele, até agora abandonou inúmeras nações, não aparecendo entre elas? [...].¹⁵⁹

Neste pequeno trecho escrito por um monge budista, é possível compreender as diferenças objetivas entre compreensões ideológicas. Essa dificuldade pode ser explicada ao se reconhecer o *habitus*, essa estrutura estruturante que rege os padrões de reconhecimento e ações, uma vez que:

Se [...], você tiver um espírito estruturado de acordo com as estruturas do mundo no qual você está jogando, tudo lhe parecerá evidente e a própria questão de saber se o jogo vale a pena não é nem colocada.¹⁶⁰

Ocidentais não “jogavam no mundo dos orientais” e “orientais não jogavam no mundo dos ocidentais”. A explicação de Bourdieu traz à tona a necessidade em se compreender o *habitus* como estrutura que guia estratégias de ações, fazendo com que o ser social sinta-se à vontade em suas esferas sociais e campos.

¹⁵⁹ Ibid., p. 134.

¹⁶⁰ BOURDIEU, 2005, p. 139.

Com a explicação das relações entre a filosofia oriental e sua relação com as artes marciais coreanas, distingui-se sua função norteadora dos princípios que irão reger os padrões de atitudes na sociedade do primeiro Estado coreano e, mais do que isso, reconhecer também a função de tais princípios budistas e confucionistas na construção de uma identidade social, ou identidade nacional coreana.

Este processo de construção é pertinentemente explicado por Dubar (2005) que coloca como a incorporação de atitudes é subjetivamente reconhecida como uma constante social que cria e modula identidades, o que, por sua vez, formará a pedra fundamental de inspiração de atitudes:

O que importa nesse processo é o duplo movimento pelo qual os indivíduos se apropriam subjetivamente de um “mundo social”, isto é, do “espírito” (*Mind*) da comunidade a que pertencem, e, ao mesmo tempo, se identificam com papéis, aprendendo a desempenhá-los de maneira pessoal e eficaz.¹⁶¹

Mas, além de traçar os fatores filosóficos/religiosos que contribuíram para a formação desta identidade é imprescindível definir a necessidade de sua formação, portanto, reconhecendo-a como forma simbólica de violência, pois não deixam de ser “representações mentais” em que um povo, ou mais subjetivamente, os agentes sociais, investem seus interesses, garantindo a forma pela qual cria-se um conjunto de fatores que exercem poder simbolicamente legitimado tendo a faculdade de garantir a nacionalidade coreana.

Portanto, com o auxílio de Bourdieu (1989), percebe-se a importância dada aos elementos filosóficos/simbólicos pelos primeiros coreanos para a construção de uma identidade nacional com a função de manutenção ou transformação de estruturas:

¹⁶¹ DUBAR, C. A **socialização: construção das identidades sociais e profissionais**. São Paulo: ed. Martins Fontes, 2005. p. 118.

O regionalismo (ou o nacionalismo) é apenas um caso particular das lutas propriamente simbólicas em que os agentes estão envolvidos quer individualmente e em estado de dispersão, quer coletivamente e em estado de organização, e em que está em jogo a conservação ou a transformação das relações de forças simbólicas e das vantagens correlativas, tanto econômicas como simbólicas; ou, se se prefere, a conservação ou a transformação das leis de formação dos preços materiais ou simbólicos ligados às manifestações simbólicas (objetivas ou intencionais) da identidade social.¹⁶²

Evidencia-se na literatura um crescente processo de relacionamento entre o culto às práticas filosóficas e às artes marciais. Mas, a partir de determinado momento, essa conjunção existente entre sua prática com a filosofia oriental budista, confucionista e xintoísta sofrem um processo de desvirtuamento ao confrontar o conturbado passado coreano. O “caminho” das artes marciais coreanas passa a tomar um novo rumo, as regras do “jogo” a ser jogado passarão a ser diferentes.

Às artes marciais coreanas lhe são atribuídas o poder de fazer parte da construção de uma identidade nacional que durante séculos foi sendo reivindicada e construída fazendo com que houvesse uma necessidade de afirmação universal. Tal afirmação parece pertinente, mas a necessidade de reconhecer que forma uma manifestação cultural e corporal repleta de valores filosóficos orientais foi sendo disseminada pelo ocidente ainda nem foi colocada.

Especular uma estrutura de personalidade comum a uma população específica também não é intento deste trabalho. Muito menos afirmar que exista tal estrutura de personalidade básica, pois:

Pretender que, em cada sociedade, existe uma “estrutura básica de personalidade básica” dos indivíduos é elaborar uma hipótese ousada: a de que existe uma coerência entre todos os modelos de comportamento, um núcleo que assegura a unidade das instituições primárias, uma “unidade cultural” suscetível de ser reconstruída de maneira convincente, por meio de alguns traços que formam sistema.¹⁶³

¹⁶² BOURDIEU, 1989, p. 124.

¹⁶³ DUBAR, loc. cit., p. 47.

A idéia é delimitar elementos possíveis que exponham as atitudes de agentes específicos do Taekwondo e, concomitantemente a formação de um sub-campo do esporte. Para que determinados elementos sejam reconhecidos na prática de uma arte marcial de cunho esportivo e que passou por um processo rápido, mas duradouro, de ocidentalização, torna-se oportuno traçar o passado coreano mais recente e a relação do Taekwondo com ideologias políticas como o capitalismo e o comunismo, o que contribuirá, portanto para estabelecer os valores religiosos/filosóficos na formação de uma identidade secular dos taekwondistas e, por sua vez, distinguir não apenas seu processo de ocidentalização, mas como ele se constituiu.

3.2 Um outro “DO”: O comunismo e o capitalismo como valores seculares no Taekwondo

Os mongóis, ficaram na região da futura Coréia de 1231 a 1364. Em 1364, o General coreano *Yi Taejo*, derrotou as forças mongóis, já enfraquecidas pela guerra que travavam com a dinastia *Ming*, da China. Em 1592, uma força japonesa invadiu a península coreana. Após sete anos de guerra e ocupação, os invasores foram repelidos, graças ao auxílio dado pela China novamente.

Embora a dinastia Yi permanecesse no trono, os manchus invadem o país até 1637. Novas tentativas de penetração dos japoneses foram repelidas. Após um longo período de isolamento, em 1876 o Japão forçou a Coréia a estabelecer relações diplomáticas com o governo de Tóquio.

Os chineses não assistiram passivamente à forma pela qual o Japão impunha uma ocupação crescente sobre o território vizinho. Em 1894, a China declarou

guerra ao Japão, a qual perdurou até o ano seguinte saindo assim a China derrotada. O tratado de *Shimono Seki*, assinado no fim do conflito, constrangeu os chineses a renunciarem às suas pretensões sobre a Coréia. Em 1905, os japoneses transformaram a Coréia em protetorado, em 1910 em colônia.

Este período configurou-se em uma fase de escassez de suprimentos e repressão quanto a qualquer manifestação da cultura coreana, inclusive no que se refere à prática do *Tekion*:

Como aconteceu em outras regiões ocupadas pelo império, houve a séria tentativa de alterar os aspectos mais corriqueiros da nacionalidade coreana como a limitação do ensino da língua nacional, a introdução do japonês e a substituição do confucionismo, de origem chinesa, pelo xintoísmo nipônico [...].¹⁶⁴

Neste pequeno trecho extraído da obra de Salinas (1985), percebe-se a importância das manifestações da filosofia japonesa e sua influência na vida dos coreanos, especialmente no início do século XX. Tais manifestações trazem subsídios para o reconhecimento dos processos simbólicos evidenciados na prática das artes marciais, especialmente com a introdução do Karetê¹⁶⁵ e sua influência nas artes marciais coreanas.

Em 1945, o Japão é obrigado a retirar-se da Coréia, pois a península foi ocupada por seus adversários ao final da II Guerra Mundial – soviéticos ao norte e americanos ao sul. No dia 8 de agosto do mesmo ano, a declaração do Cairo estabeleceu que os japoneses renderiam-se aos russos ao norte do paralelo 38 e aos norte americanos ao sul.

¹⁶⁴ SALINAS. S. S. **O bando dos quatro: A industrialização no sudeste asiático**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985. p. 29.

¹⁶⁵ Com a introdução do Karatê na Coréia as artes marciais coreanas que possuíam em sua maioria golpes essencialmente de membros inferiores passaram a reproduzir golpes com os membros superiores característicos do Karatê.

A imigração japonesa para a Coréia, que já apresentava elevados números, intensificou-se. Em 1945 já havia 700.000 japoneses vivendo sob o solo coreano.¹⁶⁶

Em 1948 *Singman Rhee* foi escolhido presidente da República da Coréia (sul), posteriormente *Kim Song* assume a presidência da República Popular da Coréia (norte).

Portanto o país fica dividido estruturalmente em Coréia do Sul de influência capitalista e Coréia do Norte de influência comunista. A análise aprofundada destes fatores associados traz elementos para a explicação de transformações na conjuntura e formação do Taekwondo e, por consequência, de seus praticantes.

Por essa época também praticava-se na Coréia o chamado *Subak*. A diferença fundamental entre o *Subak* e o *Tekyon* é que o primeiro não era privilégio dos militares, sendo praticado pela população em geral. Com o passar do tempo o *Subak* deixou de ser praticado pelos militares. Isto fez com que a sua popularidade diminuísse entre os coreanos.

Com a derrota do Japão na II Guerra Mundial, os coreanos puderam voltar a praticar e treinar abertamente suas artes marciais como *Tekyon*, e, com menor ênfase o *Subak*, formando duelos com os estudantes que voltavam do Japão e que praticavam Karatê. Fundaram-se diversas escolas como *Chong-do Kwan* (a mais antiga), *Mu-Duk Kwan*, *Ion-Mu Kwan*, *Chang-Um Kwan* e *Song-Um Kwan*.

Entre os estudantes encontra-se um coreano chamado *Choi Hong Hi* que, havia estudado Karatê no Japão e artes marciais coreanas. Em 1955, um grupo liderado pelo já General do exército coreano *Choi Hong Hi*, juntou esforços e conseguiu unir as diferentes escolas e estilos de artes marciais coreanas, sendo

¹⁶⁶ SALINAS, loc. cit.

adotado o nome de Taekwondo.¹⁶⁷ Além da fusão de nomes padronizou-se uma seqüência de princípios e valores filosóficos que seu praticante deverá seguir:

- a) cortesia;
- b) integridade;
- c) perseverança;
- d) domínio sobre si mesmo;
- e) espírito indomável.

Partindo-se de uma avaliação crítica sobre a elaboração de tais princípios, é possível elucidar que os mesmos são frutos de uma mudança de cenário, têm influência de valores nacionalistas e patrióticos e, ao mesmo tempo evidenciam uma necessidade de divulgação mundial do Taekwondo dada sua expressão no cenário político/social e econômico coreano, sendo produtos de mudanças dos antigos códigos filosóficos que regiam o *Hwarang*.

Como não existiam mais *reis a serem obedecidos* e guerras a travar, não havia mais a necessidade de *matar quando não houvesse alternativa e nunca recuar ante o inimigo, o respeito aos pais e respeito aos amigos* foram substituídos por integridade e perseverança. Esta adaptação leva a crer no interesse de uma possível universalização dos princípios, tornando-os mais assimiláveis, inclusive para ocidentais.

A necessidade de tornar tais princípios mais “assimiláveis” aparentemente não corresponde a uma simples manobra estratégica de divulgação apenas, mas responde aos anseios de um grupo de agentes específicos no interior do campo das artes marciais coreanas que, cientes de uma nova conjuntura social/nacional,

¹⁶⁷ TAE significa pernas, KWON significa braços e DO significa o caminho vital pelo qual o praticante deve seguir, portanto: o caminho dos pés e das mãos.

criaram um conjunto de normas racionais para a prática. Essa “nova necessidade” não deixa de ser fruto de um processo evolutivo social, possivelmente o resultado de um processo sociogenético coreano.

Semelhante à antiga Europa medieval, a região coreana, tolerara inúmeros combates pela busca de oportunidades. Diferentes células familiares disputaram entre si, (mensurados desde 193 a.C), terras e formas de capitais distintos. Com a constante eliminação e agregação entre células, resultando na criação de monopólios feudais e de violência, os indivíduos tornam-se mais inter-relacionados e interdependentes, o que irá contribuir para uma necessidade constante de contenção de atitudes, justamente por que tais indivíduos são cientes, intrinsecamente, das reações ocasionadas pelas mudanças no tabuleiro do jogo social.

A conscientização das necessidades de manutenção do equilíbrio emocional entre os indivíduos devido a uma interdependência funcional e, principalmente entre os agentes das artes marciais coreanas, contribuiu significativamente para a formação dos cinco valores e princípios filosóficos do Taekwondo.

Há uma passagem na obra de Elias (1994) que apresenta-se pertinente a analogia entre o início do processo civilizador na Europa com um possível processo civilizador na Coréia que contribuiu para a formação de “novos” princípios filosóficos:

A “simplicidade” como a experimentamos, a oposição simples entre “bom” e “mau” e entre compassivo e cruel haviam se perdido. As pessoas encaravam as coisas com mais diferenciação, isto é, com um controle mais forte de suas emoções.¹⁶⁸

Ou seja, aos agentes dos campos das artes marciais coreanas, foi necessário uma adaptação às novas formas de vida sociais. As artes marciais que, antes, mais do que nunca, foram utilizadas para fins bélicos e, aliadas a uma aliança vital de

¹⁶⁸ ELIAS, 1994, v.1, p. 84.

preceitos encantados, começam a tomar forma de uma prática que visa o bem estar corporal e mental individual através dos exercícios físicos e de seus valores transcendentais já que: “Em sociedades posteriores diferentes oportunidades, diferentes formas de vida surgiram, às quais o indivíduo tinha que se adaptar”.¹⁶⁹ Em termos de regimes políticos, há uma evidente e constante necessidade de legitimação, por parte das duas Coreias, neste contexto, Vizentin cita:

Neste sentido, era fundamental para cada um dos regimes polarizar suas políticas internas, como forma de obter legitimidade internacional dos respectivos blocos, bem como ajuda externa. A historiografia típica da Guerra Fria comumente enfatizava o fato das grandes potências instrumentalizarem os países periféricos como “peões” de suas disputas estratégicas, o que é mais do que evidente no caso das duas Coreias.¹⁷⁰

Portanto a criação do esporte Taekwondo, conseqüentemente de seus princípios filosóficos respeitam a idéia de um processo civilizador. A mudança no cenário social coreano suscitou um novo quadro incitando os agentes do campo das artes marciais coreanas a criarem uma manifestação, modelada à conjuntura nacional. O Estado coreano sofria com sua sociogênese. Evoluía de uma sociedade feudal repleta de células familiares dispostas a manterem e adquirirem parcelas de oportunidades para uma sociedade embasada pelos preceitos da monetarização e da ética industrial.

Nestes termos, a necessidade belicosa foi aos poucos sendo substituída pela necessidade da produção industrial. A obrigação do treinamento corporal visando a abstração do mundo pela elevação espiritual – características das artes marciais orientais – foi sendo abandonada para dar entrada a valorização do treinamento metódico, calculado, visando vitórias no campo esportivo.

¹⁶⁹ ELIAS, 1994, v. 1, p. 202.

¹⁷⁰ VIZENTIN. F. G. A Coreia e as Grandes Potências: Estados Unidos, China, Rússia e Japão. . **Net**, []. Disponível em: <http://www2.mre.gov.br/ipri/Rodrigo/Cor%C3%A9ia/Paulo%20Vizentini.rtf>. Acesso em: 21 de dezembro de 2005.

Com o cenário coreano caracterizado por uma modernização de suas estruturas econômicas – seguindo e buscando uma possível comparação com o pensamento de Norbert Elias referente à busca de excitação do Europeu – tem-se que as sociedades mais desenvolvidas ou industrializadas encontram a necessidade de repressão de suas atitudes mais naturais como o chorar, o gritar, o lutar:

Mesmo nas situações de grandes crises da vida privada dos indivíduos, quando ocorrem erupções repentinas de sentimentos fortes, estas escondem-se, de um modo geral, na intimidade do círculo mais íntimo. [...] Habitualmente é motivo de embaraço para quem assiste e, com freqüência, motivo de vergonha ou arrependimento para aqueles que se permitiram ser dominados pela excitação.¹⁷¹

Reproduzindo a fala do próprio Elias, Dunning (2005) em entrevista com o professor Ademir Gebara (2005) relata que a *mudança*, a constante da relação do processo de civilização, não limita-se pelas explicações simplificadas ou de análises unilaterais, mas englobam processos que, longe de constituírem-se em atitudes deliberadas de agentes sociais, são frutos de procedimentos sociais interdependentes:

[...] estamos descrevendo a estrutura de um processo passível de observação. Mas o conceito de mudança social é muito mais abrangente para captá-lo, porque o que estamos descrevendo é mudança em uma direção específica, é mudança de algo relativamente simples em algo mais complexo, de algo relativamente selvagem e incontrolável para algo mais controlado, mais civilizado.¹⁷²

Para o agente disseminador do Taekwondo, o “mestre” brasileiro Fabio Goulart (2006), a adaptação decorre de uma necessidade advinda de processos sociais que inspiraram a divulgação do Taekwondo, processos que ocasionaram mudanças na perspectiva de seus agentes:

A arte marcial foi criada com qual intuito? Qualquer arte marcial. Defesa do seu território, defesa de sua família e aniquilação completa do adversário ou de seu oponente. Você não pode ter isso,

¹⁷¹ ELIAS ; DUNNING, 1985, p.103.

¹⁷² GEBARA, 2005, p. 52.

é que nem o gladiador. O gladiador já é um artista marcial, porque ele entrava dentro da arena e tinha que matar ou morrer, então você não pode fazer isso. Hoje em dia se criou regras pra que você consiga mostrar ao mundo como é aquela arte marcial e as pessoas praticarem.¹⁷³

Elias (1994) chama a atenção para o processo de adaptação. Mas no caso das artes marciais coreanas e seus agentes, em que essa adaptação torna-se relevante? Para que universalizar uma seqüência de princípios filosóficos tornando-os assimiláveis e acessíveis? A resposta a questão pode ser encontrada ao examinar-se a seqüência abaixo.

Após sua criação oficial em abril de 1955 o primeiro campeonato de Taekwondo do mundo foi realizado na Coréia em 1964. Em 1965 criou-se a “KOREAN TAEKWONDO ASSOCIATION”, tendo como primeiro presidente o General *Choi Hong Hi*, que em 1966 fundou a INTERNATIONAL TEAKWONDO FEDERATION (ITF)¹⁷⁴ a primeira federação de Taekwondo. Em 1968 inicia-se um processo de ocidentalização desta arte marcial com sua divulgação para Europa e Estados Unidos, em 1970 há sua introdução no Brasil. Em 1971, o presidente da Coréia do Sul, *Park Chung-hee* proclama o Taekwondo como esporte nacional coreano.

Percebe-se uma ordem cronológica de acontecimentos não muito distantes que caminham para um fim: a criação e legitimação de um esporte. As artes marciais coreanas saem de uma esfera bélica e contemplativa para inserir-se em um *locus* de concorrência por formas de apropriações de espaços definidos em um campo agora mais secular: o campo dos esportes.

¹⁷³ GOULART, F. **Mestre Fábio Goulart e o Taekwondo**: depoimento [jan.2006]. Entrevistador: T. F. F. Pimenta. Santos: Academia de Taekwondo Fábio Goulart, 2006. 1 cassete sonoro (30 min). Entrevista concedida para dissertação de mestrado em sociologia pela Universidade Federal do Paraná – UFPR.

¹⁷⁴ KIM, op. cit., p. 28.

Dado o constante processo de criação e complexidade nas estruturas sociais, novas categorias com objetivos concretos surgem. A busca pelo Zen budista e os valores confucionistas passam a interagir socialmente como propaganda e meio de divulgação do Taekwondo para os praticantes que buscam em sua prática a fuga do cotidiano. Mas seria esta arte marcial coreana, agora, a arte marcial certa para se alcançar tal objetivo?

As novas categorias e classes sociais emergentes presentes no interior do campo das artes marciais coreanas irão reafirmar tais princípios no intuito de criar um novo esporte que exerça influência nos ânimos populares e, por conseguinte, faça o papel mediador e divulgador da imagem da nova Coréia, especialmente a Coréia do Sul, no intuito de desvincular-se das características de seu “país mãe”, a China e seu ex-dominante, o Japão – que lhe deixou um legado cultural, inclusive nas artes marciais coreanas – e, desvincular-se da negativa imagem comunista que assolou o ocidente.

É possível afirmar, portanto, que para que o Taekwondo fosse propagado mundialmente como um esporte, de forma rápida, seria necessário o desvinculamento da Coréia do Sul – país de influência capitalista – a qualquer espécie de “mancha” comunista, o que demandaria uma série de acordos e guerras.

O meio pelo qual os agentes responsáveis por essa arte marcial encontraram foi muito mais simbólico. A partir deste íterim a história do Taekwondo começa uma fase conturbada, permeada por contradições e suposições referentes ao seu criador.

A história relata que General *Choi Hong Hi* é obrigado a sair da Coréia do Sul em 1972 por supostas ligações com o comunismo e estabelecer-se no Canadá. Kim, em seu livro explica como a imagem de *Choi Hong Hi* é estigmatizada no interior do sub-campo do Taekwondo:

Atualmente o General é criticado na Coréia como marginal, comunista e traidor da pátria por alguns dirigentes; porém devemos reconhecer sua importância por ter sido ele o grande responsável pela reformulação do Taekwondo moderno.¹⁷⁵

Mas referenciais orais relatam que sua fuga para outro país possa ter ocorrido por motivos muito mais enraizados no imaginário coreano do que políticos propriamente:

Eu acho que esse simples político, eu não entendo bem por que como, qual atrito tenha... Ele tinha atrito com presidente da Coréia aquele época por que... [...] Choi Hong Hi é mais velho que presidente Park, então hierarquia ele era General, ele ainda, por exemplo, Coronel, não sei... [...] E General já era General na época por que mais novo o presidente. Então como tava falando aquele hierarquia sistema coreano dos filhos entre os filhos tem hierarquia que obedece e tal. Mas, acho que é esse atrito que tinha, outro chegou presidente do nação e Choi Hong Hi entrou lá era jovem o presidente, então ele queria ser, receber aquele respeito de velho e outro queria receber aquele que postura do presidente, então acho que... Então pode ser mal entendido, eu não sei de situação, que gente fala. É falava que “faltou respeito”. Então assim começou um tipo de dissidência.¹⁷⁶

As palavras de *Kun Mo Bang*, discípulo do próprio General *Choi Hong Hi*, explicam que o motivo pelo qual deu-se sua saída da Coréia poderia ter sido permeado por fatores que estão intrinsecamente presentes na cultura e na identidade coreana: O respeito à hierarquia etária e militar como fatores preponderantes em suas ações cotidianas, frutos de uma contingência simbólica.

O presidente *Park Chung-hee* que assumiu o poder na Coréia do Sul em 1963 até o ano de 1979, exigia “respeito” por parte do General que, hierarquicamente encontrava-se em posição inferior a do Presidente e o General *Choi Hong Hi* que já ocupava o cargo de embaixador da Malásia desde 1963,¹⁷⁷ por sua vez, exigia

¹⁷⁵ Ibid., p. 20.

¹⁷⁶ BANG, K. M. **Mestre Kun Mo Bang e o Taekwondo**: depoimento [out.2003]. Entrevistador: F. E. F. Marta. Marília: Academia Bang, 2003. 1 cassete sonoro (30 min). Entrevista concedida para monografia de conclusão da graduação em Educação Física pela Universidade Estadual de São Paulo – UNESP/Bauru.

¹⁷⁷ PARK. A história de Park Chung-hee. **.Net**, [] 2002. The Free Dictionary by farlex. Disponível em: <http://encyclopedia.thefreedictionary.com/Park%20Chunghee>. Acesso em: 21 dez. 2005.

respeito por parte do Presidente que era mais novo em idade e de posição militar inferior.

A motivação da saída de seu país natal pode ter sido maquiada pela afirmação de suas possíveis relações com o comunismo, ou pode ter sido ocasionada por uma “confusão” hierárquica nos padrões de ordem estabelecidos pela sociedade coreana, ou, mais ainda, possa ter sido ocasionada por uma estratégia calculada que pressupunha a saída do General por sua provável relação conturbada presidencial.

Mas descobrir evidências de possíveis conspirações que culminaram com o exílio do criador do Taekwondo e da ITF de seu país e por conseqüência, da retirada de seu nome dos registros oficiais referentes ao Taekwondo, não é intento deste trabalho, mas a partir do reconhecimento de atos como estes, procurar elaborar uma linha de raciocínio que permita distinguir o estabelecimento do Taekwondo no cenário esportivo, delineando o caminho de um sub-campo do esporte, reconhecendo que os agentes sociais não realizam atos desinteressados. Para Bourdieu (2005), há uma razão para os agentes realizarem determinadas atitudes:

[...] razão que se deve descobrir para transformar uma série de condutas aparentemente incoerentes, arbitrárias, em uma série coerente, em algo que se possa compreender a partir de um princípio único ou de um conjunto coerente de princípios. Nesse sentido, a sociologia postula que os agentes sociais não realizam atos gratuitos.¹⁷⁸

Na análise da linha temporal de desenvolvimento do Taekwondo não é possível evidenciar um “conjunto coerente de princípios” que possam ter colaborado para a saída do General *Choi Hong Hi* da Coréia pelo contrário, em sua administração averigua-se um movimento objetivo que leva o Taekwondo a tornar-se um esporte. O que reforça a afirmação de uma possível necessidade que os agentes

¹⁷⁸ BOURDIEU, 2005, p. 138.

desta arte marcial tinham em livrar-se de “algo” que possa atrapalhar sua divulgação no cenário internacional:

1955 – defesa do nome Taekwondo para a modalidade;

1961 – ano da reformulação do nome Taekwondo em definitivo;

1963 – *Park Chung-hee* torna-se presidente da Coreia do Sul;

1966 – fundação da *International Taekwondo Federation* (ITF);

1967 – mudança de diretoria da associação coreana de Taekwondo;

1968 – primeira competição continental asiática;

1969 – primeira unificação dos nomes;

1972 – saída do General *Choi Hong Hi* da Coreia para o Canadá;

1973 – Criação da *World Taekwondo Federation* (WTF) por *Un Yong Kim*.

Os dois últimos acontecimentos da linha histórica evidenciam uma luta de poderes entre agentes específicos com interesses bem definidos. A saída de *Choi Hong Hi* da Coreia do Sul levou a criação de uma nova federação de Taekwondo, ou seja, a ação que o General havia levado dez anos para conseguir – a fundação de uma federação – *Un Yong Kim* conseguiu em apenas um ano.

Mas quem teria sido *Un Yong Kim* e, que importância este agente apresentava e apresenta no interior do sub-campo do Taekwondo para que ele se tornasse o agente responsável pela criação da federação de Taekwondo mais reconhecida do mundo, muito maior do que a primeira ITF? O que representa a WTF no sub-campo do Taekwondo e no campo esportivo?

Un Yong Kim, era o homem responsável pelas forças de segurança do presidente coreano *Park Chung-hee* na década de 60, braço forte do responsável

direto pela expulsão do General *Choi Hong Hi*.¹⁷⁹ Neste sentido é possível observar um movimento retilíneo que caminha para a criação de uma nova federação.

Um ano após a saída do criador oficial do Taekwondo por “motivos políticos”, o agente *Un Yong Kim* cria a WTF, federação mundialmente mais famosa por ser a *única reconhecida pelo Comitê Olímpico Internacional (C.O.I)*.

O reconhecimento do Taekwondo como modalidade esportiva e sua consideração pelo Comitê Olímpico Internacional (C.O.I) em 1980 dá o elemento simbólico necessário para sua afirmação oficial no campo esportivo de alto rendimento, pois exerce uma violência simbólica sobre seus espectadores, praticantes e nos praticantes de outras artes marciais, uma vez que a aquisição do *status* de esporte nacional e de esporte olímpico é legitimado pelos mecanismos legais que amparam a existência de um campo esportivo, por sua vez, de um sub-campo do esporte.

A análise confirma a inter-relação entre os campos, neste caso, campo do esporte e campo jurídico que dá e legitima a existência de um sub-campo do Taekwondo.

Seguindo-se uma seqüência histórica aparentemente evidente, não seria impróprio afirmar que a *International Taekwondo Federation* (ITF) fosse a primeira federação de Taekwondo e sua representante mundial como modalidade esportiva, mas não foi o que aconteceu.

Além de sua função como chefe da segurança presidencial, *Un Yong Kim*, consegue galgar o cargo de vice-presidente do Comitê Olímpico Internacional (C.O.I) em 1986, ao lado de Juan Antônio Samaranch e, entre 1992 a 1996 foi seu presidente.

¹⁷⁹ SIMSON, V. Y. V.; JENNINGS, A. **Os Senhores dos Anéis, Poder, dinheiro e drogas nas olimpíadas modernas**. São Paulo: Nova Cultural, 1992. p. 177.

Um trecho do livro *Os senhores dos Anéis* dos jornalistas Simson e Jennings (1992) é pertinente para se reconhecer a relação que o fundador da WTF tinha com seu presidente:

Conversamos com um ex-membro da CIA, Philip Liechty, que serviu na Coreia no final dos anos 1960. “É preciso levar em conta o tipo de gente recrutada para a Força de Proteção Presidencial, a guarda do presidente Park”, disse ele. “Naquele tempo havia muitas tentativas de assassinato do presidente, cuidadosamente planejadas por grupos paramilitares, enviados da Coreia do Norte e por isso, ele se cercou de assassinos experientes. O ponto importante é que o homem encarregado de proteger o presidente num país assim precisa ter provado sua disposição de matar sem hesitação, para proteger o chefe, e ser capaz de fazer qualquer coisa que o presidente mandar”.¹⁸⁰

Mesmo a afirmação sendo de conteúdo jornalístico, é possível perceber que a criação da WTF deu-se por razões pragmáticas uma vez que seus agentes específicos buscavam novos horizontes para sua prática. Neste sentido, reconhece-se um movimento aparentemente planejado onde os agentes sociais que agenciaram as diversas formas de capitais deste sub-campo recém criado elaboraram estratégias bem definidas para a consolidação do Taekwondo no cenário esportivo mundial. Fazendo uma analogia à noção de jogo, Bourdieu (2005) ressalta que há interesses em movimento na constante de cada ação realizada em cada “jogada”:

De fato, em um primeiro sentido, a palavra interesse teria precisamente o significado que atribuí à noção de *illusio*, isto é, dar importância ao jogo social, perceber que o que se passa aí é importante para os envolvidos, para os que estão nele. Interesse é “estar em”, participar, admitir, portanto, que o jogo merece ser jogado e que os alvos engendrados no e pelo fato de jogar merecem ser perseguidos; é reconhecer o jogo e reconhecer os alvos.¹⁸¹

Neste caso o “jogo” foi jogado. Ao sair da Coreia do Sul, General *Choi Hong Hi* estabeleceu-se no Canadá, comandando sua federação ITF.

¹⁸⁰ Ibid., p. 177.

¹⁸¹ BOURDIEU, 2005, p. 139.

Não pode-se afirmar que interesses em jogo foram sendo administrados a partir da criação do Taekwondo, muito menos que a um pequeno grupo de agentes pode-se dar o “crédito” de criar um esporte voltado ao alto rendimento. Realizar tais afirmações seria incorrer por um caminho perigoso, o da análise substancial, simplificadora. Seguir esta trajetória seria marginalizar o movimento dos campos, deixar de lado a complexidade existente que exerce a força coerciva dos fatos histórico/sociais.

O *Tekyon*, arte marcial criada como substância militar para defesa de território, com suas variações voltadas ao caráter do místico, transcendental e como filosofia de vida, foi regido pelos agentes específicos das artes marciais – monges, “mestres”, oficiais militares – que tinham como suspeita a necessidade de manutenção de uma manifestação corporal que lhes angariariam vantagens em conflitos belicosos, além de servir como manifestação corporal voltada para o bem estar da consciência.

Estes agentes dominantes deste campo específico das artes marciais coreanas o são na medida em que seus capitais simbólicos, culturais e sociais lhe afirmam como tais, pois exercem uma influência simbólica e objetiva sobre os agentes dominados.

Determinados capitais foram adquiridos a partir de seu posicionamento inicial na teia social que lhes permitiram o desenvolvimento e acúmulo necessários para exercerem suas funções como dominantes do *Tekyon*. Este desenvolvimento pode ser explicitado como os estudos dos monges nos mosteiros e estudos nas academias militares da época.

A influência simbólica destes agentes, essencialmente no interior do campo religioso, foi sendo deixada à margem do “jogo” à medida que o movimento social foi

marginalizando o místico e sua ligação com as artes marciais. A permissão para esta marginalização pode ser vista ao colocar o movimento histórico/social em evidência.

A história coreana afirma categoricamente que graças ao apoio chinês e a utilização do *Tekyon* pelos militares de *Silla*, a Coréia pôde ser criada pela união dos três reinos.

Com a idéia de movimento nos campos e ação dos agentes e seus interesses, é de se esperar que a realidade destes foi mudada drasticamente após suas vitórias. “Mestres”, oficiais, monges e toda gama de agentes específicos do sub-campo *Tekyon* sofreram um processo de acúmulo de capitais. A afirmação é verdadeira na medida que a história coreana relata a importância desta arte marcial para a formação do país e após isso sua facilidade de divulgação em um período onde a informação viajava relativamente lenta:

A partir daí, os Hwarang viajam pelo interior da península para conhecer mais sobre a região e a população, e desta forma vão espalhando o taekkyon por todo o reino durante toda a dinastia Silla , que se estende de 668 d.C. até 935 d.C.¹⁸²

Pela análise histórica desta arte marcial não evidencia-se de qual agente partiu-se a idéia da divulgação pela península. Mas o interesse em sua divulgação não incorreu-se aleatoriamente, muito menos foi um ato “natural”, mas pensado e interessante à alguém.

A este “interesse” manifesta-se uma relação desapegada aos valores econômicos. Esta palavra é melhor compreendida quando vista pela perspectiva do *campo*: Em cada campo e para cada agente há um conjunto de interesses que são os responsáveis por seu movimento, pelo desenrolar do “jogo”. Por “interesse” não considera-se apenas a noção de capital econômico, mas também a presença dos

¹⁸² TAEKWONDO. A história do taekwondo. **.Net**, 2002. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Taekwondo>. Acesso em: 21 dez. 2005.

capitais culturais, simbólicos e sociais, todos agregados à ação do sujeito inspirada por seu *habitus* e, ao mesmo tempo pela posição ocupada por estes agentes: “Constata-se, por exemplo, que as classificações efetuadas por um agente são condicionadas pela posição ocupada no espaço social e que, em função dessa posição, por definição relativa, elas têm um valor determinado”.¹⁸³

Com esta afirmação, reconhece-se que após a divulgação do *Tekyon* pela península, diversos movimentos no interior deste sub-campo do campo das artes marciais coreanas ocorreram. Seus agentes e agentes de outras artes marciais chinesas e japonesas especializaram-se em *Tekyon*. Este capital cultural adquirido processou reformulações nesta manifestação corporal que incorporou movimentos do Karatê e Kung Fu.

No pós guerra, começam a surgir as escolas marciais de Tang Soo Do (Kwan): -CHANG MOO KWAN, onde o Mestre BYUNG IN YOON praticou kung fu Chuan Fa e Karate Shudokan; -MOO DUK KWAN, onde o Mestre HWANG KEE praticou Taekkyon e um estilo de luta chinês quando viveu na Manchúria. Teve acesso a informações do Karate de Okinawa, sistematizando suas formas com base nos katas japoneses; - JI DO KWAN, originada pelo Mestre CHUN SANG SUP que sabia Judo e Karate, sendo posteriormente liderada pelos mestres KWE BYUNG YOON (4º dan karate shudokan) e CHONG WOO LEE; - CHUNG DO KWAN, pelo mestre WON KOOK LEE, praticante de Karate Shotokan. - OH DO KWAN, escola voltada para militares, principalmente oriundos da Chung Do Kwan, liderada por CHOI HONG HI(praticou Taekkyon na juventude, foi faixa preta no Japão no estilo Shotokan de Karatê)e Nam Tae Hi (treinado na Chung Do Kwan).¹⁸⁴

A noção de uma arte marcial “puramente” coreana degrada-se à medida que perdia uma parcela do que considerava nacional: seus movimentos criados como necessidade ímpar de defesa do território de *Silla*.

¹⁸³ PINTO, 2000, p. 41.

¹⁸⁴ TAEKWONDO, loc. cit.

Perder capitais no interior de um campo ou sub-campo específico significa rebaixamento de postos no mesmo e em outros campos agregados do militar ao religioso.

A esta altura volta-se ao capital inicial necessário investido pelos agentes das artes marciais coreanas. Enquanto *Tekyon*, os responsáveis por sua consistência simbólica, ou seja, os que o manipulavam como manifestação objetiva, eram os altos oficiais militares e influentes políticos. Ou seja, à esta arte marcial agregam-se os campos militares e religiosos com seus respectivos “cabeças” como seus mantenedores.

Portanto, a estratégia do jogo social mudou. Os “*agentes coreanos, desta arte marcial coreana*” investiram em determinada parcela de capital cultural para o aperfeiçoamento da mesma, o que acarretou um processo de afastamento dos valores nacionais.

Mas estes especialistas, tendo como líder o General *Choi Hong Hi*, irão utilizar-se deste fator como “contra golpe” a favor da nacionalização do *Tekyon* e de outras artes marciais coreanas. A mudança do nome para Taekwondo marcou o nascimento de uma manifestação corporal e cultural tipicamente coreana. É neste interesse – também – que os agentes deste campo específico firmaram a idéia de um Taekwondo esportivo.

Mesmo após a saída de *Choi Hong Hi* da Coréia do Sul, o Taekwondo continua, sua fase de expansão mundial:

Sendo a principal meta era expandir no mundo todo o Taekwondo competitivo: dando importância às técnicas feitas com as pernas, retornando para suas origens, como na época do “*Tekyon*”, quando a parte mais utilizada do corpo eram as pernas.¹⁸⁵

¹⁸⁵ KIM, op. cit., p. 22.

A afirmação de Kim (2000) vem arraigada a uma necessidade de mudança e afirmação de uma identidade nacional coreana através do Taekwondo. Com a conquista da Coreia pelo Japão, os japoneses e coreanos que estudaram no Império do Sol Nascente contribuíram para a formação da arte marcial coreana na medida que os praticantes de Karatê incluíram movimentos desta arte marcial japonesa ao Taekwondo. Ou seja, a expressão, “retornando para as suas origens” vem a expressar uma contida necessidade de afirmação de identidade:

Em 1955 (durante a Guerra da Coreia), uma junta de instrutores e historiadores e outras personalidades proeminentes liderados pelo General CHOI, escolheu como **TAEKWON-DO** (TAE: ação dos pés; KWON: ação das mãos e punhos; DO: caminho -filosoficamente) o nome da nova arte marcial coreana, por significar adequadamente o que representa e também por lembrar o antigo TAEK KYON, reanimando, assim, o senso de patriotismo coreano.¹⁸⁶

Mais do que auto-afirmação é a necessidade de afirmação mundial, em “reanimar o senso de patriotismo coreano” abalado por diversos conflitos belicosos através da expansão de um esporte nacional coreano que não possua nenhum elemento estranho a tais necessidades.

Este investimento de capitais por parte de um grupo de agentes do campo das artes marciais coreanas resultou na afirmação do Taekwondo como esporte, uma vez que: “[...] o investimento num campo resulta da interação entre um espaço de jogo que define os desafios e um sistema de disposições adequado a este jogo”.¹⁸⁷

Com todo processo histórico/social explicitado até a formação do Taekwondo percebe-se que esta nova instituição não deixou de ser mantida pelos detentores da maior quantidade de capitais econômicos, sociais, culturais (educacionais) e

¹⁸⁶ TAEKWONDO. A história do Taekwondo. .Net, [] 2002. Federação Internacional de Taekwondo. Disponível em: <http://www.taekwondoitf.com.br/historia.html>. Acesso em: 21 dez. 2005.

¹⁸⁷ BOYER, R. A arte do Judoca. In: ENCREVÉ, P.; LAGRAVE, R. M. **Trabalhar com Bourdieu**. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 2005. p. 278.

simbólicos. Pertinente é o relato de *Bang* que apontou como é importante ser dotado de uma parcela considerável de capitais para encontrar-se no cerne desta arte marcial:

Aí comecei a treinar pra crescer pouco mais, seis anos de idade 132 centímetros de altura, magrinho sabe? Então precisava treinar alguma coisa, aí comecei treinar Taekwondo. Realmente ninguém me batia, caçulinha, então, então todo mundo tratava muito bem, também andava com uniforme de escola, melhor escola de minha terra, hoje ginásio, colégio, então todo mundo tratava assim: “inteligente esse cara né?”.¹⁸⁸

O agente específico, responsável pela introdução do Taekwondo no Brasil relata que seus estudos deram-se na melhor escola da época em sua região na Coreia: “Nesse tempo eu tava preparando pra trabalhar no ONU, do lado do ONU, então tava estudando bastante né? Aí eu fiz inscrição, naquele época precisava falar seis línguas pra inscrição. Eu falava seis línguas”.¹⁸⁹

Esta passagem exemplifica a quantidade de capital cultural que possui este agente e outros como Generais e Presidentes. Desde o tempo do *Tekyon* as artes marciais coreanas foram sendo dominadas por integrantes de grandes quantidades de capitais.

Também a divisão estrutural coreana em Norte e Sul, ou comunista e capitalista exerceu forte influência sobre estes agentes preocupados em alavancar sua manifestação corporal.

Tais estruturas dão contribuições para o reconhecimento de ações individuais no recente sub-campo do Taekwondo que o levará a ser reconhecido como uma modalidade esportiva. Delinear esta passagem turbulenta pelas quais as artes

¹⁸⁸ BANG, K. M. **Mestre Kun Mo Bang e o Taekwondo**: depoimento [fev. 2006]. Entrevistador: T. F. F. Pimenta. Marília: consultório médico do mestre Bang, 2006. 1 cassete sonoro (30 min). Entrevista concedida para dissertação de mestrado em sociologia pela Universidade Federal do Paraná – UFPR.

¹⁸⁹ BANG, 2006.

marciais coreanas enfrentaram até sua fusão como o Taekwondo é um dos *caminhos* necessários a trilhar-se para reconhecê-lo como modalidade presente no cenário esportivo contemporâneo.

Distinguir a criação de um sub-campo do esporte é também evidenciar que dada sua constituição, seu funcionamento coloca em movimento uma série de forças de mudança na origem do movimento histórico.¹⁹⁰

Mas, a proeminência dessas forças motrizes da história não constitui acontecimento isolado ou independente. São fatos legitimados por agentes específicos.

Todo processo de criação do Taekwondo – reconhecendo-se como processo não apenas o desenrolar recente de denominação, mas uma sociogênese – caminhou para a formação de um espaço dos possíveis. No espaço das subjetividades, reconhece-se este espaço dos possíveis como o lugar funcional onde averiguam-se os imperativos simbólicos associados aos valores adquiridos. O sub-campo do Taekwondo, não deixa de ser este espaço, uma vez que:

O espaço dos possíveis característico de cada campo, religioso, político ou científico etc., funciona, e virtude do princípio de divisão (*nomos*) específico que o caracteriza, como um conjunto estruturado de licitações e de solicitações e também de interditos; ele atua como uma língua, como sistema de possibilidade e de impossibilidades de expressão que proíbe ou encoraja processos psíquicos diferentes entre si e inteiramente diferentes dos do mundo cotidiano; [...].¹⁹¹

Sua criação deu espaço para a formação de um recente campo de trabalho, aumentando o alcance de atuação das manifestações corporais e da cultura coreanas, incluindo seus princípios e valores inspirados pela ética religiosa oriental.

¹⁹⁰ Ibid., p. 280.

¹⁹¹ BOURDIEU. P. As contradições da herança. In: **Cultura e subjetividade: saberes nômades**. Campinas: ed. Papirus, 2005. p. 16.

Esses princípios, ou valores religiosos/filosóficos, por necessidade, deram margem à formação de recentes estruturas de valores atualizadas por uma conjuntura social/política recente da sociedade coreana, levando-se a afirmar que esses valores sofreram uma ruptura.

3.3 Princípios filosóficos do passado e princípios filosóficos de hoje: adequações ao universo capitalista

Kim (2000) afirma que ao Taekwondo foi renegado seu valor filosófico oriental para dar lugar às suas características competitivas à medida que o “elenco” desta arte marcial foi sendo substituído gradativamente:

A mudança de diretoria da Associação Coreana de Taekwondo em 1967, causou o fim da geração formada pelos pioneiros da modalidade que se preocupavam com seu lado espiritual. A segunda geração começou a modificar a sua política para recuperar originalidade e se desvincular da influência do Karatê. Sendo que a principal meta era expandir o Taekwondo competitivo. [...] A mudança que veio a ocorrer foi brusca e rápida; de arte marcial (disciplina e defesa pessoal) a esporte (competição – onde havia uma maior preocupação com os métodos de trabalho).¹⁹²

Após doze anos de criação, sua diretoria havia mudado trazendo uma nova perspectiva a modalidade. Mas não deve-se deixar de reconhecer que o processo de esportivização e ocidentalização já havia se estabelecido desde 1964 com seu primeiro campeonato e em 1966 com a criação da ITF formada inicialmente com a associação de nove países, dentre orientais e ocidentais: Vietnã, Malásia, Singapura, Alemanha Ocidental, Estados Unidos, Turquia, Egito, Itália e Coréia do Sul e com sede na Coréia.

¹⁹² KIM, op. cit., p. 23.

Aparentemente, entre os principais administradores do Taekwondo, havia um conflito de interesses: de um lado os agentes (os pioneiros) que preocupavam-se com a propagação do Taekwondo como uma continuação, ou seja, arte marcial dotada de uma filosofia oriental própria e de outro lado novos agentes (a nova diretoria) que preocupavam-se com a caracterização do Taekwondo como esporte.

Outro elemento de destaque a ser expresso é a evidente mudança na conjuntura do Taekwondo. A afirmação “o fim da geração formada pelos pioneiros da modalidade que se preocupavam com seu lado espiritual” é o realce de um conflito de interesses crescente, além de um distanciamento com os valores filosóficos orientais que permearam a criação das artes marciais coreanas, dando margem a afirmação de que o Taekwondo, principalmente após sua mudança de diretoria, firmou-se definitivamente como esporte.

Outra característica marcante é o realce entre as diferenças culturais orientais e ocidentais. Para Kim (2000) o processo de esportivização e de ocidentalização do Taekwondo não seria possível se esta arte marcial tivesse mantido intactos todos seus valores budistas e confucionistas, pois, dificilmente seriam aceitos pelos ocidentais:

Na procura pela cultivação de exercícios físicos pelos ocidentais, houve uma grande mudança que influenciou a entrada das lutas orientais; apesar do seu enorme posicionamento competitivo no mundo, havia pouco estudo e pesquisa e isso resultou no fracasso do lado espiritual [...].¹⁹³

A religiosidade coreana e sua relação com o ocidente trazem significativas respostas quanto a criação do esporte Taekwondo e a seu despreendimento religioso oriental.

¹⁹³ KIM, loc. cit.

O professor Dr. Gilmar Masiero em texto apresentado no Seminário sobre Brasil e Coréia do Sul organizado pelo Instituto Português de Relações Internacionais (IPRI) do Ministério das Relações Exteriores do Brasil, em 05 e 06 de Outubro de 2000, na cidade do Rio de Janeiro, relata que as relações, em especial as econômicas, na Coréia foram sensivelmente mobilizadas pela orientação religiosa cristã ocidental na medida em que reconhece um processo de assimilação conveniente entre as culturas:

A sociedade coreana é socialmente influenciada pelos cinco princípios de Confúcio: fidelidade e respeito paternal, submissão da esposa ao marido, ordenamento social baseado na senioridade, confiança mútua nas relações humanas e lealdade absoluta aos governantes. Esses tradicionais valores foram alterados, no entanto, devido às influências do cristianismo e da educação ocidental desde meados do século XIX, principalmente pela crescente presença de protestantes, que hoje totalizam um quarto da população coreana. Tu Wei-Ming (1984) argumenta que a ética Confucionista tradicional tem sido combinada e significativamente modificada pela ética cristã ocidental, formando uma “nova ética Confucionista”. Esta nova ética seria formada de um amalgama das famílias ou dos valores coletivamente orientados dos asiáticos com os pragmáticos valores orientados a objetivos econômicos do ocidente.¹⁹⁴

Esta “nova ética confucionista” traz dados importantes ao pensar a criação do Taekwondo como tendo sido parte de uma ferramenta de crescimento econômico a partir de uma divulgação mundial. Divulgar parte de uma cultura relativamente desconhecida pelos ocidentais abre caminhos para a segurança de investimentos:

A ética Protestante vê o indivíduo como uma entidade isolada e como uma força na estruturação da sociedade, enquanto a ética confucionista resgata o indivíduo como o centro dos relacionamentos, levando a um novo tipo de espírito empreendedor e estilos administrativos.¹⁹⁵

Este processo de agregação “inter-religioso” ocidente-orientes não pode ser visto de uma perspectiva, ou interpretado como processo ingênuo de

¹⁹⁴ MASIERO, G. **A economia coreana: características estruturais**. Artigo elaborado para ser apresentado no Seminário sobre Brasil e Coréia do Sul organizado pelo IPRI do Ministério das Relações Exteriores do Brasil, em 05 e 06 de Outubro de 2000, na cidade do Rio de Janeiro. p. 4.

¹⁹⁵ MASIERO, loc. cit.

desenvolvimento econômico *per se*, mas interpretado como uma constante necessidade de adequação aos valores dominantes. Uma série de movimentos do desenrolar histórico funcionando de acordo com o movimento de agenciadores de capitais com interesses específicos em mente.

O desenvolvimento de um lado espiritual pela arte marcial torna-se uma busca secular de apropriação de títulos e bens objetivos e simbólicos, encontrando no esporte o meio funcional para tal, deixando seus praticantes e admiradores confusos quanto à transmissão dos valores religiosos filosóficos orientais associados aos treinamentos físicos, metódicos e racionais exigidos pelo esporte de alto nível.

Para o “mestre” brasileiro Fabio Goulart (2000) o lado espiritual/filosófico/oriental, resumido nos cinco princípios do Taekwondo, ainda é característica nos treinamentos. A parte competitiva, particularidade do esporte, funcionaria como elemento divulgador da atividade:

[...] você faz o esporte, lança as competições e através das competições o esporte fica conhecido, através das competições você trás o aluno para dentro da academia é que você vai começar a aplicar os princípios filosóficos, a filosofia toda do esporte.¹⁹⁶

Mas, ao mesmo tempo em que este agente reconhece a presença filosófica do Taekwondo nos treinamentos, ele acredita que há uma necessidade em diferenciá-los e adequá-los à realidade ocidental, pois, de forma peculiar, ele compreende as particularidades históricas e culturais dos países orientais e ocidentais:

[...] A filosofia oriental é diferente da ocidental, nós temos que tirar da filosofia oriental o que tem de bom e colocar na filosofia ocidental, mas não podemos substituí-la, nós moramos em um lado diferente do deles, nossa vida é diferente [...].¹⁹⁷

¹⁹⁶ GOULART, F. **Mestre Fábio Goulart e o Taekwondo**: depoimento [fev. 2000]. Entrevistador: T. F. F. Pimenta. Santos: Academia de Taekwondo Fábio Goulart, 2000. 1 cassete sonoro (30 min). Entrevista concedida para relatório apresentado ao conselho nacional de desenvolvimento a pesquisa (CNPq) como exigência para finalização de bolsa de iniciação científica, PIBIC.

¹⁹⁷ GOULART, 2000.

O processo de expansão desta manifestação corporal e, posteriormente do “fracasso do lado espiritual” legitimou-se pelas necessidades em mudanças expressivas em sua prática como a criação de proteções corporais, proibições de golpes de punho no rosto e golpes baixos, facilitando sua inserção no campo esportivo.

Essas mudanças, ou investimentos de capitais por parte dos agentes, foram fundamentais para que o público não relacionasse o Taekwondo à violência física, mas, aproximando-o de um esporte de combate de fins competitivos. Nesta fase, sua divulgação como esporte vai, cada vez mais, sendo utilizada como proposta de *marketing* para os praticantes – orientais e ocidentais – que, melhor do que os valores filosóficos ou sua utilização como defesa pessoal são facilmente aceitos pela maioria dos praticantes, dada a força atrativa e, de certo modo, coerciva do esporte que é “mais divulgado na mídia”, dado a força coerciva da violência simbólica:

[...] como você vai poder divulgar uma arte marcial em um jornal? Dizendo que é pra defesa pessoal? Isso todo mundo sabe, agora se tem uma competição, duas pessoas lutaram, foi campeão Pan americano, aí você tem notícia, aí nós não podemos fugir disso.¹⁹⁸

Este “mestre” traz a tona a discussão entre arte marcial e esporte de rendimento. Sua afirmação não deixa de ser válida e corroborada. Para ele a divulgação do Taekwondo como uma modalidade, é muito mais atrativa do que sua divulgação como manifestação corporal de defesa pessoal ou dotada de uma filosofia oriental específica. Mas, a esta afirmação não cabe generalizações.

Manifestações corporais orientais e, seus respectivos agentes, continuam sua expansão como artes marciais voltadas à busca da defesa pessoal e elevação “espiritual”. Expõe-se como exemplo o Aikido, arte marcial japonesa.

¹⁹⁸ GOULART, 2006.

Sua divulgação, em nenhum momento voltou-se ao caráter esportivo de competição e rendimento atlético, seu reconhecimento sempre esteve associado às manifestações corporais voltadas à defesa pessoal e à busca de valores filosóficos orientais.

O “mestre” brasileiro de Aikido José Gomes Lemos de oitenta e três anos, em seu depoimento para este trabalho, afirma que ao Aikido confere-se as características não seculares. Sua transmissão, seus ensinamentos encontraram-se presentes em uma conjuntura religiosa oriental, onde a busca por uma evolução espiritual era seu objeto:

A filosofia do Aikido é muito mais ampla do que seu simples contato pessoal. A prática do Aikido surge como desenvolvimento espiritual, quem não acredita nisso considera como a mente, a evolução da mente da pessoa, não é inibitivo a palavra espírito. Mas na verdade é a palavra espírito, o desenvolvimento espiritual. E o desejo de competir leva a não harmonizar.¹⁹⁹

Portanto, a afirmativa de que para divulgar-se uma arte marcial de forma eficiente é necessário vender sua imagem esportiva, não atende aos objetivos propostos no trabalho, a partir do instante que existem artes marciais que se sustentam economicamente e simbolicamente com sua transmissão enquanto uma manifestação dotada de valores religiosos particulares, como é o caso do Aikido.

À esta arte marcial atribui-se uma gama de valores religiosos “espirituais” específicos herdados de artes marciais antecedentes. Em sua fundação sempre estiveram presentes de forma concreta seus princípios filosóficos que, longe de constituírem-se em algo metódico categorizado, não podem ser resumidos em poucas palavras:

¹⁹⁹ LEMOS, J. G. depoimento [jan. 2007]. Entrevistador: T. F. F. Pimenta. São Paulo: Heywa Dojo, 2007. 1 cassete sonoro (30 min). Entrevista concedida para dissertação de mestrado em sociologia pela Universidade Federal do Paraná – UFPR.

Filosofia é única, da não força, da não resistência, quer dizer, os movimentos sendo feitos em harmonia com o atacante, parceiro de treinamento ou atacante de verdade, no fundo você tem que harmonizar com ele, como você tem que se harmonizar com a vida.²⁰⁰

No Aikido não existem campeonatos, torneios ou perdedores. Isso decorre devido ao fato de que sua construção seguiu um padrão não secular, fundado de acordo com os princípios orientais budistas. Sua expressão no cenário mundial é padronizada. Movimentos, golpes, mantiveram uma estrutura fixa desde sua criação na década de 1920.

Como no Taekwondo há algumas vertentes distintas inclusive uma vertente que aproxima-se da competição, mas sua expressão dominante segue os padrões originais como o exercício da não força e da harmonização com o oponente.

Essa linha filosófica oriental do Aikido esclarece que uma manifestação corporal oriental pode sobreviver em seu ambiente não secular. Não é necessário que insira-se no universo dos esportes. A prática Aikido encontra em seus praticantes, indivíduos que buscam exclusivamente o desenvolvimento corporal e o desenvolvimento espiritual como expressou o agente específico deste sub-campo das artes marciais.

As maiorias dominantes dos agentes deste campo específico preferiram absterem-se de incitarem um movimento que buscasse uma imposição simbólica como um esporte de alto nível. Sua criação deu-se, desde o início, como uma arte marcial. O chamado *O-Sensei, Morihei Ueshiba*, criador do Aikido, desde o princípio vislumbrava em sua prática o exercício de valores morais acompanhados da religiosidade. Um de seus professores foi *Onisaburo Deguchi*, líder da seita *Oomoto-kyo*, no Japão uma das chamadas “religiões novas” do Japão.

²⁰⁰ LEMOS, loc. cit.

Um dos objetivos do *Omotokyo* era a unificação de toda a humanidade em um único "reino celestial na terra", onde todas as religiões seriam unidas sob a bandeira do *Omotokyo*.

Com a inspiração em um de seus "mestres", pode-se encontrar o porquê da persistência religiosa de grande parte de seus agentes.

Diferentemente do Taekwondo, o Aikido continuou religioso, porque a ele pode-se dizer que sempre foi religioso e o Taekwondo, desde sua criação, seguiu os princípios da competição e do rendimento.

Seu lado filosófico mantém-se como uma adaptação dos princípios filosóficos inspirados por um segmento Budista e Confucionista, mas, adaptados à uma realidade própria, onde seus agentes o criaram como esporte.

Outra diferença marcante entre estas manifestações corporais pode ser encontrada na particularidade das civilizações. Como já colocado, a península Coreana possui sua história própria que, por sua vez, incitou todo caminho até a criação do Taekwondo. Já o Aikido é uma arte marcial japonesa. O Japão tradicionalmente possui uma gama de artes marciais que trilham o caminho competitivo como o Karatê, o Judô, o Sumô além de outras manifestações menos conhecidas.

Todas estas são o legado de uma história específica o que não é o intento deste trabalho relatá-las, pois que uma comparação entre artes marciais distintas não corresponde para uma compreensão do porquê o Aikido não é uma manifestação esportiva, ou porque seus agentes dominantes não a querem como tal.

A este respeito é necessário colocar que esta comparação simples é pertinente para que se reconheça no Taekwondo o movimento de seus agentes,

consequentemente o movimento do campo do esporte e de seu sub-campo e as peculiaridades histórico-sociais que alavancaram sua criação e o processo de ruptura entre seus valores espirituais para valores seculares como os cinco espíritos do Taekwondo herdados dos guerreiros *Hwarang*.

Yeo Jin Kim (2000) traz subsídios expõe:

Cinco códigos de honra esses grupos primeiro obediência ao rei, pois era um reino, um rei absoluto né, segundo respeito aos pais vem uma tradição muito grande respeito familiar onde a sociedade se forma pela família, então família harmônico forma uma sociedade harmônico, terceiro lealdade com os amigos, circunstância com seus indivíduos, com sua amizade, muda sua formação [...] e quatro não recuar frente ao inimigo, época como confronto de guerra, então não podia recuar frente à inimigo, então código de honra e último, só matar quando não houver alternativa quer dizer, para sobreviver até matava, agora não serve mais esse código de honra e atualmente existe cinco espíritos de Taekwondo que é cortesia, integridade, perseverança, domínio sobre si mesmo e espírito indomável. É, essas palavras tem significado abrangente né.²⁰¹

O “mestre” coreano corrobora a importância dos valores espirituais na formação dos guerreiros *Hwarang* e, seu valor na construção de uma identidade nacional, mas, ao mesmo tempo, afirma que tais valores, transpassados para os dias atuais “não servem mais”. Portanto, a criação de novos princípios filosóficos para o Taekwondo tornou-se iminente sendo universalizado na medida em que encontram legitimidade em todo o mundo por ser muito “abrangente”.

Aparentemente, a *ruptura* dos antigos códigos de honra do *Harang-Do* para o espírito filosófico do Taekwondo corrobora-se como um investimento a longo prazo por parte dos agentes que buscam sua afirmação no interior do campo esportivo. Os agentes específicos desta arte marcial, entre “mestres” e “grãos mestres”, ao universalizar seus princípios, estimularam o aceite do Taekwondo pelo mundo.

Ele passa a ser reconhecido como uma modalidade competitiva mundialmente reconhecida, sua divulgação internacional deu-se, portanto, não como

²⁰¹ KIM, loc. cit.

uma arte marcial arraigada a preceitos filosóficos milenares, mas como um esporte de competição e rendimento.

Seus princípios e valores filosóficos, mensurados em cortesia; integridade; perseverança; domínio sobre si mesmo e espírito indomável podem ser reconhecidos como características fundamentais a todo atleta de qualquer modalidade, do Taekwondo ao voleibol.

É neste sentido que torna-se necessário compreender as transições e ligações entre a filosofia coreana e a sua realidade política, seus pensamentos encantados a uma realidade racional onde a busca pelo capital, seja ele econômico, social, simbólico e cultural tornaram-se o “DO” dos agentes específicos do sub-campo do Taekwondo. Mais do que isto é reconhecer o movimento e investimento inicial destes agentes em capitais econômicos, sociais, culturais e simbólicos.

Para que se realize uma análise social de sua trajetória é necessário pensar o Taekwondo não apenas como uma modalidade corporal que nasceu e encontra-se estática no universo dos esportes.

Traçar essa possibilidade é perceber que esta manifestação corporal como esporte, colabora para o processo de reprodução das ações que geram conformidade e que contribuem para a idéia estática de que o Taekwondo é esporte e independente dos agentes que o garantem, pois, de acordo com Vagarello (2005):

A prática esportiva, com seu leque de manifestações motoras, traduz tão bem ou até melhor do que outras práticas esses princípios incorporados, essa presença ativa das experiências passadas, que, depositadas em cada organismo sob a forma de esquemas de percepção, de pensamento e de ação, tendem, com mais certeza do que todas as regras formais e todas as formas explícitas, a garantir a conformidade das práticas e sua constância ao longo do tempo.²⁰²

²⁰² VIGARELLO, G. Sistemas de esportes, esportes concorrentes. In: ENCREVÉ, P.; LAGRAVE. R. M. **Trabalhar com Bourdieu**. Rio de Janeiro: Editora: Bertand Brasil, 2005. p. 187.

É fundamental evidenciar as particularidades sociais para que o Taekwondo fosse difundido. Nesse sentido, por que a partir de determinado período histórico houve a necessidade da criação de um sub-campo esportivo? Como e quais foram os movimentos e interesses dos agentes sociais para criar e difundir esse sub-campo?

Tais perguntas serão respondidas à medida que toma-se como exemplo a trajetória do Taekwondo no Brasil, como deu-se seu processo de inserção e movimento no interior deste sub-campo e as análises das entrevistas com os principais agentes desta arte marcial no País. A observação destes fatores pela perspectiva do campo, pela análise dos interesses em jogo, pelas posições ocupadas pelos indivíduos auxiliará na busca pela compreensão do sub-campo do Taekwondo.

3.4 Taekwondo e Brasil: Referenciais para a compreensão do sub-campo do Taekwondo

Em 1969 o General coreano e, embaixador *Choi Hong Hi*, visita o Brasil a convite do então Presidente da República General Emílio Garrastazu Médice²⁰³, que, particularmente havia tornado-se admirador do Taekwondo, dada as notícias da guerra do Vietnã:

Aí essa época coreano ficou famoso por causa de guerra do Vietnã: Um soldado matou 28 vietcongues sem arma, assim, notícia mundo inteiro. Então como né? “Ah, eles tão treinando Taekwondo né?” Cabeça do soldado coreano preço igual um oficial americano para vietcongue, se corta leva cabeça eles recebia prêmio, né? Então tava valorizado. Aí nessa época presidente Médice no Brasil, quando General Choi visitou aqui no Brasil como embaixador tava

²⁰³ Emílio Garrastazu Médice assumiu a presidência do Brasil em 30 de outubro de 1969 à 15 de março de 1974.

conversando assim, conversando Vietnã, assim, aí chegou conversar Taekwondo.²⁰⁴

Bang (2006) esclarece que aproveitando a estadia do General *Choi* no Brasil e sabendo que o mesmo era presidente fundador da International Taekwondo Federation (ITF), este pediu-lhe auxílio no combate ao “terrorismo” no País. “Problema era no Brasil, esse tropa se sai pra pegar terrorista aí matava 20, 30 civil, então se aprendesse esse técnica poderia pegar só um, aquele que precisava né? não precisava usar arma né?”²⁰⁵

Choi Hong Hi retornou à Coréia e recrutou inicialmente um grupo de três instrutores para enviar ao Brasil. Nas palavras de um dos recrutados:

Naquele época já tava preparando instrutor internacional, então já tava formando, mas eu não participei desse curso pra instrutor, mas gente da federação internacional, General Choi convidou primeiro lugar instrutor do curso mestre Sho, aqui fala “Sho”. Ele foi instrutor, depois quem formou primeiro lugar foi mestre Kim, Sang Yim Kim, ele entre aquele grupo formou primeiro lugar, aí convidou ele, depois, particularmente aí viu eu tá assustado, tá sofrendo, não conseguiu nem inscrição e tal aí convidou: “ei, não quer aprender português?” Aí brincando. Aí: “eu preciso de uma pessoa de caráter, para comunicar, tem capacidade pra comunicar. Aí ele me convidou.”²⁰⁶

Os documentos referentes à história do Taekwondo nacional e o depoimento dos agentes relatam que no início do mês de junho de 1970 chega ao Brasil o primeiro instrutor internacional, o “mestre” *Sang Min Sho*. Algumas referências citam que outros “mestres” vieram antes, mas deve-se ressaltar que *Sang Min Sho* é o primeiro a chegar ao Brasil passando por um crivo rigoroso na Coréia, segundo; é o primeiro a vir à convite oficial, terceiro; o depoimento é de um dos agentes específicos que vivenciou o momento. Em trecho do livro *Arte marcial coreana: Taekwondo*, *Yeo Jin Kim* (1995), cita:

²⁰⁴ BANG, 2006,

²⁰⁵ BANG, loc. cit.

²⁰⁶ BANG, loc. cit.

No início do mês de junho de 1970, foi enviado ao Brasil pelo presidente da federação Internacional de Taekwondo General Choi Hong Hi, o grão mestre Sang Min Cho, 8º Dan, com a missão de difundir e implantar na América do Sul o Taekwondo, a arte marcial coreana. Cumprindo a missão a ele confiada o mestre Sang Min Sho funda a primeira academia para a prática do Taekwondo no Brasil, em 08/08/1970 a atual, “Academia Liberdade”.²⁰⁷

Posteriormente chegam ao Brasil em 16 de maio de 1971 os “mestres” *Sang In Kim* e *Kun Mo Bang*. Estes, logo que chegaram foram trabalhar na delegacia de ordem política e social – DOPS – onde a missão consistia em ensinar o Taekwondo para a polícia secreta. Porém nesta época o “terrorismo” já estava em declínio, conseqüentemente a função do DOPS também. Dado tal fato, estes agentes disseminadores foram ensinar Taekwondo para o 1º Batalhão da Polícia Militar do Estado de São Paulo:

Chegou 70 aqui. Aí mestre Choi saiu 70 em julho, julho, agosto, ele veio pra cá, mas eu já tava estudando direito internacional, tudo. Se entra aqui como turista difícil ficar, contrato era quatro anos e a gente fica renovando, preocupado com burocracia a gente fica preocupado. Aí outro lado, aquele época não tinha relação Coréia e Brasil, não podia dar emprego, visto de emprego, mas outro lado tinha visto de imigração. Então eu tava esperando imigração pra não ter, não criar problema de ida e volta. Se eu quiser eu volto. Então eu tava fazendo documentação. General Choi nomeou primeiro, diploma número um era Sho, segundo era mestre Kim, terceira nomeação meu, número três, nós recebemos e partimos pra cá, então Sho chegou 70, nós chegamos procurando pra receber visto imigração, eu recebi em maio em 71 e Sang Yim Kim tentou mesma época e não conseguiu, mas como ele não quer atrasar muito veio no mesmo dia comigo.²⁰⁸

Kun Mo Bang esclarece que via a necessidade de conhecer a cultura brasileira o mais rápido possível, para isto era preciso instalar-se onde não houvesse coreanos. O “mestre” instalou-se no interior do Estado de São Paulo, na cidade de Marília, onde em junho de 1971 abriu sua primeira academia. Ficou estabelecido que os mesmos deveriam manter intercâmbio com a capital, inversamente os outros dois estabeleceriam o mesmo com o interior:

²⁰⁷ KIM, Y.J. Taekwondo: arte marcial coreana. São Paulo: ed. Thirê, 1995. p.11.

²⁰⁸ BANG, loc. cit.

Aí tinha tenente chamava, tenente Ruivo que traduzia inglês pra português, aí falou: "olha, aqui, 71", naquele época "tá acabando terrorismo aqui no Brasil, realmente não é necessário 68 precisava, hoje já tá acabando né? Então vocês não vai dar aula aqui, vai dar aula primeiro batalhão vocês podem dar em outro lugar?" Pode. Então eu tava pensando: "São Paulo lá dentro fala inglês, pra traduzir português, saí de lá, cheio de coreano, aí não tinha oportunidade de aprender português". Aí falei: "posso interior? "pode qualquer lugar". Aí me levou Santos, Campinas, Ribeirão Preto, São José do Rio Preto, Bauru, último aqui me trouxe Marília. Marília também tinha trigésimo sétimo batalhão. Aí escolhi cidade menor. Cidade menor tem mais facilidade de amizade, sempre vive conjunto, aí escolhi aqui.²⁰⁹

Com o tempo perceberam que sozinhos seriam incapazes de difundir o Taekwondo eficientemente e como ainda não haviam formado instrutores, decidiram que o melhor a fazer seria convidar outros agentes para vir ao Brasil.

Chega, portanto, na cidade de São Paulo o "mestre" *Kwan Sôo Shin*, que montou a *Academia Pinheiros de Taekwondo*. Posteriormente, *Sang Min Sho* convidou seu cunhado, o "mestre" *Kum Joon Kwon* para tomar conta da Academia Liberdade. *Sang Min Sho* acabou por criar mais uma academia chamada *Academia Santa Cecília*.²¹⁰ Com relação à vinda de outros "mestres" coreanos Kim (1995) relata:

Logo após a chegada do pioneiro mestre Sang Min Sho e a fundação da Academia Liberdade, chegaram outros mestres das elites coreanas para difundir e ensinar o Taekwondo para o povo brasileiro: Woo Jae Lee para os cariocas, Chang Seun Lim para os mineiros, Jung Do Lim para os baianos, Soon Myong Choi para os brasilienses, Ju Yol Oh para os pernambucanos, Te Bo Lee para os gaúchos, Hong Soon Kang para os paranaenses e Sung Jang Hong para os capixabas.²¹¹

A introdução do Taekwondo no Brasil não fugiu aos padrões mundiais, diversos coreanos instruídos e selecionados pelo General *Choi Hong Hi* para

²⁰⁹ BANG, loc. cit.

²¹⁰ Para maiores informações referentes a introdução do Taekwondo no Brasil especificamente, ver MARTA, Felipe Eduardo Ferreira. **O caminho dos pés e das mãos: taekwondo arte marcial, esporte e a colônia coreana em São Paulo (1970 – 2000)**. 2004. 148 f. Dissertação (Mestrado em História Social) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2004.

²¹¹ KIM, 1995, p.11.

divulgar o Taekwondo pelo mundo. É possível perceber que o mesmo esteve presente em todas as seleções de agentes que viajariam pelo planeta no intuito de disseminar o Taekwondo.

Nesse meio tempo nós necessitamos outros mestres, nós convidamos, escrevemos que Brasil não é só Amazônia, não é só mato, só salário que tá um pouco baixo, mas com parte espiritual, ensinar um país que não tem Taekwondo.²¹²

Percebe-se que a violência simbólica exercida pela imagem do General *Choi Hong Hi* é de tamanha força que foi capaz de fazer, agentes, seres sociais optarem por uma vida errante em um país desconhecido a ficar em uma península já estabilizada politicamente. A análise de sua estrutura simbólica religiosa também pode esclarecer o porquê destas atitudes. Lembra-se neste momento dois dos princípios confucionistas explicitados anteriormente:

- confiança mútua nas relações humanas;
- lealdade absoluta aos governantes.

Estes dois princípios de Confúcio, orientando-se pela seqüência de pensamento filosófico oriental, dão o embasamento necessário para reconhecer as ações destes agentes.

A ação destes que empreenderam seus capitais e aventuraram-se pelo mundo também não pode ser compreendida apenas pela análise dos princípios de confucionistas, já que, como exposto anteriormente, as necessidades sociais exigiram que a religiosidade oriental e ocidental cedessem valores de cada lado para responderem coerentemente à nova realidade coreana. Por ventura, se estes agentes não se reconhecessem como seres sociais capazes de realizarem tal empreendimento, eles não o fariam, pois mais do que princípios religiosos são seus *habitus* que entram em “jogo”:

²¹² BANG, 2003.

[...] esse princípio de realidade social , que faz com que cada um perceba os limites de seus possíveis, não é senão o *habitus* como interiorização das determinações externas. Interiorização no sentido de que elas se tornam algo de mental e também algo de profundo, que marca a relação consigo mesmo; interiorização, enfim, no sentido de que se assume ou se aceita aquilo a que se está “destinado”.²¹³

Por que tais indivíduos empreenderiam tal força? E que tipo de Taekwondo eles divulgariam? Um olhar atento, treinado na teoria dos campos sobre a linha temporal do Taekwondo no Brasil pode auxiliar nas respostas: Em 1972, na cidade do Rio de Janeiro, realizou-se o primeiro campeonato São Paulo X Rio de Janeiro; em 1974 criou-se o Departamento Especial de Taekwondo na Confederação Brasileira de Pugilismo, portanto passando a ser reconhecido como esporte no Brasil pelo Conselho Nacional de Desportos (C.N.D); em 1985 a primeira seleção brasileira de Taekwondo embarca para a Coréia para seu primeiro campeonato mundial; No dia 28 de fevereiro de 1986 é fundada a federação paulista de Taekwondo, primeira federação independente brasileira de Taekwondo. Após esta data os outros Estados brasileiros iniciaram o mesmo processo; e em 21 de fevereiro de 1987 fundou-se a confederação Brasileira de Taekwondo.

O movimento parece ter a mesma estrutura internacional: o caminho do esporte de rendimento. Os agentes utilizaram-se do esporte Taekwondo como meio de divulgação da modalidade. Parece óbvio que o movimento esportivo fosse reproduzido por parte dos “mestres” coreanos residentes no Brasil, mas deve-se reconhecer que o primeiro campeonato de Taekwondo no mundo foi realizado na Coréia em 1964 e em um intervalo de 8 anos, o primeiro campeonato mundial e um primeiro campeonato regional foram realizados em países com diversidades

²¹³ PINTO, op. cit.,p. 49.

econômicas, sociais, culturais distintas. Além da distância considerável conta-se que o único contato entre os disseminadores do Taekwondo do Brasil e da Coréia eram realizados por cartas.

Esta afirmação leva à compreensão de que a realização dos primeiros campeonatos de Taekwondo no Brasil não foi mera reprodução, mas que sua introdução teve um caráter hierarquizado e burocratizado predicando a institucionalização da modalidade com poder centralizado nas mãos dos agentes dominantes deste sub-campo esportivo.

A evidência do processo de inserção do Taekwondo no Brasil traz elementos substanciais para a compreensão dos processos complexos que perpetraram seu nascimento.

Sua chegada ao Brasil não escondia seu caráter institucionalizado, inclusive sua criação já havia sido dada em um campo relativamente institucionalizado – o campo das artes marciais coreanas com suas divisões complexas de tarefas e funções. Este ambiente hierárquico, onde seus agentes ocupam posições dadas as quantidades de capitais econômicos, políticos, sociais, culturais e consequentemente simbólicos, facilitaram significativamente a criação do esporte Taekwondo e seu processo de expansão mundial.

Seus agentes dotados de boa parcela de capitais iniciais investidos – adquiridos ao longo dos anos de prática nas artes marciais – foram favorecidos pela formação solidificada do campo das artes marciais coreanas. A migração de grande parte de praticantes e agentes de outras artes marciais orientais para o Taekwondo é a prova da força coerciva existente em um espaço e institucionalizado:

Com efeito, quanto mais o capital político se institucionaliza em forma de postos a tomar, maiores são as vantagens em entrar no aparelho,

ao contrário do que se passa nas fases iniciais ou nos tempos de crise [...] ²¹⁴

Esta institucionalização do campo das artes marciais da Coréia não seria marginalizada na criação de uma manifestação corporal criada para ser o símbolo da identidade do coreano, ou o símbolo da imagem de uma nova Coréia.

Este processo ocorrido antes da criação do Taekwondo, forneceu o elemento objetivo necessário para a divulgação da modalidade pelo globo. Seguindo esta esteira de pensamento, no que concerne à institucionalização, Bourdieu (2004) relata que:

[...] à medida que o processo de institucionalização avança e o aparelho de mobilização cresce, o peso dos imperativos ligados à reprodução do aparelho e dos postos que ele oferece, vinculando os seus ocupantes por todas as espécies de interesses materiais ou simbólicos, não deixa de aumentar, tanto na realidade como nos cérebros, em relação àqueles que a realização dos fins proclamados imporia. ²¹⁵

Esta passagem de Bourdieu (2004) traz à tona a idéia de conflitos de interesses, no caso do Taekwondo entre os “pioneiros da arte” – adeptos de um Taekwondo embasado nos referenciais filosóficos orientais, mas ao mesmo tempo distante do *Tekyon* pois viam-se na situação de defender uma prática já fundida com elementos práticos e filosóficos de outras artes marciais como o Karatê – e dos representantes da segunda geração – adeptos de um Taekwondo que exercesse influência nacionalista e patriótica nos coreanos e nos outros através das competições.

É, portanto, em um campo de disputas e conflitos nascido o Taekwondo. Sua origem deu-se em um ambiente repleto de interesses em jogo. Estes interesses e suas influências neste sub-campo do esporte serão melhores interpretados ao analisarem-se as opiniões dos agentes disseminadores brasileiros.

²¹⁴ BOURDIEU, 2004, p. 195.

²¹⁵ Ibid., p. 196.

4 A CONSTITUIÇÃO DO SUB-CAMPO ESPORTIVO PELO DISCURSO DOS “MESTRES”

O reconhecimento do Taekwondo no campo das modalidades de competição é condição *sine qua non* para o estabelecimento de uma compreensão referente ao esporte. Neste sentido, deixa-se de reproduzi-lo como uma manifestação corporal isolada dada a complexidade de sua estrutura.

Estrutura esta que foi sendo edificada à medida que os processos histórico/sociais coreanos foram delineando a construção de uma identidade nacional culminando com sua divulgação pelo mundo, sendo o Taekwondo, um veículo peculiar nessa exposição.

As análises dos discursos dos agentes disseminadores desta manifestação corporal são condições essenciais para a compreensão dos processos inter-relacionais que por sua vez dão legitimidade ao campo esportivo e ao sub-campo do Taekwondo.

Neste sentido, a técnica de entrevista semi-estruturada foi utilizada no intuito de se reconhecer a importância dos agentes do Taekwondo na constituição de um sub-campo do esporte, ao mesmo tempo evidenciando as forças que os levam a legitimá-lo.

É de inegável importância adotar o uso da entrevista semi-estruturada, técnica da história oral, tendo um caráter de ferramenta necessária para o reconhecimento de um grupo de agentes que, com suas histórias particulares agenciaram diversas formas de capitais para o estabelecimento de uma manifestação corporal no interior do campo do esporte, ou seja, sua utilização partiu-

se do pressuposto de dialogar com estes ícones da história do Taekwondo mundial e nacional, uma vez que:

Os acontecimentos biográficos se definem como *colocações* e *deslocamentos* no espaço social, isto é, mais precisamente nos diferentes estados sucessivos da estrutura da distribuição das diferentes espécies de capital que estão em jogo no campo considerado.²¹⁶

Reconhece-se a importância desta técnica, pois compreende-se que na história oral: “[...] existe a geração de documentos (entrevistas) que possuem uma característica singular: são resultado do diálogo entre entrevistador e entrevistado, entre sujeito e objeto de estudo”.²¹⁷

As entrevistas não objetivaram o relato da história individual do agente social específico, mas sim sua relevância e compreensão dos processos configuracionais na construção de uma modalidade que tornou-se um sub-campo esportivo. Uma manifestação corporal que está envolta de valor histórico/social de um país. Neste sentido as entrevistas objetivaram “produzir conhecimentos históricos, científicos e não simplesmente fazer um relato ordenado da vida e da experiência dos ‘outros’”.²¹⁸

A análise dos depoimentos destes agentes foi um esforço no ganho das aquisições qualitativas, uma vez que a utilização desta forma de estudo:

É antes um espaço de contato e influências interdisciplinares; sociais, em escalas e níveis locais e regionais; com ênfase nos fenômenos e eventos que permitam, através da oralidade, oferecer interpretações qualitativas de processos histórico-sociais.²¹⁹

A técnica de entrevista semi-estruturada veio por estabelecer e ordenar procedimentos metodológicos possibilitando suscitar mais questões.

²¹⁶ BOURDIEU, P. A ilusão biográfica. In: AMADO, J.; FERREIRA, M. M. **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro. Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1996. p. 190.

²¹⁷ AMADO, J.; FERREIRA, M. M. **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro. Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1996. p. 190. p. 24.

²¹⁸ LOZANO, E. Prática e estilos de pesquisa na história oral. In: AMADO, J.; FERREIRA, M. M. **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro. Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1996. p. 190. p. 17.

²¹⁹ *Ibid.*, p. 16.

Os entrevistados são ícones do Taekwondo nacional e mundial. Todos possuem o grau de “mestres” – denominação simbólica legítima no interior do campo das artes marciais de elevado reconhecimento, classificando hierarquicamente o agente específico que possui muitos anos de prática no campo – e têm em seus currículos a autoridade de serem técnicos da seleção brasileira, paulista e um deles ser um dos responsáveis pela introdução do Taekwondo no Brasil.

A apreciação dos dados obtidos nas entrevistas seguiu os moldes da análise de conteúdo, uma vez que: “Por detrás do discurso aparente [...] esconde-se um sentido que convém desvendar”.²²⁰ É seguindo este sentido que as entrevistas buscaram a apreciação qualitativa, uma vez que o intento do trabalho não é averiguar com que frequência surgem certas características do conteúdo, mas descobrir se há presença ou ausência de determinadas características no conteúdo.

O recurso à análise de conteúdo com o objetivo de tirar partido de um material dito “qualitativo” (por oposição à um inquérito quantitativo extensivo), é frequentemente necessário na prática habitual do psicólogo ou do sociólogo.²²¹

Os depoimentos demonstram-se pertinentes ao tratarem-se dos processos sociais que esta manifestação corporal sofreu dada a história pessoal destes agentes e sua importância simbólica na hierarquia deste sub-campo esportivo.

Para sua análise foram identificadas as seguintes categorias:

I. Identificação

- Nome.
- Qual sua história no Taekwondo.

²²⁰ BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: edições 70, 1977. p. 14.

²²¹ BARDIN, op. cit., p. 65.

II. Características do Taekwondo como arte marcial

- Existem “mestres” ou “grão mestres” de Taekwondo que queiram mantê-lo apenas como arte marcial.
- Quais são os princípios filosóficos do Taekwondo.
- Qual a relação do Taekwondo com a política Coreana.
- Qual a necessidade que os dirigentes do Taekwondo tinham em querer divulgar o Taekwondo.

III. Características do Taekwondo como esporte

- Qual o número de praticantes de Taekwondo no Brasil e no mundo.
- Por que existem diferentes federações de Taekwondo.
- Houve um processo de esportivização do Taekwondo ou ele já nasceu como esporte.
- Qual o investimento da Federação mundial e o COI no esporte Taekwondo.

IV. Taekwondo: arte marcial e esporte

- O Taekwondo é esporte ou arte marcial.
- Como se deu a divulgação do Taekwondo pelos coreanos.
- Quais os objetivos dos “mestres” das artes marciais coreanas em criar o Taekwondo.

As perguntas foram sendo colocadas respeitando-se a história pessoal do agente, sua realidade e função no sub-campo do Taekwondo. Seus depoimentos na íntegra, inclusive do mestre de Aikido, encontram-se em anexos.

I. Identificação

- “Mestre” Fábio Goulart – Campeão Pan-americano em 1990 e bi campeão nos jogos Pan-americanos em 1991. Ganhador de quatorze títulos paulistas e brasileiros sete, entre seletivas, ex-técnico da seleção brasileira de Taekwondo, proprietário da academia Fábio Goulart, na cidade de Santos, autor do livro “Matérias técnicas e flexibilidade” e “Taekwondo: técnicas básicas de competição”, criador do projeto “adote uma fera” para formação de atletas. Professor graduado em Educação Física. Atua hoje como treinador em sua academia na cidade de Santos, Estado de São Paulo.
- “Mestre” Kun Mo Bang – Um dos agentes responsáveis pela introdução do Taekwondo no Brasil. Discípulo direto do criador do Taekwondo General Choi Hong Hi, formador de “mestres” de Taekwondo no Brasil. Possui uma clínica de medicina oriental na cidade de Marília, Estado de São Paulo.
- “Mestre” Carlos Negrão – Discípulo de Kun Mo Bang, ex-técnico da Seleção Paulista Juvenil tricampeões brasileiros e campeões pan-americanos. Ex-técnico da seleção adulta do Estado de São Paulo. Ex-técnico da Seleção de Minas Gerais em 1988, campeã brasileira, e ex-técnico da seleção brasileira olímpica de Taekwondo, comentarista esportivo de Taekwondo na rede Bandeirantes de TV. Atua como treinador no conjunto desportivo Baby Bariony em São Paulo capital.
- “Mestre” Carlos Kiyoshi - Discípulo de Carlos Negrão, pentacampeão paulista infantil e adulto, vice-campeão brasileiro em 1992. Professor graduado em Educação Física e graduando em fisioterapia. Técnico de Taekwondo da equipe Palmeiras e atua como professor de Taekwondo pela prefeitura municipal de Jundiaí.

- “Mestre” José Gomes Lemos – Discípulo do “mestre” Kauai – um dos agentes que trouxeram o Aikido para o Brasil – um dos fundadores da Federação Paulista de Aikido onde já presidiu por doze anos sendo hoje o atual Vice-presidente da Federação.

II. Características do Taekwondo como arte marcial

Para Fabio Goulart (2006) o Taekwondo é produto de um processo histórico, portanto sua criação não objetivou a estréia no universo dos esportes:

Então nasceu como arte marcial e houve uma divulgação mundial através do mestre, o General Choi Hong Hi que era presidente da federação internacional, agora ele morreu em 2001, faz poucos anos e o filho dele que assumiu agora. Então ele que uniformizou todas as técnicas juntou as escolas de Taekwondo, de artes marciais que existia na Coréia e fundou o nome Taekwondo em 1955. Começou a formar instrutores internacionais pra divulgar isto nos países. Então o que ele queria com isso? Levar o Taekwondo para os países conseqüentemente, indo o Taekwondo vai um pouco da cultura coreana [...].²²²

Pelo discurso deste agente, o Taekwondo foi criado com um ideal específico: divulgar a cultura de um país. Mas o mesmo deixa margem para outra interpretação:

Pra você se tornar um faixa preta, você tem que ter o diploma da federação mundial, o taekwondista só é considerado taekwondista quando ele se forma, faixa colorida só é um curso, um estágio até você se tornar um taekwondista, faixa preta é taekwondista, faixa colorida não é considerado, entendeu? Quando você tem o diploma da federação mundial, você é reconhecido e isso entra divisas setenta dólares o primeiro *dan*, até quinhentos que é o de sexto *dan*, que é o meu. Então imagina o mundo todo, tá entrando divisas pra federação mundial e você tá divulgando o nome da Coréia também. Então quer dizer, esse era o intuito de você divulgar, colocar um pouco da cultura coreana em todos os países [...].²²³

A partir deste discurso é possível constatar que o Taekwondo articulou sua estrutura para angariar os fundos necessários para a formação de uma base técnica

²²² GOULART, 2006.

²²³ Ibid.

que represente seu país como uma manifestação que se faça presente e reconhecida: o esporte.

Já para o “mestre” coreano *Kun Mo Bang* (2006) o Taekwondo é uma arte marcial. Mesmo tendo enfrentado processos de esportivização, sua base ainda é religiosa, ainda funciona como uma manifestação corporal dotada de especificidades de uma defesa pessoal, ou seja, ainda hoje ele conserva suas características marciais.

Eu continuar divulgando como artes marciais, como artes marciais eu dou muita ênfase parte espiritual, então prática mesmo, pra mim, como artes marciais. Mesmo tempo que estou dando aula na faculdade tem que dividir parte de Educação Física, certo? Mas pra mim, prática mesmo artes marciais.²²⁴

Mas seu reconhecimento como arte marcial, parte de um indivíduo que prioriza o lado filosófico oriental desta manifestação, um agente que tem sua história e seu *habitus* permeados pelos valores que fazem parte da identidade oriental coreana.

A entrevista com Carlos Negrão (2006) demonstra como o Taekwondo é reconhecido e foi transmitido por Bang:

Eu comecei a treinar Taekwondo em 1976, numa época em que o Taekwondo era treinado como arte marcial. Fui atleta, iniciei em Marília treinando com um mestre coreano, o mestre Kun Mo Bang, que era um outro tipo de Taekwondo, um Taekwondo que a gente fazia muitos exercícios de yoga, um Taekwondo arte marcial.²²⁵

Pelo discurso de Bang e de seu discípulo, o Taekwondo foi criado como uma arte marcial de características militares. As manifestações de ordens religiosas orientais aparentemente não constituíam-se como o fator preponderante em sua criação. A função de transmitir a cultura coreana através do bélico constitui-se em

²²⁴ BANG, 2006.

²²⁵ NEGRÃO, C. **Mestre Carlos Negrão e o Taekwondo**: depoimento [mai. 2006]. Entrevistador: T. F. F. Pimenta. São Paulo: DEF Baby Barion, 2006. 1 cassete sonoro (30 min). Entrevista concedida para dissertação de mestrado em sociologia pela Universidade Federal do Paraná – UFPR.

uma manifestação simbólica de violência. A história da introdução do Taekwondo no Brasil confirma:

Porque 68, porque Brasil acho que tava sofrendo por causa de terrorismo. Aí essa época coreano ficou famoso por causa de guerra do Vietnã: Um soldado matou 28 vietcongues sem arma, assim, notícia mundo inteiro. Então como né? “Ah, eles tão treinando Taekwondo né?” Cabeça do soldado coreano preço igual um oficial americano para vietcongue, se corta leva cabeça eles recebia prêmio, né? Então tava valorizado.²²⁶

A divulgação e conseqüente reconhecimento de uma manifestação corporal que vaga pelo espaço das práticas que representam o forte e a alta resistência física faz uma pressão simbólica contínua para que o praticante ocidental, ou mesmo o leigo legitimem esta prática como um elemento próprio da Coréia e do coreano, pois que tais características lhe serão atribuídas.

Mas e a formação dos princípios filosóficos que regem o Taekwondo? Como se dá a utilização destes princípios? As respostas a estas indagações vêm do depoimento de Kun Mo Bang (2006) que explica:

Então, esses dias eu dei aula sobre filosofia de Taekwondo, mas eu questioneei: “existe filosofia de Taekwondo?” Existe? Então eu to estudando realmente se existe essa parte. Existe realmente Taekwondo? Filosofia? Eu acho que ainda não formou filosofia do Taekwondo, por que o que estamos falando é filosofia de artes marciais da Coréia. [...] Quem colocou nome foi mestre Choi, General Choi colocou princípios: tem que ter: integridade, perseverança, espírito indomável, ele escreveu com o nome dele, eu vi que ele tava escrevendo, certo? Mas é definido de Taekwondo um pensamento, uma pessoa dele.²²⁷

Os princípios filosóficos do Taekwondo deveram-se a uma adoção de valores resumidos por um indivíduo. A formação de sua estrutura filosófica atual é evidência da necessidade de uma expansão do Taekwondo e por conseqüência de uma nova imagem coreana. Uma Coréia que objetivava o rompimento de qualquer ligação com o Japão.

²²⁶ BANG, 2006.

²²⁷ Ibid.

Sua dominação pelo império japonês deixou-lhe marcas culturais nipônicas, das danças às artes marciais, portanto a concepção de um produto nacional tornou-se necessidade imediata:

Política mesmo queria colocar artes marciais 55, colocar uma arte marcial continuação *Tekyon*, *Subak*, tem variedades de artes marciais que existia e também no meio do tempo de dominação de japoneses que dominaram Coréia, trouxeram *Karatê*, então tá misturado. Então queria colocar artes marciais na Coréia que tava desenvolvendo e chegou caso de guerra do Vietnã e ficou famoso Taekwondo então parte intelectual, não sei qual cabeça que saiu pra divulgar Taekwondo como esporte. Divulgando Taekwondo pra divulgar Coréia, divulga esporte divulga Coréia.²²⁸

Nas palavras do “mestre” Negrão (2006):

[...] após o término da 2ª guerra o Japão saiu da Coréia e tal existia um movimento cívico na Coréia, queriam se reconstruir uma nação ali, então naquela época o presidente da Coréia reuniu vários mestres coreanos de artes marciais e pediu pra que eles criassem uma arte marcial coreana pra que toda população praticasse, ia ser uma ferramenta educativa que ia preparar, ia ser um complemento pra educação militar do povo, porque o povo naquela época era obrigatório o serviço militar na Coréia e acredito que hoje ainda seja, então o Taekwondo ia servir para ensinar as pessoas a lutarem e ao mesmo tempo ia ajudar na educação dos estudantes, dos jovens. Esses conceitos que pros orientais são tão importantes e que pra gente também de educação, de respeito, a hierarquia, de respeito ao país, então o Taekwondo foi criado com muitas noções assim de civilidade, por exemplo, nas salas de aula de Taekwondo, em toda sala de aula era obrigatório ter uma bandeira da Coréia, era obrigatório o cumprimento a bandeira, era obrigatório o respeito aos mais velhos e a todas as autoridades. Foram noções, eles acharam que essas noções que já existiam nas artes marciais de respeito ao mestre se adequavam perfeitamente à educação cívica do povo. Então o Taekwondo foi criado com o objetivo de ajudar na formação do caráter do povo tanto militar, uma vez que era luta, quanto cívica por causa desses conceitos de respeito e convivência.²²⁹

Esta influência pela hierarquia militar, o conceito de respeito às graduações forma o imaginário do praticante de Taekwondo e dos leigos que, encontram nesta manifestação corporal uma forma de prática que exerça influência na formação de indivíduos “completos”:

²²⁸ Ibid.

²²⁹ NEGRÃO, loc. cit.

Pois bem, minha história basicamente, eu era um garoto meio rebelde, apesar de não parecer assim na minha fisionomia, eu era meio rebelde, meio bagunceiro, né? E meus pais resolveram, falaram “pô vou procurar alguma coisa pra ele fazer, mas tem que ser alguma arte marcial”, porque sempre arte marcial os pais lembram que envolvem uma filosofia hierárquica, um respeito mútuo [...].²³⁰

A história do “mestre” Kiyochi confunde-se com a de diversos praticantes que, cientes de uma estrutura rígida, embasada nos padrões hierárquicos, filosóficos e militares da arte marcial Taekwondo, muitas vezes buscam na prática a fuga de uma vida onde os padrões de ordem são escassos. Esta visão está presente nos leigos que colocam seus filhos nas artes marciais, pois buscam uma forma de educação através da ordem e respeito à hierarquia.

Mas esse padrão é uma das artes marciais que o precederam. Seria o Taekwondo esportivo dotado dos mesmos valores? Do contrário, a partir de que momento há uma inversão nos padrões de ordem estabelecidos pelo Taekwondo? A partir de que momento ocorreu a valorização do Taekwondo esporte em detrimento de um Taekwondo religioso e marcial?

Torna-se necessário reconhecer, portanto como os “mestres” interpretam o Taekwondo e de que forma suas características filosóficas e bélicas são ministradas no campo do Taekwondo esportivo.

III. Características do Taekwondo como esporte

Para o “mestre” brasileiro Fabio Goulart (2006) o Taekwondo deve ser reconhecido como esporte. Suas características místicas e filosóficas devem vir a

²³⁰ KIYUCHI, C. **Mestre Carlos Kiyochi e o Taekwondo**: depoimento [mai. 2006]. Entrevistador: T. F. F. Pimenta. São Paulo: Sociedade Esportiva Palmeiras, 2006. 1 cassete sonoro (30 min). Entrevista concedida para dissertação de mestrado em sociologia pela Universidade Federal do Paraná – UFPR.

ser retratadas na academia como algo particular, extrínseco ao esporte de competição:

Então Taekwondo hoje ele é esporte, derivado de uma arte marcial. Esse é o conceito de Taekwondo, nós não podemos fugir disso. Taekwondo é um esporte originário de uma arte marcial, acabou. Originou-se de uma arte marcial e não podemos fugir mais, porque ele tem regras, arte marcial não tem regra [...].²³¹

Parece, certo expor o Taekwondo como atividade esportiva resultante de um processo de esportivização, uma manifestação cultural, religiosa, presente no universo das artes marciais coreanas para um esporte de competição e rendimento.

Para o coreano *Kung Mo Bang* (2006), o Taekwondo, seus dirigentes, e por conseqüência atletas priorizam seu lado esportivo, tendo suas raízes nas artes marciais coreanas.

Então nós hoje falamos: tem que ser leal com nação, ter respeito com país, confia amigos, não recuar no combate e essas coisas que vem vindo cada época. Taekwondo fala orgulhosamente, coreano fala: "três mil anos, mil quinhentos anos atrás, nós achamos desenho aquele tumba né?" tumba que fala? Mas aquilo chamava Taekwondo? Acho que não. Então recentemente nós falamos... Taekwondo mesmo, quando começou a colocar nome Taekwondo? 1955 e antes? Antes chamava *Tekyon*, antes chamava *Subak*, antes chamava, não sei que nome existia, outros. Existia artes marciais coreanos, mas Taekwondo mesmo, acho que não. Então nós estamos seguindo filosofia de artes marciais coreanos. Chegou Taekwondo nós colocamos já ou não.²³²

Para este agente o Taekwondo nasce de uma perspectiva racional já adquirida dos "mestres" coreanos graças aos processos de desenvolvimento da estrutura de pensamento – místico ao racional – advindos, também, dos processos de complexação da estrutura nacional coreana.

Muitos são os praticantes que iniciam a prática acreditando que a estrutura desta manifestação corporal pauta-se pelos preceitos de defesa pessoal, e estrutura

²³¹ GOULART, 2006.

²³² BANG, 2006.

simbólica de respeito às formas religiosas orientais, mas ao se iniciar uma prática que racionalizou seus princípios tornando-os mais assimiláveis, mais esportivos, encontra-se a competição e o rendimento e a busca de benefícios extrínsecos e racionais como fatores preponderantes:

Bom, a parte esportiva de qualquer arte marcial que tenha regras ela serve, já entrando até em outras questões, pra divulgação do esporte, da arte marcial. A arte marcial foi criada com qual intuito? Qualquer arte marcial. Defesa do seu território, defesa de sua família e aniquilação completa do adversário ou de seu oponente. Você não pode ter isso, é que nem o gladiador. O gladiador já é um artista marcial, porque ele entrava dentro da arena e tinha que matar ou morrer, então você não pode fazer isso. Hoje em dia se criou regras pra que você consiga mostrar ao mundo como é aquela arte marcial e as pessoas praticarem.²³³

Mas ao Taekwondo ainda atribui-se uma forma “romântica” de uma arte marcial embasada nos preceitos religiosos do oriente. Ainda são muitos os praticantes que buscam esta forma de prática. Mestre Goulart (2006) explica:

Então eu seleciono a garotada que gosta de competir porque o aluno ele não dá tanto trabalho, o atleta dá. O atleta precisa de muita atenção e hoje em dia é muito difícil né? Geralmente o atleta não tem condição financeira, tem que ficar em cima dele o tempo todo e isso causa um desgaste no relacionamento que você tem: entre você, o técnico, atleta ou o aluno. Então você tem que saber muito bem com quem você lida pra que não haja este desgaste pra que você não forme um atleta, infantil ou juvenil, e depois ele pára porque ele não agüenta na fase adulta.²³⁴

“O aluno que não dá tanto trabalho” é o que busca no Taekwondo a prática pelo condicionamento, ou a prática pela sua herança cultural religiosa.

Estas formas de identificação do Taekwondo causam problemas para os agentes que vêem-se obrigados a selecionarem praticantes para defini-los entre: atletas, praticantes que buscam na prática do Taekwondo equilíbrio vital e, praticantes que buscam nesta modalidade corporal algo que se agregue aos seus objetivos de condicionamento físico.

²³³ GOULART, 2006.

²³⁴ Ibid.

Para legitimar a afirmação, *Bang* (2006) compara o Taekwondo ao Judô, reconhecendo que os agentes da arte marcial coreana ainda encontram dificuldades no reconhecimento de uma identidade:

Judô nasceu do Jiu-Jitsu, aí quando Jigoro Kano colocou o nome de Judô, Judô é esporte, ele definiu, certo? Mas quando colocou o nome Taekwondo não definiu, quer dizer, então é Educação Física, ou é artes marciais, ou... Não tava definido, eles reuniram: Vamos colocar época de artes marciais e colocar Taekwondo, certo? Aí colocou.²³⁵

A criação do Taekwondo não priorizou a entrada no universo dos esportes. A união das artes marciais coreanas até sua fundação deu-se com o objetivo de se criar uma manifestação corporal “puramente” coreana.

Já Carlos Negrão se volta para o lado das diferenças de treinamento entre Taekwondo esporte e Taekwondo arte marcial:

Eu acho que o Taekwondo se desenvolveu e se popularizou como um esporte, é claro que o Taekwondo originalmente é uma arte marcial, e ele foi transformado em esporte e ele pode ainda ser treinado como arte marcial, mas, por exemplo, eu não conheço no Brasil hoje ninguém que treina Taekwondo como arte marcial, porque treinar o esporte como arte marcial requer uma série de rotinas que não se praticam mais, por exemplo, antigamente a gente calejava as mãos, de alguma maneira prepara a musculatura do abdome e antebraço, a gente batia antebraço contra antebraço e além de tudo lutava muito sem colete sem proteção. O Taekwondo praticado como arte marcial ele é pesado ele machuca e como esporte até que não, porque você usa as proteções, tem técnicas modernas e tal.²³⁶

Neste caso, Carlos Negrão (2006) expõe que o Taekwondo treinado de forma rigorosa ou seja “calejando-se as mãos e os pés” demonstra a forte ligação com um treinamento bélico, ou marcial. Esta “antiga” forma de treinamento parece ser a ligação entre as remotas artes marciais coreanas com o Taekwondo.

Seu relato coloca em cheque a relação subjetiva do treinamento. Os objetivos em treinar Taekwondo como esporte, mostram-se diferentes dos objetivos ao se treinar um Taekwondo como arte marcial.

²³⁵ BANG, 2006.

²³⁶ NEGRÃO, loc. cit.

O Taekwondo treinado como arte marcial, como uma manifestação corporal voltada para a defesa pessoal não é atraente aos olhares dos agentes no interior do campo do esporte, principalmente aos agentes de sua esfera administrativa.

Uma luta que demonstre ser competitiva apenas pelos padrões de defesa pessoal voltada ao caráter bélico e não aos padrões de competição esportiva não convém ao campo dos esportes olímpicos.

Para que o Taekwondo se afirmasse definitivamente no campo dos esportes olímpicos, diversas mudanças em suas regras e em sua estrutura administrativa tiveram que ocorrer:

As características das regras de competição como: a proibição do soco no rosto; chute na região inferior; segurar e derrubar o adversário; além de permitirem o contato direto com as técnicas legais, e o uso dos equipamentos de proteção, fizeram com que o taekwondo retornasse às suas origens obtidas com a filosofia via “Kyorugui” (combate).²³⁷

Kim (2000) coloca que as mudanças ocorridas nas regras do Taekwondo fazem com que a filosofia do combate justo, herdada dos guerreiros *Harang*, venham a ser característica do esporte Taekwondo, pois busca a vitória justa, embasada pelos preceitos religiosos coreanos.

Mas a pertinência em colocar-se o Taekwondo no campo dos esportes encontra uma relação mais racional. Para que se consumasse como esporte suas características deveriam relacionar-se ao universo das práticas de consumo.

Neste caso o consumo do esporte faz-se mais evidente e mais funcional do que o consumo de uma prática que, ligada ao imaginário do ocidente, para onde o Taekwondo se difundiu, mostre-se como agregada às práticas de violência física.

Neste sentido, a criação de uma arte marcial que se prestasse à divulgação da cultura coreana precisaria centrar-se na divulgação de uma imagem forte,

²³⁷ KIM, op. cit., p. 23.

consolidada, sem resquícios de outras nações, mas, ao mesmo tempo, que deva possuir as qualidades “diplomáticas” da não violência e de diálogo com o mundo, atributos que são caros às manifestações esportivas.

De acordo com a narrativa de Negrão (2006) evidencia-se que o Taekwondo chegou ao Brasil como uma manifestação voltada essencialmente para a defesa pessoal e para o treinamento bélico, mostrando que ao ser divulgado pelo ocidente ainda manteve características bélicas em seus treinamentos.

Mas ao analisar-se a história do Taekwondo é possível averiguar um processo de distanciamento ou ruptura entre as estruturas filosóficas religiosas orientais para uma prática racional ainda na Coreia. Esta afirmação traz elementos importantes para situar em que patamar encontra-se a identidade desta manifestação corporal.

Ao ser indagado sobre uma identidade do Taekwondo Fabio Goulart (2006) relata:

São as duas coisas, eu diferencio bem, a minha aula é uma aula – a aula de Taekwondo, você aprende os princípios, a filosofia, o condicionamento físico, a flexibilidade, yoga, tudo que o Taekwondo oferece no seu contexto de ser uma arte marcial. Agora ele também tem a parte esportiva que a gente não pode deixar pra lá a parte de competição que é a divulgação. [...] Então o Taekwondo tem o lado marcial e tem o lado esportivo, mas você tem que saber diferenciar um do outro.²³⁸

Para Carlos Kiyoshi (2006) o Taekwondo define-se por ser o detentor de duas características:

Bom o Taekwondo, eu tive 2 visões do Taekwondo que até foi relacionada com a questão que você me fez agora, esporte ou arte marcial. Logo que eu entrei meus pais visavam ser uma arte marcial pra mim que envolve a filosofia da arte marcial, respeito mútuo, todo aquele processo de respeito hierárquico da arte marcial que passa pro praticante. Pois bem, mas hoje como o Taekwondo é um esporte olímpico misturou muito mais esporte, eu acho que esporte mesmo e principalmente esporte performance. [...] Então acho que acima de tudo, desse espírito filosófico que tem a arte marcial eu acho que

²³⁸ GOULART, 2006.

hoje o Taekwondo especificamente ele é mais esporte, ele é mais esporte.²³⁹

Kiyoshi (2006) coloca que a introdução do Taekwondo no contexto olímpico é o elemento chave que delimita esta manifestação como esporte finalizando qualquer perspectiva de análise. Mas seus processos de transições e rupturas provam algo a mais.

V. *Taekwondo: arte marcial e esporte*

Aparentemente esta arte marcial de origem coreana destaca-se por ser reconhecida por duas características: tanto como uma arte marcial dotada de preceitos religiosos presentes na filosofia oriental de treinamentos rigorosos que visam um fortalecimento voltado para manifestações bélicas e como um esporte de competição. Essas duas perspectivas ainda que encontrem-se em contradição, são postas como suas manifestações evidentes, mas, ao mesmo tempo reduzem a análise ao campo do senso comum, pois legitimam uma falta de identidade do Taekwondo, ou, ao mesmo tempo, dão margem a uma “dupla identidade”. A afirmação de Negrão (2006) exemplifica:

Mas, se você olhar na pré-história do Taekwondo, antes de existir essa palavra, na Coréia o hábito de competição entre uma vila e outra, entre uma cidade e outra é milenar, realmente é muito antigo e já havia competição, então o Taekwondo já trouxe na sua bagagem essa cultura né, e sofreu depois um processo de esportivização, ele foi, foi mudando-se a maneira de dar aula, foi mudando-se a maneira de treinar, foi se transformando num esporte né, hoje ele está nas olimpíadas. O esporte que é praticado, o Taekwondo que é praticado hoje nos centros de treinamentos do mundo todo inclusive aqui é um esporte, um esporte com elementos marciais né, um esporte marcial.²⁴⁰

²³⁹ KIYOSHI, loc. cit.

²⁴⁰ NEGRÃO, loc. cit.

Saber que o Taekwondo é um esporte ou uma arte marcial não deixa de ser importante, mas, mais importante é reconhecer o movimento histórico/social que conglomerou manifestações locais de auto defesa e religiosidade para uma prática de atributo competitivo, praticada em mais de 170 países e corroborar para encontrar sua unidade.

O brasileiro Fabio Goulart (2006) fornece alguns elementos para a superação de uma estrutura simples de pensamento:

Bom, em comparação com outros esportes, principalmente com o Karatê, com a arte marcial Karatê, nós estamos dando de mil a zero neles, porque o Karatê tem muitos estilos, e esse é o problema que fez o Karatê não entrar nos jogos olímpicos até hoje, o Karatê não está nos jogos olímpicos, e o Taekwondo é muito mais novo e já está nos jogos olímpicos, por causa de duas federações e essas duas federações já estão entrando em entendimento pra que unifique e logo, logo nós vamos ter surpresa pra que haja uma coisa só, por que, mesmo que cada uma tenha seu estilo de luta, que é completamente diferente, mas que elas possam caminhar juntas na divulgação do nome Taekwondo. Se você tem a federação mundial e a federação internacional, são duas, o Karatê não sei nem quantos estilos tem, mas garanto, eu mesmo conheço mais de dez estilos, então como é que você vai colocar um esporte olímpico assim?²⁴¹

Goulart (2006) afirma que a condensação do Taekwondo em poucas federações legitima sua entrada no universo dos esportes olímpicos. Esta perspectiva corrobora o caráter centralizado do esporte, além de confirmar a importância do poder institucionalizado e burocrático nas manifestações esportivas. Um esporte centralizado é facilmente controlado. Suas regras e técnicas podem ser melhores administradas, portanto, facilmente divulgadas.

Os agentes do Taekwondo, com o objetivo de divulgá-lo como esporte, orientaram determinado movimento da teia de inter-relacionamentos no interior do campo das artes marciais coreanas para estabelecê-lo como um sub-campo do esporte utilizando-se da estratégia de criar princípios filosóficos específicos. Tal

²⁴¹ GOULART, 2006.

estratégia não teria sido legitimada sem uma estrutura burocrática e política pautada na centralização.

Essa afirmação sustenta a idéia de que um destes movimentos possa ter sido a expulsão do criador do Taekwondo, Choi Hong Hi, da Coréia, dando margem para a fundação de uma federação mundial, a única reconhecida pelo comitê olímpico internacional, além da padronização de princípios e valores morais condensados nas cinco frases.

Mas Bang (2006) é enfático ao reconhecer que tais princípios além de serem frutos de um processo evolutivo social são a criação de um indivíduo isolado, dotado de alto capital simbólico no interior do campo das artes marciais coreanas que, ciente de uma necessidade de concepção de uma tradição que exaltasse a nacionalidade dos coreanos e divulgasse sua cultura, criou o alicerce filosófico que, ainda hoje paira sobre o Taekwondo.

Portanto a afirmação: “existem princípios filosóficos do Taekwondo” pode ser questionada, uma vez que tais princípios são obras do pensamento de um indivíduo, um agente que, por ser o possuidor de um poder legitimado no interior do campo das artes marciais coreanas exerceu uma violência simbólica ao definir uma série de valores ao Taekwondo pertinentes ao quadro político social vivido na Coréia no ano de 1955.

Além deste fator, Bang (2006) deixa margem para a dúvida de se realmente todos os agentes concordaram com tais princípios.

É neste sentido que este irá afirmar uma necessidade em definir-se novos princípios ao Taekwondo, devido ao seu já estabelecimento como esporte:

Situação meio difícil quando eu aprendi Taekwondo, quando eu trouxe Taekwondo pro Brasil eu pensava que era artes marciais, mas depois entrou esse federação mundial que Un Yong Kim dirigiu, virando esporte. Hoje Taekwondo é esporte. Com esse mudança

filosofia também tem que mudar, eu acho. [...] Eu, ainda hoje, tenho dúvidas se nós temos filosofia ou não, certo?²⁴²

Tal estratégia não delineou um caminho abstrato. Não pode-se tomar essa tática como uma atitude substancialista criada e movimentada pelo próprio movimento.

O movimento das idéias na teia de inter-relacionamentos do campo jurídico, político, esportivo, do campo das artes marciais coreanas e do campo do Taekwondo foi dado por um grupo de agenciadores de capitais, liderados por um indivíduo com o objetivo de divulgar o país Coréia.

Fabio Goulart (2006) cita a necessidade em se divulgar o Taekwondo:

[...] a Coréia antes dos jogos de 88 era uma, agora depois dos jogos se tornou uma grande potencia mundial em eletrônicos, em artigos esportivos e tudo, além da mão de obra e conhecimento, [...] eles conseguiram engolir os japoneses. E também pelo fator cultural de querer brigar com os japoneses [...] o General Choi Hong Hi que era presidente da federação internacional, [...] ele que uniformizou todas as técnicas, juntou as escolas de Taekwondo, de artes marciais que existia na Coréia e fundou o nome Taekwondo em 1955. Começou a formar instrutores internacionais pra divulgar isto nos países. Então o que ele queria com isso? Levar o Taekwondo para os países consequentemente, indo o Taekwondo vai um pouco da cultura coreana e entra divisas para o país, por quê? Pra você se tornar um faixa preta, você tem que ter o diploma da federação mundial. [...] Quando você tem o diploma da federação mundial, você é reconhecido e isso entra divisas setenta dólares o primeiro *dan*, até quinhentos que é o de sexto *dan*, que é o meu. Então imagina o mundo todo, tá entrando divisas pra federação mundial e você tá divulgando o nome da Coréia também. Então quer dizer, esse era o intuito de você divulgar, colocar um pouco da cultura coreana em todos os países [...].²⁴³

De acordo com o agente brasileiro é possível perceber que dois foram os objetivos em querer estabelecer o Taekwondo no campo dos esportes: O fator subjetivo de afirmação da nacionalidade coreana unida ao fator objetivo de aquisição de benefícios financeiros.

Nas palavras de Bang (2006):

²⁴² Ibid.

²⁴³ GOULART, 2006.

Então, quando aquele momento de criação eu acho que continuação dos artes marciais da Coréia, 55 logo que terminado guerra, guerra da Coréia terminou em 53 né?. Então explica ainda guerrilheiros, então continua, tem que ter uma arma, todo mundo precisa preparar arma, sem arma, arma do corpo, formato do corpo porque Coréia história de quatro mil anos nunca atacou fora, nunca teve guerra escrito de conquistar mais território, de dominar alguém, é contrário, sempre defendendo. Localização geograficamente Coréia é uma península que, continente China, Manchúria e Rússia pra saída pra mar sul, então Japão, Japão pra entrar em continente então tem que passar Coréia, então Coréia sempre foi um lugar de combate sofrendo, China quer atacar Japão aí lugar de passagem soldado, Japão quer entrar então passagem de japoneses, sempre no meio, então sempre se defendendo, nunca atacou fora, então eles se preparado pra se defender mesmo, sempre. 55 formação de Taekwondo eu acho era de arte marcial mesmo, preparo espiritual, finalidade.²⁴⁴

Para este agente, a unificação das artes marciais coreanas para a criação do Taekwondo em 1955, deveu-se como uma forma específica de defesa pessoal, ou seja, o objetivo era a fundação de mais uma arte marcial.

Duas finalidades que se complementam. A divulgação torna-se o cerne do movimento inter-relacionado e interdependente que define esta arte marcial coreana como modalidade de competição:

Política mesmo, queria colocar artes marciais 55, colocar uma arte marcial continuação *Tekyon*, *Subak*, tem variedades de artes marciais que existia e também no meio do tempo de dominação de japoneses que dominaram Coréia, trouxeram *Karatê*, então tá misturado. Então queria colocar artes marciais na Coréia que tava desenvolvendo e chegou caso de guerra do Vietnã e ficou famoso Taekwondo então parte intelectual, não sei qual cabeça que saiu pra divulgar Taekwondo como esporte. Divulgando Taekwondo pra divulgar Coréia, divulga esporte divulga Coréia.²⁴⁵

Nas palavras de Kun Mo Bang (2006), encontra-se a necessidade de divulgar a Coréia como um país desvinculado às marcas da dominação, sendo o Taekwondo o veículo pertinente para isso.

Então esse pensamento acho que acertou porque muitos americanos já conhecia Taekwondo que lutavam na minha terra já aprenderam Taekwondo, aí eles voltaram aí ao mesmo tempo que terminou a guerra que eles começou, primeiro presidente investiu em educação

²⁴⁴ BANG, 2006.

²⁴⁵ Ibid.

então jovens estavam saindo da Coréia, pro exterior com bolsa de estudo, qualquer coisa. Eu lembro que o Rotari nós ganhamos muito bolsa pra americanos, Alemanha, França, Inglaterra e governo também ajudou pra estudar fora e tinha gente que ia estudar fora e mandava, a gente passava fome, mas governo investia em educação. Neste momento os jovens que levaram esse arte Taekwondo para fora.²⁴⁶

A abertura econômica da Coréia do Sul contribuiu de maneira factual para um processo de expansão do Taekwondo. A partir da década de 70, o movimento passa a ser feito por outros agentes no interior do recém criado campo do Taekwondo. A mudança de diretoria em 1967 abre o espaço para a divulgação desta arte marcial, já reconhecida como esporte, pelo mundo.

Mas a mudança dos agentes não pressupõe que o Taekwondo foi uma arte marcial e depois tornou-se um esporte, pelo contrário, na medida em que a primeira demonstração competitiva oficial realizou-se em 1964 com a antiga diretoria. Em 1965 observa-se um processo mais evidente de burocratização ou seriedade da modalidade com a criação de organismos responsáveis pela centralização das atividades com a fundação da associação coreana de Taekwondo e um ano depois a criação da Federação Internacional.

Tendo-se a análise a partir de sua criação oficial, é possível reconhecer o forte apoio do governo coreano ao Taekwondo, especialmente do presidente Park. Após sua entrada no governo em 1963, uma gama de atividades e mudanças no Taekwondo se procedem. Desde sua criação em 1955, apenas uma data foi tomada como fator circunstancial na modalidade: a reformulação dos nomes.

Durante o mandato do Presidente Park, o movimento no interior do campo do Taekwondo cresce. Diversos acontecimentos ocorreram com intervalos de tempo mínimos como a fundação da Federação Internacional, o primeiro campeonato de Taekwondo, a primeira competição asiática e a primeira unificação dos nomes.

²⁴⁶ Ibid.

Todos esses acontecimentos, influenciados pela presença de um governo que não mediu esforços para “amparar” o Taekwondo, tornam-se elementos chave para reconhecer-se as contradições existentes no interior deste sub-campo esportivo.

O Taekwondo começa a tomar um caminho previsível, mas os processos de concorrência no interior do campo do Taekwondo parecem surtir novos efeitos. O auxílio do governo coreano à modalidade e ao General Choi Hong Hi, termina na década de 1970. Após o presidente Park proclamar oficialmente o Taekwondo como esporte nacional coreano ele expulsa o General da Coreia por supostas ligações com o comunismo.

Como já visto, diversos fatores podem ter corroborado para sua saída da Coreia, mas, Kun Mo Bang (2006) trás novos elementos importantes para compreender os reais motivos que influenciaram a saída do General Choi da Coreia:

Então, presidente Park, aquela época revolucionando. Grau dele, Coronel, General Choi era General, então como era superior, General Choi superior, Park, queria tratar bem ele mas General Choi acho que não aceitou: “você revolucionário!” batendo dedo na cara dele, mas ele era Coronel uma estrela, mas quando tomou posse de presidência, ele é presidente né, mas no momento eu não tava presente, mas acho que o problema foi particular, de respeito né? houve presidente respeito General Choi como líder de Taekwondo como superior então respeitou, mas uma vez, duas vezes, terceira vez “você revolucionário!”, acho que não quis ouvir mais, então queria separar, não queria mais conversar mais com General Choi.²⁴⁷

Pelo discurso do “mestre”, entende-se que o General Choi resistiu a presidência de Park Chung-hee, mesmo com seu incontável auxílio ao Taekwondo.

A palavra “revolucionário” representa todo o processo de compreensão política do agente Choi Hong Hi e de certa forma, sua posição quanto a realidade política nacional coreana.

Reconhecer que contradições entre ideologias políticas foram determinantes para a saída do “mestre” Choi da Coreia pode levar a análise para o senso comum,

²⁴⁷ Ibid.

ou à compreensão estática. O mais importante é interpretar porque o presidente Park contribuiu sobremaneira com o Taekwondo mesmo sendo constantemente atacado por seu criador.

Ao voltar o olhar crítico a análise da linha do tempo do Taekwondo percebe-se que o Presidente Park Chung-hee enxergava o Taekwondo como uma modalidade pertinente aos ideais políticos econômicos da época, mas discernia essa manifestação desvinculada da imagem de seu criador:

Visivelmente, sabidamente teve um período longo em que o Japão dominou a Coréia, o Japão invadiu a Coréia. Então nesse período perdeu muito da cultura coreana, ela foi muito castigada, por exemplo, as pessoas eram obrigadas a falarem japonês, era proibido se praticar artes marciais coreanas na Coréia, você podia praticar o karatê e tal, mas era proibido. Quando o, após o término da 2ª guerra o Japão saiu da Coréia e tal existia um movimento cívico na Coréia, queriam se reconstruir uma nação ali, então naquela época o presidente da Coréia reuniu vários mestres coreanos de artes marciais e pediu pra que eles criassem uma arte marcial coreana pra que toda população praticasse, ia ser uma ferramenta educativa que ia preparar, ia ser um complemento pra educação militar do povo [...] Então o Taekwondo foi criado com o objetivo de ajudar na formação do caráter do povo tanto militar, uma vez que era luta, quanto cívica por causa desses conceitos de respeito e convivência.²⁴⁸

Semelhante a Fabio Goulart (2006), Negrão (2006) associa a criação do Taekwondo a um sentimento cívico, transformando-se em complemento à educação nacional. Ou seja, a exaltação de uma nacionalidade, de uma identidade reconhecida apenas no interior do país.

[...] o Taekwondo não foi visto, não foi expandido pelo mundo não só como esporte, mas acho que foi vista pelo governo coreano principalmente em criar o Taekwondo mesmo pouco mais esportivo até então, pra divulgar a cultura coreana. Tanto é que nós lembramos hoje da cultura coreana, nós lembramos muito bem do Taekwondo, da dança coreana, daquele bumbo que eles batem, enfim, e realmente com seguidores de Taekwondo que tem hoje no mundo foi muito bem sucedido por isso, por esse fator.²⁴⁹

²⁴⁸ NEGRÃO, loc. cit.

²⁴⁹ KIYOSHI, loc. cit.

Kyioshi (2006), cita que essa exaltação e afirmação de uma identidade nacional surgem através da exportação desta arte marcial como produto nacional coreano na medida que o reconhecimento da identidade em formato unilateral não legitima-se, pois uma identidade só é legitimada quando há o reconhecimento do “outro”.

A afirmação ganha expressividade quando se reconhece que após um ano de exílio do General Choi no Canadá o Un Yong Kim funda a federação mundial de Taekwondo (WTF), contraindo grande parte dos integrantes da federação internacional (ITF) transformando-a na maior federação de Taekwondo mundial sendo a única representante dos jogos olímpicos.

Mas por que os integrantes da federação internacional tornaram-se membros da federação mundial? Quais as vantagens de serem agentes representantes da WTF? A notoriedade de Un Yong Kim a qual inspirava o presidente Park pode ter sido o fator preponderante.

O que se evidencia, portanto, é uma oscilação clara dos agentes do campo do Taekwondo para querer afirmá-lo no campo dos esportes: “não é minha profissão, profissão Taekwondo não é minha, mas aquele que vive Taekwondo como profissão eles não pode largar se não, não podem comer, já precisa matéria, certo?”²⁵⁰

As palavras de Negrão (2006) demonstram a necessidade de um grupo de agentes no interior do sub-campo do Taekwondo em agenciar capital econômico, não deixando para trás seu capital simbólico.

[...] algumas pessoas e eu mesmo acho que o Taekwondo como esporte ele é uma redução do ponto de vista cultural e o Taekwondo treinado como arte marcial ele é muito mais rico na educação, nos valores e tal, você dá uma ênfase muito maior do que o Taekwondo treinado como esporte. No entanto o esporte tem um apelo que a arte marcial não tem, por exemplo, quando você é um atleta de esporte destacada, quando você ganha uma medalha você tem

²⁵⁰ BANG, 2006.

ajuda econômica, você aparece na mídia, coisa que o artista marcial não teve e nunca vai ter né, ele fica no meio. O artista marcial ele não é nem um artista e nem um esportista [...] Então quando você sofre um processo de esportivização exemplificando você perde, o artista marcial ele luta contra si mesmo, ele luta buscando um desenvolvimento mental e no esporte você tem uma outra valorização disso, é obvio que todo atleta também busca o auto desenvolvimento físico e mental, mas ele tem metas muito bem estabelecidas, aquela medalha de ouro vale tantos mil na conta dele por mês.²⁵¹

Fazer parte do corpo de agentes de um esporte nacional coreano de alto nível e com grande auxílio do governo parece ser uma idéia agradável para agentes sociais que resolveram orientar suas vidas ao ensino do Taekwondo. Associar-se a qualquer problema que possa manchar suas reputações no interior deste campo não pode lhes garantir suas necessidades objetivas. Fabio Goulart explica (2006):

A massificação do esporte é conhecimento completo das pessoas, você só consegue isso através da mídia e arte marcial você não vai conseguir colocar na mídia, só quando é competição. A primeira página que a pessoa lê no jornal é esporte, certo? a pessoa vai lá e lê no esporte, mas ninguém quer anunciar na página esportiva, mas eles gostam de ler a página esportiva, então nós temos que ir atrás do esporte isso nós temos que ter, pra poder manter o Taekwondo vivo. Se for só arte marcial não vai continuar vivo. Não dá, não vive.²⁵²

A manutenção desta arte marcial no interior do campo esportivo parece ser a preocupação geral de seus representantes. “Manter o Taekwondo vivo” é mantê-lo no quadro das modalidades esportivas e olímpicas.

Eu acho que o mundo, a globalização mundial vive um momento vive um momento muito rápido, nós vivemos um momento muito rápido, o esporte ele faz com que você tenha vários ateios, por exemplo: a busca da performance, a medalha, a recompensa, a fama, enfim, outros ateios, pois bem, o Taekwondo em si com o tempo, como eu te falei eu acho que, com o passar do tempo ele se tornou olímpico e olimpíada é somente a incessante busca da performance e quando uma modalidade se torna olímpica, mais ainda existe a busca dessa performance, da melhoria do atleta, de buscar o máximo desse atleta e creio que com isso, com o andar da carruagem o Taekwondo se tornou muito, mas muito mais competição, muito mais esporte, muito mais performance nessa busca incessante da medalha, dessa busca

²⁵¹ NEGRÃO, loc. cit.

²⁵² GOULART, 2006.

incessante do pódio, essa busca incessante da fama ou de repente até do dinheiro.²⁵³

A integração do Taekwondo e seu reconhecimento como modalidade esportiva parece receber seus méritos pela necessidade de adaptação ao universo de uma economia globalizada onde o acúmulo de capital através da evidência do mérito pessoal torna-se a constante.

Nas palavras de Goulart (2006): “[...] como você vai poder divulgar uma arte marcial em um jornal? Dizendo que é pra defesa pessoal? Isso todo mundo sabe, agora se tem uma competição, duas pessoas lutaram, foi campeão Pan americano, aí você tem notícia”.²⁵⁴ O esporte passa ser o cerne que liga o Taekwondo à valorização econômica.

A divulgação do Taekwondo como esporte passa a ser principal meta dos agentes integrantes deste sub-campo esportivo e a divulgação da imagem coreana através do Taekwondo passa a ser o objetivo dos representantes políticos da Coreia. Um Taekwondo que mantenha uma imagem filosófica ao mesmo tempo que produz produtos específicos como campeões, medalhas, troféus e atletas.

Portanto, o grande desafio é tentar compreender a ligação entre as funções filosóficas religiosas das artes marciais coreanas que precederam o Taekwondo com sua prática como esporte.

Fabio Goulart cita: “[...] depois disso você ensina aquilo que você quer, a arte marcial dentro da sua aula”.²⁵⁵

Posteriormente a seleção racional dos praticantes que “aparentam” ser os mais preparados para uma rotina incessante de treinos e abstinência, os “mestres”, concomitantemente ao treino racional e metódico transmitem os valores do

²⁵³ KIYOSHI, loc. cit.

²⁵⁴ GOULART, loc. cit.

²⁵⁵ Ibid.

Taekwondo arte marcial, uma vez que sua divulgação direta inspirada em preceitos religiosos orientais não demonstrar-se-ão lucrativos: “Então pensamento pra viver nessa época, tem que obedecer época, então conflito. Também tem grandes mestres idealistas sofrendo nesse momento”.²⁵⁶

Nas palavras de Kun Mo Bang (2006), os agentes que ambicionam transmitir os valores subjetivos e religiosos de uma prática oriental são “idealistas”, pois não “obedeceriam à época”.

Claro, eu acho isso nunca vai acabar, ele pode diminuir, mas algumas pessoas e eu mesmo acho que o Taekwondo como esporte ele é uma redução do ponto de vista cultural e o Taekwondo treinado como arte marcial ele é muito mais rico na educação, nos valores e tal.²⁵⁷

Para Negrão (2006) a divulgação do Taekwondo como esporte, reduz os valores culturais e históricos coreanos.

A transmissão do Taekwondo embasado em referenciais religiosos orientais está sendo deixada à margem e corrobora a idéia de que os processos pelos quais a sociedade coreana e, conseqüentemente o Taekwondo passaram, revelam a força dos mecanismos do processo civilizador coreano, conjuntamente afirmando o conceito de uma identidade.

A identidade é construída. Cada processo, cada movimento dos agentes no interior das artes marciais coreanas, posteriormente do Taekwondo, exerceu e exerce o poder de moldar a identificação do Taekwondo através da ligação que esta manifestação corporal tem com a nacionalidade coreana, pois seus movimentos, dados pelos agentes que regiam os campos das artes marciais coreanas e, posteriormente o Taekwondo, obedeceram ao que Elias possivelmente chamaria de

²⁵⁶ BANG, 2006.

²⁵⁷ NEGRÃO, loc. cit.

um processo evolutivo social cego e não planejado de longa duração²⁵⁸ das sociedades coreanas.

Os agentes, envolvidos na divulgação de sua modalidade, criaram estratégias no intuito de disseminar esta manifestação corporal. Estratégias inspiradas pela realidade coreana. O *habitus* dos agentes do Taekwondo estruturou suas ações no que concerne ao estabelecimento e posterior criação de um sub-campo esportivo.

O reconhecimento do *habitus* como a estrutura estruturada que, predisposta a funcionar como estrutura estruturante exerceu e exerce influência na construção das formas de pensamento que levaram os agentes a estabelecerem o Taekwondo no cenário dos esportes.

²⁵⁸ ELIAS; DUNNING, op. cit., p. 301.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A formalização do Taekwondo como um sub-campo esportivo, portanto, não é respondida como atitude deliberada de um grupo de agentes. Suas estratégias e interesses respondem a processos de reinterpretação social que permeados por seus *habitus*, acompanharam a trajetória social de seu país natal. É neste sentido que a análise da trajetória do Taekwondo como processo a-histórico ou a-sociológico leva ao caminho explicativo unilateral, uma vez que não deve-se interpretar suas ações por si, ou seja, seus interesses não são frutos de processos ocasionais, mas de um processo sociogenético.

A análise do esporte moderno como fenômeno, elemento dotado de valores sociais, econômicos, políticos e históricos, responsável por uma força coerciva exterior, perpassa suas possibilidades de apreensão. Possibilidades estas que expandem suas formas de análises, mas, ao mesmo tempo, as limitam, pois incitam distintas possibilidades de compreensão inspirando o exercício da apreciação substancialista e do senso comum, conseqüentemente às suas manifestações ou modalidades, uma vez que “a influência das noções comuns é tão forte que todas as técnicas de objetivação devem ser utilizadas para realizar efetivamente uma ruptura [...]”²⁵⁹.

A apreciação simplificadora do esporte exclui seus processos históricos e sociais de rupturas, portanto, tendendo às suas apreciações como uma prática corporal imutável. Tal análise recusa a idéia subjetiva onde os seres sociais são os realizadores e mantenedores das ações que realizam a movimentação no espaço

²⁵⁹ BOURDIEU; CHAMBOREDON; PASSERON, op. cit., p. 24.

dos esportes. Neste sentido, com Bourdieu (2005) é possível apreender a importância da superação das análises simplificadoras:

O modo de pensar substancialista, que é o do senso comum – e do racismo – e que leva a tratar as atividades ou preferências próprias a certos indivíduos ou a certos grupos de uma certa sociedade, em um determinado momento, como propriedades substancialistas, inscritas de uma vez por todas em uma espécie de *essência* biológica ou – o que não é melhor – cultural, leva aos mesmos erros de comparação – não mais entre sociedades diferentes, mas entre períodos sucessivos da mesma sociedade.²⁶⁰

É na compreensão destes limitantes teóricos que a delimitação do campo esportivo foi a condutora do estudo, pois permitiu superá-los abrindo espaço para a crítica das manifestações corporais coreanas de defesa de território e busca de um equilíbrio vital – atribuindo-lhe o nome de artes marciais – e a manifestação corporal Taekwondo, como um esporte de competição, presente no universo das manifestações de ordem econômica, cultural, social e simbólica.

A análise das práticas corporais esportivas como pertencentes a um campo esportivo remete à idéia de um espaço social repleto de seres sociais que, por definição de seus *habitus*, são agenciadores de formas específicas de lucros, concorrentes entre si pelas oportunidades de apropriação de mais capitais, sejam eles econômicos, sociais, culturais ou simbólicos. “A dificuldade que é particular à aplicação deste modo de pensamento às coisas do mundo social provêm da ruptura com a percepção comum do mundo social por este exigida”.²⁶¹

A ciência de um campo esportivo, associada à idéia de teias de interdependência, traz a noção de movimento aos campos. Neste sentido têm-se os agenciadores de capitais que, além de encontrarem-se constantemente em conflitos por apropriações, permanecem na dependência das atitudes de outros agentes, pois

²⁶⁰ BOURDIEU, 2005, p. 17.

²⁶¹ BOURDIEU, 2004, p. 65.

dada a complexidade da estrutura de seus campos, cada movimento em seu interior acarreta uma conseqüência, negativa ou positiva, a partir do ponto de vista social em que se encontra determinado agente.

A noção de campo esportivo, inserida na compreensão do Taekwondo como expressão corporal historicamente e socialmente construída, dá margem à idéia de um sub-campo do esporte. Um sub-campo é a extensão de um campo específico, neste caso, de um campo esportivo. É neste sentido que o presente estudo concentrou suas análises que ao longo do trabalho foram sendo confirmadas pelo Taekwondo.

Análises estas que perpassaram as idéias de *habitus*, agentes, capitais, poder e interesses. Todas estas estruturas em constantes inter-relações e interdependências, movidas por agenciadores de capitais.

Tais estruturas foram adquirindo maior importância na medida que os processos de ordens sociais foram adquirindo um caráter cada vez mais complexo. A este caráter complexo atribui-se ao esporte, o campo esportivo que, com uma estrutura simbólica exerce a imposição dos valores burocráticos.

Estas evidências advindas de um processo evolutivo social não planejado irão formar a estrutura na qual o Taekwondo assentou seu arcabouço corporal, cultural, econômico, político e social, na medida que seu desenvolvimento – de uma junção de artes marciais coreanas de características bélicas e religiosas orientais para um esporte rigorosamente moderno, onde sua prática, em termos administrativos, não se diferencia de nenhuma outra modalidade esportiva – evidencia um processo social de longa duração.

A hipótese inicial de que o Taekwondo é uma arte marcial nascida de uma ruptura com os valores religiosos filosóficos não foi corroborada.

Ao Taekwondo é atribuída uma trajetória recente. De acordo com a literatura seu “ano oficial de criação” é 1955. A palavra “oficial” carrega um possível processo de ruptura; uma arte marcial de valores bélicos e religiosos para um esporte de rendimento onde a procura da maximização de resultados torna-se a busca de seus praticantes. Mas, ao realizar-se as análises das entrevistas, inspirado pelo referencial teórico de Pierre Bourdieu no que concerne à campo e à luz de uma compreensão referente a um processo civilizador responsável pela inspiração de um sub-campo esportivo, apreende-se que a palavra “oficial” poderia ser retirada dos registros oficiais referentes à sua criação. O Taekwondo foi criado como uma modalidade esportiva. Foi criado para ser esporte.

Processos de rupturas entre valores religiosos filosóficos coreanos ocorreram, mas ao Taekwondo esses valores podem ser caracterizados como continuidades ou prosseguimentos, uma vez que a ruptura dos valores sociais coreanos permeados pelos referenciais religiosos para uma estrutura de pensamento permeada pela competição industrial regrada, burocratizada, institucionalizada não é o resultado de uma ação estratégica por parte dos agentes desta arte marcial. A ruptura é característica de processos macro sociais.

Seus movimentos, peculiares às antigas artes marciais coreanas e a forma de administração, foram adaptando-se às necessidades de um grupo de agentes específicos no interior destas artes marciais. De acordo com este processo de evolução do Taekwondo é possível destacar três particularidades: Adaptação, agentes específicos e interesses.

Ao Taekwondo lhe cabe a concepção de uma manifestação corporal presente no seio da sociedade coreana, um esporte nacional, uma manifestação cultural essencialmente coreana. A compreensão do Taekwondo atualizada nesta sociedade

como característica enraizada, inspiradora de ações e presente no imaginário coreano, não pode ser explicada pela análise de uma evolução histórica ingênua.

Concebê-lo como uma manifestação de origem milenar e acompanhar sua trajetória histórica unicamente, é correr o risco de limitar-se a episódios que, ao contrário de auxiliar na construção de seu desenvolvimento, ofuscam a origem social dos fatos que levaram práticas corporais essencialmente amadoras locais, para uma prática majoritariamente espetacular.

Ou seja, uma prática dotada de valor histórico/social não mantém características das artes marciais que a precederam, a não ser parte da estética de seus movimentos. A necessidade de utilização desta para defesa de território relativamente é mínima – uso entre os militares – a busca dos valores ancestrais que construíram o padrão filosófico do *Tekyon*, *Subak* e outras antigas artes marciais coreanas adaptaram-se à atual conjuntura global. Portanto, a questão permanece em como uma modalidade que perdeu grande parte de suas características – filosóficas e bélicas – tornou-se a manifestação esportiva individual mais praticada no mundo?²⁶²

A averiguação dos registros históricos bibliográficos referentes à história nacional coreana e ao Taekwondo não fornece a resposta. É neste sentido que a análise desta modalidade corporal presente no interior de um campo específico de concorrência, dotado de agentes específicos, constantemente em disputas auxilia este estudo.

O Taekwondo foi fundado como manifestação corporal esportiva no intuito de alavancar um processo de valorização social através de sua estrutura simbólica

²⁶² TAEKWONDO. Taekwondo: o esporte individual mais praticado no mundo.. **Net**, []. Disponível em: http://www.academialiberdade.com.br/?acao=canais&pagina_id=6&botao_id_02=2. Acesso em 21 de dez. 2005.

específica dada a história de seu país de origem ter sido permeada por uma série de conflitos belicosos.

A divulgação de um esporte coreano dá o valor simbólico necessário para a publicação e o desenvolvimento de uma moral nacional. O caráter diplomático do esporte garante sua passagem pelo mundo assegurando sua transmissão como produto reconhecidamente pátrio.

O apoio governamental deixa explícita a necessidade de uma divulgação mundial. Vitória de um grupo de agentes que via a importância nacional e pessoal em fazer parte de um sub-campo esportivo responsável pela divulgação da imagem da nova Coreia capitalista – Coreia do Sul.

Portanto, a adaptação segue a fôrma de uma atividade altamente rentável em circunstâncias sociais, econômicas e simbólicas. Não uma adaptação do Taekwondo, mas adaptação das artes marciais que o precederam. O Taekwondo foi a primeira adaptação ao recente cenário construído.

Outras adaptações continuaram a decorrer da constante necessidade de permanência no interior de um campo dos esportes: Processaram-se mudanças nas regras para a melhor adequação ao quadro de modalidades oficiais de competição, especialmente olímpicas. Desde sua criação em 1955, diversas mudanças na forma de luta e pontuações ocorreram. As disputas ocorriam por vezes em locais muito pequenos e duravam apenas cinco minutos ou menos. Protetores de tórax e cabeça eram raros, a contagem de pontos ocorria com a parada dos atletas após cada pontuação, os golpes podiam ser desferidos em qualquer parte do corpo. Tais procedimentos tornavam a prática perigosa e em contrapartida, lenta no que concerne às características dos esportes de combate atuais.

As regras atuais adaptaram-se ao nível de competição exigido pelo público. Um público advindo de um processo civilizacional, onde suas práticas corporais mimetizam movimentos e intenções marginalizados pelo processo de padronização de atitudes. Tais adaptações foram prontamente atendidas pelas federações e comitês esportivos internacionais como COI e WTF.

A luta desenvolve-se em uma área de 12 metros quadrados. Cada uma com três *rounds* de três minutos e mais um minuto de intervalo. Os oponentes ganham pontos golpeando tanto com os pés quanto com as mãos. Os chutes podem atingir qualquer parte do corpo que esteja coberto por protetores e acima da cintura, já os golpes de punho são desferidos apenas no peito do adversário. Todos devem usar protetores de tórax e cabeça. Existem três formas de vencer: por nocaute, por pontos, ou por desclassificação do adversário.

Já os pontos são marcados por três árbitros que ficam nas laterais. A desclassificação acontece quando um dos lutadores perde pontos por punições, como empurrar ou agarrar o oponente, socar o adversário no rosto ou atingi-lo abaixo da linha da cintura ou mesmo ter atitudes de indisciplina, como xingar os árbitros ou o adversário.²⁶³

A amostra das regras mais recentes demonstra a diferença entre valores e padrões dicotomizados. Uma arte marcial objetiva a aniquilação do adversário, enquanto no esporte, a busca é a derrota de seu oponente, mas sem feri-lo gravemente. Uma forma de combate corporal com uma particularidade rica ao esporte: o *fair play*, que não deixa de ser uma das evidências da influência do processo civilizador no esporte.

²⁶³ TAEKWONDO. As regras do Taekwondo. . **Net**, []. Disponível em: <http://www1.uol.com.br/olimpiadas/2000/taekwondo/regras.shl>. Acesso em: 21 de dezembro de 2005.

A exposição do Taekwondo alavancou um processo de imposição da nacionalidade coreana. Uma forma de violência simbólica exigida como necessidade constante. Os locais de treinamento, a importância em realizar as contagens dos golpes ou dos exercícios na língua coreana e a necessidade de saudação da bandeira nacional coreana são manifestações desta imposição: “Normas e procedimentos básicos: incline-se às bandeiras (nacional e WTF) e ao instrutor, sempre que entrar ou sair da academia, isso denota respeito e modéstia”.²⁶⁴

Alguns padrões de exigência e imposição de uma identidade não foram adaptados à realidade nacional, mas a contagem em coreano ainda é obrigatória, principalmente na federação WTF.

Essa identidade contribuiu para a construção do cotidiano estabelecendo identificações éticas e imagéticas, entre outros no âmbito da cultura e do simbólico²⁶⁵ que se configura na prática das artes marciais coreanas, especificamente dos integrantes do *Hwarang*.

A importância da formação desta tropa de elite, regida por seu rigoroso código de honra, criou o alicerce histórico/filosófico que sustentou a nacionalidade dos habitantes de *Silla*, mas, provavelmente, influenciou muito mais os habitantes de *Koryo*, pois que a estrutura filosófica/religiosa particular do *Hwarang-do* garantiu uma legitimidade muito maior após a unificação dos três reinos, dada sua contribuição marcial, pois, de certa forma, permaneceu valendo para a futura criação do Taekwondo após 14 séculos.

Portanto, esse processo pelos quais as artes marciais coreanas enfrentaram, até sua fusão como Taekwondo não pode ser analisada como processo que

²⁶⁴ TAEKWONDO, 2005.

²⁶⁵ PIMENTA, C. A. Torcidas organizadas de futebol: identidade e identificações, dimensões cotidianas. In: ALABERGES, P. **Futologias: Futebol, Identidad y violencia en América Latina**. Buenos Aires: Ed. Clacso, 2000. p. 52.

caminhou por si, mas conduzidos cegamente por agentes específicos dada sua exposição ao padrão civilizador.

O interesse, manifestação consciente, não pode ser explicado como constante peremptória de um agente específico. À interesse agrega-se valores que estão à margem de uma função econômica. Dinheiro não é apenas a única vantagem. A esta palavra atribui-se a conquista de capitais sociais, simbólicos e econômicos, valores buscados pelos agentes do Taekwondo ao estimularem sua importação ao ocidente, a importação de um esporte novo com suas adaptações exigidas por um processo evolutivo social não planejado.

Os princípios que regiam os praticantes do *Tekyon*, deveram sua transformação a um processo de adaptação e uniformização de atitudes, onde o processo de interdependência entre os indivíduos tornou-se mais complexo.

A criação de princípios filosóficos ao Taekwondo é sua ligação com um passado de submissão às manifestações religiosas que um conjunto de seres sociais deveria seguir.

A obediência ao rei estende-se à cortesia, o respeito aos pais, transforma-se em integridade, lealdade para com os amigos passa a perseverança, nunca recuar ante o inimigo passa a ser espírito indomável, só matar quando não houvesse alternativa alarga o conceito para o *domínio sobre si mesmo*.

Essa interdependência, característica de um processo figuracional ou configuracional é uma extensão de um processo civilizador ocorrido na região coreana. Com Elias (2001) tem-se a explicação deste conceito:

[...] uma figuração é uma forma social, cujas dimensões podem ser muito variáveis [...], em que os indivíduos estão ligados uns aos outros por um modo específico de dependências recíprocas e cuja reprodução supõe um equilíbrio móvel de tensões.²⁶⁶

²⁶⁶ ELIAS, 2001, p. 13.

Tais princípios foram também necessários para a divulgação desta arte marcial, pois caracterizam-se por serem universais, podendo ser assimiláveis por qualquer sociedade moderna que também tenha passado por um processo de monopolização e dependência de atitudes alheias.

A compreensão dos atos dos agentes específicos do sub-campo Taekwondo pode parecer óbvia no instante em que reconhece-se a necessidade de mudança de certos valores (antigos) para novos valores no intuito de fazer permanecer a prática específica em seu campo. Mas averiguar este processo de adaptação *per se*, não complementa a análise referente à construção de um sub-campo esportivo.

Mostrar ter conhecimento de atos como estes sem reconhecer o sentido do jogo ao qual insere-se este grupo de agentes específicos é arranhar a superfície do processo. Em Bourdieu foi possível superar esta perspectiva buscando-se “o sentido do jogo social”. Sentido do jogo criado pelo *habitus* do sentido do jogo. Ter o sentido do jogo é tê-lo na pele; é perceber no estado prático seu futuro; é ter o senso histórico do jogo.

A visão destes processos como um “jogo a ser jogado” confirma a idéia de movimento no interior dos campos, especificamente, no interior do campo das artes marciais coreanas até sua fusão como um sub-campo esportivo. Esses movimentos, longe de serem desprovidos de interesse, constituíram a linha de interpretação que conduz o pesquisador a reconhecer nesta arte marcial seu caráter social e de construção de identidades que hoje, reproduz sua imagem esportiva dominante.

Portanto, é preciso pensar o Taekwondo como pertencente à um campo esportivo. Não apenas reconhecer seus atributos técnicos, econômicos, sociais e simbólicos que garantem sua permanência no espaço dos esportes, mas reconhecer o movimento específico, iniciado por agentes com interesses definidos no interior do

campo das artes marciais coreanas, que levaram esta recente arte marcial a consolidar-se como esporte.

O intuito do trabalho não foi ilustrar possíveis juízos de valores como certo ou errado. Tal avaliação tenderia a pesquisa para um possível profetismo metodológico. Reconhecer que os “mestres” e outros agentes específicos desta manifestação corporal alavancaram a evolução do Taekwondo através de atitudes deliberadas seria reificar a avaliação profética.

Os seres sociais de fora do processo, que não possuem *habitus* adaptados às estruturas que estão presentes no jogo a ser jogado no interior do campo das artes marciais coreanas e posteriormente no sub-campo do Taekwondo, podem tomar tais investimentos de capitais como atitudes estáticas, deliberadas, ou, até mesmo sem importância.

A evidência das regras e as estratégias para se jogar o jogo no interior dos campos orienta-se pela imposição da violência simbólica exercida pela força do processo civilizador, onde, no caso da criação do Taekwondo a imposição dos Estados capitalistas “reivindicaram com sucesso o monopólio legítimo da violência simbólica em um território determinado e sobre um conjunto da população correspondente”.²⁶⁷

Esta violência simbólica sobre os agentes do Taekwondo agiu como uma arma de imposição, fazendo com que estes, operassem como sujeitos que necessitem sobreviver de acordo com as regras do recente cenário imposto ao Estado coreano do Sul.

Portanto, a utilização do referencial teórico de Pierre Bourdieu neste trabalho mostraram-se pertinentes. Não apenas pelo reconhecimento da influência simbólica

²⁶⁷ BOURDIEU, 2005, p. 97.

de violência nos atos e interesses de um grupo de agentes específicos, mas também, no intuito de tendenciar a evidência de mecanismos sociais que prescrevem leis de reprodução social. Com referência a Bourdieu, nas palavras do professor Wanderley Marchi Jr (2004): “Prospectivamente, após essa identificação, o autor determina como função primordial do sociólogo o evidenciar ou o revelar daquilo que chamou de fundamentos de dominação oculta”.²⁶⁸

Ou seja, reconhecendo apenas que se “você tiver um espírito estruturado de acordo com as estruturas do mundo no qual você está jogando, tudo lhe parecerá evidente”,²⁶⁹ a este trabalho foi conferido, portanto, um objetivo audacioso: o de aproximar o leitor ao espírito estruturado das regras jogadas no interior deste sub-campo esportivo – Taekwondo – do campo dos esportes e do campo das artes marciais coreanas.

²⁶⁸ MARCHI Jr. W. **Sacando o voleibol**. São Paulo. Ed. Unijuí, 2004. p. 43.

²⁶⁹ BOURDIEU, 2005, p. 139.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALABERCES, P. **Futebologias: Futebol, Identidad y violência en América Latina**. Buenos Aires: Ed. Clacso, 2003.

AMADO, J.; FERREIRA, M. M. **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro. Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1996. p. 190.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6023**: Informação e documentação: referencias: elaboração. Rio de Janeiro, 2002.

_____. **NBR 6024**: Informação e documentação: numeração progressiva das seções de um documento escrito: apresentação. Rio de Janeiro, 2003.

_____. **NBR 6027**: Informação e documentação: sumário: apresentação. Rio de Janeiro, 2003.

_____. **NBR 6028**: Informação e documentação: resumo: apresentação. Rio de Janeiro, 2003.

_____. **NBR 10520**: Informação e documentação: citações em documentos: apresentação. Rio de Janeiro, 2002.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 14724**: Informação e documentação: trabalhos acadêmicos: apresentação. Rio de Janeiro, 2002.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: edições 70, 1977.

BETTI, M. **Violência em Campo: Dinheiro, Mídia e Transgressão às Regras no Futebol espetáculo**. 2 ed. Rio de Janeiro: Unijuí, 2004.

BONNEWITZ, P. **Primeiras lições sobre a sociologia de Pierre Bourdieu**. Petrópolis: Ed. Vozes, 2003.

BOURDIEU, P. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

_____. **O poder simbólico**. 10 ed. Rio de Janeiro: ed. Bertrand Brasil, 2004.

_____. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

_____. **Razões práticas: sobre a teoria da ação**. Campinas: ed. Papyrus, 2005.

_____; CHAMBOREDON, J.; PASSERON, J. **Ofício de sociólogo**. 4. ed. Petrópolis: Vozes. 2004.

CAVALCANTI, K. B. **Esporte para todos: um discurso ideológico**. São Paulo: IBRASA, 1984.

CAVICHIOILLI, F. R. **Ensaio sobre a indústria cultural: refletindo a massificação dos esportes**. 2000.

CLEARY, T. **A arte japonesa de criar estratégias**. São Paulo: Cultrix, 1991.

COMISSÃO DE ESPECIALISTAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA DO MINISTÉRIO DO ESPORTE. **Esporte e sociedade**. 2. ed. Brasília: Universidade de Brasília, Centro de Educação à Distância, 2004.

_____. **Dimensões pedagógicas do esporte**. 2. ed. Brasília: Universidade de Brasília, Centro de Educação à Distância, 2004.

_____. **Jogo, corpo e escola**. 2. ed. Brasília: Universidade de Brasília, Centro de Educação à Distância, 2004.

_____. **Manifestações dos jogos**. 2. ed. Brasília: Universidade de Brasília, Centro de Educação à Distância, 2004.

_____. **Manifestações dos esportes**. 2. ed. Brasília: Universidade de Brasília, Centro de Educação à Distância, 2004.

_____. **Elementos do processo de pesquisa em esporte escolar: pré projeto**. 2. ed. Brasília: Universidade de Brasília, Centro de Educação à Distância, 2004.

_____. **Elementos do processo de pesquisa em esporte escolar: monografia.** 2. ed. Brasília: Universidade de Brasília, Centro de Educação à Distância, 2004.

DUBAR, C. **A socialização: construção das identidades sociais e profissionais.** São Paulo: Martins Fontes, 2005.

DURKHEIM, E. **As regras do método sociológico.** São Paulo: Nacional, 1968.

ELIAS, N. **Introdução à sociologia.** Lisboa: Edições 70, 1980.

_____. **O processo civilizador: uma história dos costumes.** 2.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, v. 1, 1993.

_____. **O processo civilizador: formação do estado e civilização.** 2.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, v. 2, 1993.

_____. **Sociedade de corte.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

_____.; DUNNING, E. **A busca da excitação.** Lisboa: Difel, 1992.

ENCREVÉ, P.; LAGRAVE, R. M. **Trabalhar com Bourdieu.** Rio de Janeiro: Bertand Brasil, 2005.

FILHO, J. L. **Introdução à Sociologia dos desportos.** Rio de Janeiro: Bloch, 1973.

FUJIYAMA, P. L. **Aspectos Antropométricos e Nutricionais de atletas do taekwondo da cidade de Bauru.** Bauru, SP: UNESP, 1994. Originalmente apresentada como monografia para conclusão da graduação em Educação Física, Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de São Paulo - UNESP, Bauru, 1994.

GEBARA, A. **Conversando sobre Norbert Elias: Depoimentos para uma história do pensamento sociológico.** Piracicaba: Biscoalchin, 2005.

GRIFI, G. **História da Educação Física e do Esporte.** Porto Alegre: Luzzato, 1989.

HOBBSAWM, E.; RANGER, T. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1984.

KIM, Y. J. **Taekwondo: arte marcial coreana**. São Paulo: ed. Thirê, v. 1, 1995.

_____. **Taekwondo: arte marcial coreana**. São Paulo: ed. Thirê, v. 2, 2000.

LE GOFF, J. **História e memória**. Campinas: Unicamp, 1992.

MARCHI JUNIOR, W. **Sacando o voleibol**. São Paulo: ed. Unijuí, 2004.

MARTA, F. E. F.; PIMENTA, T. F. F. **Os princípios filosóficos do Taekwondo no discurso dos mestres**: relatório final apresentado ao conselho nacional de desenvolvimento a pesquisa (Cnpq) como exigência para finalização de bolsa de iniciação científica, PIBIC. Bauru: UNESP, 2001.

MARX, K. **O Capital: Crítica da Economia Política**. v. 1. São Paulo: ed. Abril Cultural, 1983.

ORTIZ, R. **Pierre Bourdieu - Coleção Grandes Cientistas Sociais**. 2 ed. São Paulo: ed. Ática, n. 39, 1983.

PIMENTA, C. A. Torcidas organizadas de futebol: identidade e identificações, dimensões cotidianas. In: ALABERCES, P. **Futebologias: Futebol, Identidad y violência en América Latina**. Buenos Aires: Ed. Clacso, 2000. p. 52.

PIMENTA, T. F. F. **O Taekwondo no contexto olímpico na oralidade dos mestres**. Bauru, SP: UNESP, 2003. Originalmente apresentada como monografia para conclusão da graduação em Educação Física, Faculdade de Ciências da Universidade Estadual de São Paulo - UNESP, Bauru, 2003.

PINTO, L. **Pierre Bourdieu e a teoria do mundo social**. Trad. Luiz Alberto Monjardim. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 2000.

PRONI, M. W. **Esporte-espetáculo e futebol-empresa**. Campinas, SP: FEF-UNICAMP, 1998. Originalmente apresentada como tese de doutorado, Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas, 1998.

_____.; LUCENA, R. F. **Esporte, história e sociedade**. Campinas: Autores associados, 2000.

_____. A espetacularização do esporte: uma visão estrutural da história recente do esporte no Brasil. In: ENCONTRO NACIONAL DA HISTÓRIA DO ESPORTE, LAZER E EDUCAÇÃO FÍSICA, DEF/UFPR, DEF/UFPG, FEF/UNICAMP, 3., 1995, Curitiba. **Anais...** Curitiba: UFPR, 1994.

QUINTANEIRO, T. **Um toque de clássicos - Marx, Durkheim e Weber**. Belo Horizonte: ed. UFMG, 2002.

SALINAS, S. S. **O bando dos quatro: A industrialização no sudeste asiático**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985.

SIMMEL, G. **Filosofia do dinheiro**. João Pessoa: GREM, 2002.

SIMSON, V. Y. V.; JENNINGS, A. **Os Senhores dos Anéis, Poder, dinheiro e drogas nas olimpíadas modernas**. São Paulo: Nova Cultural, 1992.

SOUZA, H. J. **Análise de Conjuntura**. 17. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

SOUZA, J.; OLZE, B. **Simmel e a modernidade**. Brasília: ed. Universidade de Brasília, 1998.

TOURAINÉ, A. **Crítica da modernidade**. Petrópolis: Vozes, 1994.

_____. **O Retorno do actor social**. Petrópolis: Vozes, 1995.

TUBINO, M. **As teorias da Educação Física e do esporte**. Barueri: Ed. Manole, 2002.

WAIZBORT, L. **As aventuras de Georg Simmel**. São Paulo: editora 34, 2000.

WEBER, M. **Coleção Os pensadores**. São Paulo: ed. Abril, 1980.

7 REFERÊNCIAS ELETRÔNICAS

BANG, F. S. J. A origem do Taekwondo. **.Net**, Marília mar. 2003. Academia Bang. Disponível em: www.bang.com.br/origemman.htm. Acesso em: 17 set. 2004.

LENINE, V. I. O Estado e a Revolução. **.Net**, Estados Unidos: mar. 2004. Marxist Internet Archive. Disponível em: <http://www.marxists.org/portugues/lenin/1917/08/estadoerevolucao/cap2.htm>. Acesso em: 17 set. 2004.

PARK. A história de Park Chung-hee. **.Net**, [] 2002. The Free Dictionary by farlex. Disponível em: <http://encyclopedia.thefreedictionary.com/Park%20Chunghee>. Acesso em: 21 dez. 2005.

TAEKWONDO. História do Taekwondo: Origem e Evolução. **.Net**, Itajubá: fev. 2000. Academia Garras's de Taekwondo. Disponível em: <http://www.garras-tkd.hpg.ig.com.br/Historia.htm>. Acesso em: 31 mar. 2004.

_____. A história do Taekwondo. **.Net**, [] 2002. Federação Internacional de Taekwondo. Disponível em: <http://www.taekwondoitf.com.br/historia.html>. Acesso em: 21 dez. 2005.

_____. Taekwondo: o esporte individual mais praticado no mundo.. **.Net**, []. Disponível em: http://www.academialiberdade.com.br/?acao=canais&pagina_id=6&botao_id_02=2. Acesso em 21 de dez. 2005.

8 REFERÊNCIAS DAS ENTREVISTAS

BANG, K. M. **“Mestre” Kun Mo Bang e o Taekwondo**: depoimento [out.2003]. Entrevistador: F. E. F. Marta. Marília: Academia Bang, 2003. 1 cassete sonoro (30 min). Entrevista concedida para monografia de conclusão da graduação em Educação Física pela Universidade Estadual de São Paulo – UNESP/Bauru.

_____. **“Mestre” Kun Mo Bang e o Taekwondo**: depoimento [fev. 2006]. Entrevistador: T. F. F. Pimenta. Marília: consultório médico do mestre Bang, 2006. 1 cassete sonoro (30 min). Entrevista concedida para dissertação de mestrado em sociologia pela Universidade Federal do Paraná – UFPR.

GOULART, F. **“Mestre” Fábio Goulart e o Taekwondo**: depoimento [fev. 2000]. Entrevistador: T. F. F. Pimenta. Santos: Academia de Taekwondo Fábio Goulart, 2000. 1 cassete sonoro (30 min). Entrevista concedida para relatório apresentado ao conselho nacional de desenvolvimento a pesquisa (CNPq) como exigência para finalização de bolsa de iniciação científica, PIBIC.

_____. **“Mestre” Fábio Goulart e o Taekwondo**: depoimento [jan.2006]. Entrevistador: T. F. F. Pimenta. Santos: Academia de Taekwondo Fábio Goulart, 2006. 1 cassete sonoro (30 min). Entrevista concedida para dissertação de mestrado em sociologia pela Universidade Federal do Paraná – UFPR.

KIM, Y. J. **“Mestre” Yeo Jin Kim e o Taekwondo**: depoimento [fev. 2000]. Entrevistador: T. F. F. Pimenta. São Paulo: Academia Liberdade, 2000. 1 cassete sonoro (30 min). Entrevista concedida para relatório apresentado ao conselho nacional de desenvolvimento a pesquisa (CNPq) como exigência para finalização de bolsa de iniciação científica, PIBIC.

KIYOCHI, C. **“Mestre” Carlos Kiyochi e o Taekwondo**: depoimento [mai. 2006]. Entrevistador: T. F. F. Pimenta. São Paulo: Sociedade Esportiva Palmeiras, 2006. 1 cassete sonoro (30 min). Entrevista concedida para dissertação de mestrado em sociologia pela Universidade Federal do Paraná – UFPR.

LE MOS, J. G. **“Mestre” José Gomes Lemos e o Aikido**: depoimento [jan. 2007]. Entrevistador: T. F. F. Pimenta. São Paulo: Heywa Dojo, 2007. 1 cassete sonoro (30 min). Entrevista concedida para dissertação de mestrado em sociologia pela Universidade Federal do Paraná – UFPR.

NEGRÃO, C. **“Mestre” Carlos Negrão e o Taekwondo**: depoimento [mai. 2006]. Entrevistador: T. F. F. Pimenta. São Paulo: DEF Baby Barion, 2006. 1 cassete sonoro (30 min). Entrevista concedida para dissertação de mestrado em sociologia pela Universidade Federal do Paraná – UFPR.